

**EDIVALDO ANTONIO DOS SANTOS**

**OS DOMINICANOS EM GOIÁS E TOCANTINS (1881-1930)**

**FUNDAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA MISSÃO**

**DOMINICANA NO BRASIL**

Dissertação apresentada à Coordenação do Mestrado em História das Sociedades Agrárias da Universidade Federal de Goiás como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em História, sob a orientação do Professor Doutor Luíz Palacin Gomes.

GOIÂNIA

AGOSTO 1996

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

Quando eu era menina bem pequena,  
pela minha porta, pela minha rua,  
pela minha ponte, via passar  
os frades dominicanos.

Túnica branca, larga correia na cintura  
prendendo um rosário de contas grossas.  
Hábito solto, Cruz ao peito,  
Sapatões pesados.

Um chapéu grande, preto, de abas presas,  
reviradas. Às vezes, também,  
conforme o tempo, anacrônico, enorme,  
um guarda-chuva amarela, abarracado,  
Muito austeros, Muito ascetas, Muito graves.

Corria a lhes pedir a bênção, ganhar santinho,  
Frei Henrique, Frei Constâncio,  
Frei Manuel, Frei Germano,  
E quantos outros... Já nem lembro dos nomes.

Vinham de terras cultas, distantes.

[.....]

**Cora Coralina**

*Aos missionários de ontem e de hoje  
que plantaram e continuam plantando  
a semente do amor, da justiça e da paz...*

## AGRADECIMENTOS

Neste trabalho feito a várias mãos, contei com a ajuda preciosa de instituições e de pessoas maravilhosas. Agradeço a todos que direta ou indiretamente colaboraram comigo neste duro labor. Muitas pessoas colaboraram mesmo sem saber. Uma palavra amiga, uma observação, uma crítica... Tudo soma.

À Ordem Dominicana, comunidade religiosa que aprendi a amar e a admirar desde criança, pelo apoio em todos os níveis. Ao professor orientador Luís Palacin pela orientação segura e confiança em mim depositada. A frei Venturino Alce, por ter tornado possível o meu acesso à valiosa documentação do arquivo geral da Ordem dos Pregadores em Roma, Santa Sabina. À Professora Maria Regina Simões de Paula pelo apoio e incentivo durante o período que fui seu orientando na Pós graduação da USP. À professora Dalisa pelo empenho em tornar possível a minha transferência para a UFG. À professora Gilka e ao professor José Antônio pelas valiosas observações feitas no exame de qualificação. À Capes e à coordenação do mestra do UFG, pela bolsa de estudo. À Cristina, pela preciosa colaboração no manuseio do computador e diagramação final. Ao Zózimo, pela disponibilidade em fazer a revisão lingüística. Aos amigos da Paróquia São Judas Tadeu que souberam compreender a minha ausência da paróquia em função da elaboração deste trabalho e, às vezes, meu “mau humor” em virtude de noites mal dormidas para elaborar e redigir este trabalho. Aos confrades do Convento São Judas Tadeu, na pessoa de frei Humberto, que se desdobraram para suprir as minhas ausências da Paróquia em função deste trabalho acadêmico. E por fim, agradeço sobretudo à Deus, Senhor da Vida e razão primeira de minha existência.

## S U M Á R I O

<b>RESUMO</b> .....	VII
<b>ABSTRACT</b> .....	VIII
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	01
<b>CAPÍTULO I - O PROJETO MISSIONÁRIO DA ORDEM DOMINICANA</b> .....	06
1 - A DIMENSÃO MISSIONÁRIA NO INÍCIO DA ORDEM.....	07
2 - O IDEAL MISSIONÁRIO NA RESTAURAÇÃO DO SÉCULO XIX.....	13
3 - A VINDA DOS DOMINICANOS PARA O BRASIL.....	22
<b>CAPÍTULO II - O PERFIL DO MISSIONÁRIO DOMINICANO NO BRASIL</b> .....	33
1 - A FORMAÇÃO MORAL E INTELLECTUAL, AS DIFICULDADES E A MÍSTICA DO MISSIONÁRIO.....	33
2 - TRÊS EXEMPLOS DE MISSIONÁRIOS.....	41
2.1 - Frei Estevão Gallais: o superior missionário.....	43
2.2 - Frei Gil Vilanova: o intelectual missionário.....	48
2.3 - Dom Domingos Carrérot: o bispo missionário.....	51
3 - A EVANGELIZAÇÃO PACÍFICA.....	57
<b>CAPÍTULO III - OS DOMINICANOS E O CONTEXTO ECLESIAL BRASILEIRO</b> .....	63
1 - CARACTERÍSTICAS DA ROMANIZAÇÃO DA IGREJA NO BRASIL.....	63
2 - A REFORMA DO CLERO.....	70
3 - OS DOMINICANOS E A ROMANIZAÇÃO DA IGREJA EM GOIÁS.....	74
3.1 - Dom Cláudio, o bispo missionário.....	76
3.2 - A colaboração dos dominicanos com o projeto de D. Cláudio.....	79
3.3 - A colaboração na reforma do povo.....	84

<b>CAPÍTULO IV - AS PRINCIPAIS ATIVIDADES APOSTÓLICAS DOS DOMINICANOS.....</b>	<b>87</b>
1 - O PONTO DE APOIO: OS CONVENTOS.....	87
1.1 - Convento São Domingos (Uberaba).....	88
1.2 - Convento Nossa Senhora do Rosário (Goiás).....	92
1.3 - Convento Santa Rosa de Lima (Porto Nacional).....	93
1.4 - Convento São Jacinto (Formosa).....	96
2 - AS MISSÕES EVANGELIZADORAS E AS DESOBRIGAS.....	98
3 - A EVANGELIZAÇÃO INDÍGENA.....	100
3.1 - A longa marcha em busca de índios.....	101
3.2 - A catequese indígena em Conceição do Araguaia.....	102
4 - COM OS SERTANEJOS EM CONCEIÇÃO.....	115
5 - A PRESENÇA DOMINICANA NOS CONFLITOS SOCIAIS.....	119
5.1 - A Revolução de Boa Vista (1892).....	119
5.2 - A invasão de Conceição do Araguaia (1909).....	125
5.3 - Os conflitos de Pedro Afonso e São José do Duro.....	130
5.4 - A Coluna Prestes em Porto Nacional.....	132
6 - A PRESENÇA DOMINICANA NAS ESCOLAS.....	138
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>147</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>153</b>
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>169</b>

## RESUMO

Este estudo apresenta o trabalho missionário da Ordem dos Frades Pregadores (dominicanos) realizado em Goiás e Tocantins no período de 1881 a 1930, descrevendo a sua trajetória no Brasil Central e procurando aprofundar o significado apostólico e cultural de sua presença entre os índios e os sertanejos. Chegaram em Uberaba em 1881, e dessa cidade do triângulo mineiro foram paulatinamente se deslocando em direção ao norte. A análise realizada neste estudo procura mostrar a contribuição dos dominicanos para a sociedade goiana, a relação dos frades dominicanos com o Movimento de Romanização da Igreja no Brasil e a evangelização pacífica desenvolvida por eles. Devido a amplitude do tema a presente dissertação prioriza as ações iniciais, ou seja, os fatos referentes à fundação e à consolidação da Missão Dominicana no Brasil. As principais fontes utilizadas foram: a) livros e relatórios já publicados pelos próprios missionários; b) PRO MEMÓRIA -Boletim Informativo da Província São Tomás de Aquino no Brasil; c) correspondência de 1881 a 1902 que estão no Arquivo Geral da Ordem Dominicana em Roma. Utilizou-se um referencial teórico a partir de uma análise interdisciplinar, procurando utilizar também a mediação da Teologia como um possível referencial teórico para se analisar um fenômeno religioso. Uma análise assim elaborada, permite resgatar para a história a dimensão transcendental da ação evangelizadora do missionário. O estudo apresenta também as interrogações e limites da ação dos missionários dominicanos, particularmente no apostolado exercido junto às populações indígenas.

## **ABSTRACT**

This study presents the missionary work of the Preacher Friars Order (Dominicans) that was realized in “Goiás and Tocantins” from 1881 until 1930, describing their course at central Brazil and trying to deepen the apostolic and cultural meaning of presence among Indians and countrymen. Native of the Dominican Province of “Toulouse” (France) arrived in “Uberaba” in 1881, and from this city they were slowly moving to the north. The analysis carried out in this study tries to show the Dominican’s contribution to Goiás society, the relations of Dominican Friars with the movement returning Roman to the Brazilian Church and the peaceful catechism performed by them. Because of the extent of the topic this dissertation gives priority to the first actions - the facts that refer to the foundation and consolidation of the Dominican Mission in Brazil. The main used research sources were: a) books and reports published by the missionaries; b) informative bulletins from “Província São Tomás de Aquino” in Brazil; c) correspondences from 1881 to 1902 which are in the General File of the Dominican Order in Rome. It was used a theoretical source from an inter-disciplinary analysis. It was also used the mediation of Theology as a possible theoretical reference to analyze a religious phenomenon. An analysis worked out like that, allows to rescue, for the history, the transcendental dimension of the missionary’s catechism action. Besides, the study presents the interrogations and limits of the Dominicans’ missionary action, particularly the missions with Indian populations.



## INTRODUÇÃO

A presente dissertação enfoca o trabalho apostólico e cultural realizado pelos frades dominicanos em Goiás e Tocantins, de 1881 a 1930, período em que desenvolveram suas atividades de evangelização prioritariamente entre os índios e os sertanejos do Brasil central. Esta ação apostólica realizada sobretudo por frades franceses é também chamada de *Missão Dominicana no Brasil*.

Os dominicanos oriundos da Província de Tolosa, França, chegaram à diocese de Goiás em 1881 com o objetivo de exercerem a missão apostólica no sertão goiano, especialmente com os indígenas. Durante os primeiros 50 anos, a ação dos dominicanos se deu praticamente nas regiões do interior. A partir da década de 1920, o interesse pastoral dos filhos de São Domingos se desloca para os grandes centros urbanos da região sudeste do país. Com a fundação do Convento do Rio de Janeiro, em 1927, se inicia, na prática, o processo de desinteriorização dos frades dominicanos da Província de Tolosa em terras brasileiras. Em 1938 e 1946 foram fundados conventos em São Paulo e Belo Horizonte, respectivamente. No mesmo período foram fechados os conventos do Estado de Goiás: Formosa em 1938, Porto Nacional em 1944. O convento da cidade de Goiás, em 1938, foi entregue aos padres dominicanos italianos da Província de Lombardia.

A data de 1930 constitui um referencial cronológico aproximativo, na medida em que as mudanças de rota delineadas pela Ordem Dominicana não se dão abruptamente, mas são fruto de um longo processo de reflexão e amadurecimento das novas perspectiva. De qualquer maneira a data de 1930 pode se constituir como baliza cronológica porque, até esta data, basicamente a mentalidade dos missionários continua sendo a mesma dos primeiros tempos, e também porque, embora ainda continuem com os conventos no norte ,nesta data os planos de ação para o futuro já estão delineados e definidos: abertura de conventos nas grandes cidades do sudeste e fechamento dos conventos do norte.

A hipótese de trabalho apresenta três ramificações em torno das quais foram realizadas as pesquisas para redigir a presente dissertação: a contribuição dos frades dominicanos para a sociedade goiana; a inserção do projeto apostólico dos dominicanos no processo de Romanização da Igreja Católica no Brasil que, na segunda metade do século XIX, constituía o macro projeto eclesial; a evangelização pacífica desenvolvida pelos dominicanos.

Devido a amplitude das obra realizadas pelos dominicanos do período histórico, objeto deste trabalho, fez-se uma seleção de temas. Assim, temas importantes, como a participação dos dominicanos na imprensa, as Confrarias do Rosário, o ministério apostólico junto aos indígenas da diocese de Porto Nacional, não serão abordados. Pelo mesmo motivo, no que se refere à periodização histórica, fez se uma opção, privilegiando mais os fatos iniciais que contribuíram para a fundação e consolidação da Missão Dominicana no Brasil. E conseqüentemente se preocupando menos com os ulteriores desdobramentos. Esta opção aparece bem clara quando se apresenta os aspectos históricos dos conventos, das escolas e da obra catequética em Conceição do Araguaia. Daí a necessidade de se colocar um subtítulo da dissertação para que o título, como um todo, correspondesse melhor ao objeto tratado. Em realidade , esse trabalho

constitui apenas uma introdução à ação apostólica e cultural dos frades dominicanos no Brasil Central.

Para se ter uma visão global do tema, a pesquisa se baseou, em um primeiro momento, nos dados encontrados em dois livros escritos por frades dominicanos, e já publicados: **O Apóstolo do Araguaia**, escrito por frei Estevão Gallais, e **Entre Sertanejos e Índios do Norte**, escrito por Frei José Maria Audrin. São duas obras de inestimável valor devido a experiência missionária de quem as escreveram. O Apóstolo do Araguaia, escrita em 1906, é uma obra sobre o missionário dominicano frei Gil Vila Nova, fundador de Conceição do Araguaia e da obra catequética aí estabelecida. Entre Sertanejos e Índios do Norte, publicada em 1946, tem como eixo central a vida de Dom Domingos Carrérot, apresentando também várias informações sobre a ação apostólica dos missionários.

Outros dois textos escritos por frei Estevão Gallais foram também importantes para a coleta dos dados iniciais: Um conjunto de cartas escritas, em 1900 e 1901, no Brasil dirigidas aos seus ex- noviços na França onde relata com espontaneidade e até com um certo humor as experiências de missionário vividas no Brasil; o Relatório de sua visita canônica, realizada no Brasil de junho de 1892 a janeiro de 1893, enviado ao Mestre Geral da Ordem Dominicana, redigido em 1893 e intitulado **Mission Dominicaine au Brasil**. O texto inédito de Frei José Maria Audrin terminado de redigir em 1965 e intitulado **Evoquant un long passé(1892-1952)** também se constituiu em fonte importante para a coleta de dados. Este texto compõe-se de 192 páginas datilografadas e com correções feito a mão pelo próprio autor, falecido em 1967, com mais de 90 anos dos quais 34 vividos como missionário no sertão brasileiro. Todos estes textos se encontram no arquivo da Província São Tomas, em São Paulo.

A partir destas informações preliminares acrescidas pelas informações recolhidas nas 175 páginas do **Pró Memória**, Boletim Informativo da Província São Tomás de Aquino do Brasil, pelos dados colhidos neste mesmo arquivo, pelas informações obtidas nas revistas *Mission Dominicaine* e *Mensageiro do Santo*

Rosário, pelas leituras das correspondências dos primeiros dominicanos que se encontram no Arquivo Geral da Ordem Dominicana na Cúria Generalícia em Roma, e pelas reflexões e informações obtidas nas consultas feitas às obras citadas na bibliografia deste trabalho, foi possível elaborar esta dissertação que resultou em 4 capítulos.

No primeiro Capítulo é apresentado o ideal missionário próprio da Ordem Dominicana como foi vivido pelos primeiros frades, a época da fundação da Ordem em 1216, e pelos dominicanos franceses em seu país de origem antes de virem para o Brasil. A ação do missionário é uma consequência lógica de suas concepções teóricas. Daí a importância de se conhecer bem o contexto eclesial e social em que foi formado.

O segundo Capítulo traça o perfil do missionário. Formado em um regime austero, dotado de um grande fervor missionário e marcado pela mística do martírio, própria do genuíno cristianismo, é um homem resistente espiritualmente e preparado para enfrentar os dissabores do sertão brasileiro. Através de três exemplos, este capítulo quer mostrar que o **ser missionário** é a sua característica principal. Ser Bispo, intelectual ou superior constitui apenas um mero detalhe. Tem uma visão teológica segundo a qual há algo de divino e de sagrado no ser humano. O índio e o sertanejo devem ser respeitados, pois foram criados a imagem e semelhança de Deus. Nenhuma violência contra eles se justifica. A partir dessa visão antropológica e teológica, apesar de sua ideologia civilizadora e guerreira, ele desenvolve um modo pacífico de Evangelizar.

Na segunda metade do século XIX, a Igreja Católica no Brasil passava por um processo de renovação que se chamou Romanização da Igreja. O terceiro Capítulo mostra como os dominicanos se inseriram nesta nova mentalidade eclesial e qual foi a contribuição que deram para este processo de renovação, sobretudo na diocese de Goiás que os acolhera.

O quarto e último Capítulo apresenta uma série de atividades apostólicas nas quais os Filhos de São Domingos estiveram inseridos. Estiveram presentes como sujeitos de uma história marcada por inúmeros conflitos. A presença nos conflitos, nas missões evangelizadoras, nas desobrigas nas escolas, mostra o envolvimento do frade tanto nas dimensões espirituais como nas materiais. Neste Capítulo é apresentado o trabalho apostólico desenvolvido junto aos indígenas, especialmente na obra catequética de Conceição do Araguaia. Também destaca-se neste Capítulo a presença dominicana na área da educação.

Ao término destas notas introdutórias, cabe ainda uma observação quanto ao referencial teórico utilizado nesta dissertação. Para se analisar um fenômeno religioso como a ação apostólica dos dominicanos é necessário o auxílio de um referencial teórico que seja capaz de captar não apenas as realidades imanentes, perceptíveis no espaço e no tempo. O referencial teórico utilizado neste trabalho não se limita às categorias de uma única teoria, mas a partir de uma análise interdisciplinar, procurou-se também utilizar a mediação da teologia. A *Teologia* é a ciência que busca a compreensão (*Lógos*) da ação de Deus (*Theós*) no mundo. Através da utilização também da teologia como referencial teórico, é possível recuperar para a história as características transcendentais e espirituais de uma obra evangelizadora e cultural como a foi a dos frades dominicanos neste período analisado.

No final do trabalho fica uma questão: qual foi o significado da ação missionária junto às populações indígenas? Após um balanço das várias críticas feitas a esse trabalho apostólico procurou-se tirar uma conclusão levando em conta a dimensão espiritual e transcendente do trabalho de evangelização realizado pelos dominicanos no Brasil central.

## CAPÍTULO I

### O PROJETO MISSIONÁRIO DA ORDEM DOMINICANA

A itinerância, a busca de novas fronteiras, a dimensão missionária, sempre foi algo precioso aos olhos da Ordem dos Frades Pregadores, ao longo da história. O Capítulo Geral de Ávila expõe claramente esta tradição Dominicana:

A Igreja está no meio dos povos para evangelizar . Assim ela continua e atualiza a missão de Cristo. A ênfase dada ao caráter missionário e evangelizador da Igreja no Concílio Vaticano II , na Evangelii Nuntiandi, torna particularmente atual o projeto fundacional de São Domingos. É responsabilidade de toda família dominicana atualizar esse projeto e ativar a missão específica da Ordem no meio do mundo. Dois traços caracterizam a missão dominicana desde as suas origens: a)foi e deve continuar sendo uma missão de fronteiras; b) exigiu e exige da comunidade dominicana a atitude e a prática da itinerância, a mobilidade, o contínuo deslocamento em direção a novas fronteiras . Descobrir estas fronteiras e tomar consciência delas, é o primeiro passo para identificar os desafios que se apresentam para a missão da Ordem. Estas fronteiras nos indicam as prioridades de nossa missão.<sup>1</sup>

Entusiasmados pelo ideário de uma verdadeira missão os filhos de São Domingos da Província de Tolosa, França, no final do século passado romperam as fronteiras da pátria, da cultura e do conforto e se estabeleceram em pleno centro do Brasil, numa região ainda inóspita e desprovida de todo conforto. Foram

---

<sup>1</sup> ORDEM DOS FRADES PREGADORES. *Atas do Capítulo Geral de Definidores* celebrado em Ávila(Espanha) de 7 a 27 de agosto 1986, número 22.

verdadeiros missionários entre os índios e os sertanejos do Brasil Central. Com razão afirma Frei Lustosa: “A Ordem dos Frades Pregadores se implantou no Brasil em perspectiva essencialmente missionária. O Brasil era terra de missões. E os dominicanos vieram para colaborar na implantação da Igreja e no seu desenvolvimento entre os sertanejos, realizando eles a sua tarefa, a serviço da Palavra.”<sup>2</sup> Frei Lustosa prossegue: “A evangelização do povo se torna o centro de todas as preocupações desses apóstolos. Pela pregação do rosário, pelas missões populares, conseguem levar a mensagem da Boa Nova a dezenas de povoados sem pastor.”<sup>3</sup>

#### 1- A DIMENSÃO MISSIONÁRIA NO INÍCIO DA ORDEM

Os missionários franceses que chegaram ao Brasil eram fiéis seguidores da mais genuína tradição missionária da Igreja Católica e da Ordem Dominicana. Aqui viveram e aprofundaram os valores missionários assimilados no continente europeu.

A Igreja Católica é, desde as suas origens, essencialmente missionária. Nos Atos dos Apóstolos, livro bíblico que narra a vida das primeiras comunidades cristãs, já encontramos expressada de maneira significativa esta dimensão: “Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, na Judéia, na Samaria e até os confins do mundo”<sup>4</sup>. Também em outro livro bíblico, Evangelho de Mateus, encontramos este mesmo aspecto quando Jesus ordena aos onze apóstolos: “Ide, pois ensinai a todas as nações;...”<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup>LUSTOSA, Alexandre, A Ordem dominicana no Brasil. In : **Dominicanos DCCL**. São Paulo : Duas Cidades, 1966. p.135-136.

<sup>3</sup>Id., Ib., p.136.

<sup>4</sup>Bíblia Sagrada. **Atos dos Apóstolos** 1:8

<sup>5</sup> Id.,Ibid., 28:19

Seguindo as orientações do mestre, os discípulos de Jesus romperam fronteiras e atingiram novos lugares, pregando e enfrentando os desafios das realidades emergentes. Ao longo da história também as FAMÍLIAS RELIGIOSAS (Ordens, Congregações ,Institutos) são chamadas a continuar, a descobrir novas fronteiras e novos desafios onde deverão exercer o ministério apostólico.

As Famílias religiosas chamadas a colaborar na atividade missionária da Igreja procuraram ao longo da história dar uma resposta satisfatória aos apelos eclesiais. A Ordem dominicana, fundada em 1216 , por São Domingos de Gusmão ,participou ativamente das atividades missionárias da Igreja dividindo com ela os êxitos e os fracassos verificados no decorrer da história.

Entretanto nem sempre o fervor missionário esteve presente no seio da Igreja Católica. Houve períodos de estagnação, como também períodos de entusiasmo e fervor. Após um período de estagnação missionária, houve na Igreja católica , no século XIII , um surto de evangelismo que se revelou, logo de início, como um autêntico movimento missionário. As Ordens mendicantes (Dominicanos e Franciscanos) lideradas pelos seus respectivos fundadores, São Domingos de Gusmão e São Francisco de Assis, foram as grandes propulsoras desses movimentos<sup>6</sup>. São Francisco deixou seus discípulos em Assis para ir ao oriente para tentar pessoalmente a conversão do sultão do Egito. São Domingos sempre sonhou em pregar o Evangelho aos cumanos.

A inspiração missionária esteve presente em toda a vida de Domingos. As grandes atividades missionárias da Ordem Dominicana,sobretudo em seu

---

<sup>6</sup>Nos séculos XI e XII surgiram no seio do cristianismo europeu alguns movimentos que buscavam a renovação do tecido eclesial católico. Entre estes pode-se citar os Valdenses que se inicia com a conversão do fundador Pierre Valdo em 1173 (ou 1176) , as comunidades rurais na Itália e Alemanha(final do século XII e início do século XIII), e a “Pataria “ milanesa no século XI. O surgimento das Ordens Mendicantes foi uma resposta a nível eclesial à esses movimentos que de certa maneira caminhavam não somente à margem da Igreja Católica mas sobretudo em oposição a ela.



início , foram frutos do grande dinamismo missionário presente na vida de seu fundador.

Na passagem do século XII para o século XIII a cristandade medieval, já em seu apogeu, começou a passar por transformações que a puseram em questão. As constantes ameaças dos “povos bárbaros”(tártaros, muçulmanos,etc) despertaram uma nova consciência no seio da cristandade medieval. Sua catolicidade(universalidade) foi questionada. Aos poucos vai tomando consciência que não cobre toda a humanidade e que tão pouco realiza a “Cidade de Deus”.

Por outro lado, nas cidades e nas escolas, surge uma nova sociedade que aspira um tipo de vida diferente do apresentado pelo feudalismo e pela Igreja. De fato a Igreja aparecia então muito ligada ao mundo antigo e estável da feudalidade a qual oferecera quase toda a sua cultura e sua inspiração ética. Com o desenvolvimento do comércio e o conseqüente surgimento do movimento comunal, um mundo novo vem a tona:**a sociedade urbana**. Neste novo contexto surge Domingos de Gusmão com o seu novo Projeto de Evangelização, um projeto essencialmente apostólico e missionário: a fundação em 1216 da Ordem dos Frades Pregadores, cujo objetivo principal era a pregação do Evangelho no novo mundo nascente.

A história mostra que , periodicamente, a Igreja é como que sacudida por uma vibração evangélica que repercute em todo o seu corpo. Dir-se-ia que o “virus” do Evangelho , escondido no interior de seu imenso organismo, sobe-lhe violentamente à consciência, numa ânsia de mudança e renovação. Desperta-se a “memória perigosa” da Igreja que se lembra de suas origens e empreende uma volta à verdade e ao fervor do Evangelho, sua fonte primeira de inspiração e norma definitiva de sua “práxis”. São os maiores momentos de sua história apesar das turbulências que provocam. O projeto apostólico de Domingos de Gusmão, ao fundar a Ordem dos Frades Pregadores, constitui um desses grandes momentos da história do cristianismo. É uma volta às

fontes do Evangelho, sempre gerador de vida e sempre apto a fermentar a nova missão que a história lhe oferece.

Para os movimentos libertários da época, que viviam à margem da Igreja e na maioria das vezes contra ela, viver como apóstolo consistia em andar a pé, dois a dois em grande humildade, sem carregar ouro ou moeda, sem possuir nada e esperar que as pessoas lhes oferecessem alimentos. Em suma, era tornar-se mendigo. Apesar de poderosa, a Igreja Católica carecia de instrumentos adequados para evangelizar a nova classe formada por artesãos, comerciantes e intelectuais que chegavam ruidosamente ao cenário da história, e para combater a heresia paupertária com suas próprias armas, isto é, com a vida de pobreza evangélica.

Neste contexto, como já se acenou neste trabalho, surgiram os frades mendicantes: **franciscanos e dominicanos**. Os componentes destas duas instituições religiosas deveriam pregar o Evangelho como “mendigos”, como andarilhos, levando uma vida austera marcada pelo testemunho de pobreza material. Era necessário dar uma resposta adequado aos novos desafios da história. A volta ao Evangelho, a imitação dos apóstolos, como então se dizia, meditada e vivida por homens novos, num clima europeu novo e em consonância com uma Igreja que, na pessoa do Papa Inocêncio III, procurava novos caminhos, suscitou idéias novas e instituições novas. Seu evangelismo não foi vivido em si mesmo, como algo a parte, mas em relação com o mundo que os viu nascer e que eles, por sua vez ajudaram a moldar.

Domingos e seus companheiros viveram intensamente os problemas de sua época.<sup>7</sup> Abraçaram os ideais, as lutas e as conquistas, superando-as,

---

<sup>7</sup>Faz parte da tradição da Ordem Dominicana não ficar alheia aos problemas de uma determinada época, pois é uma Ordem Apostólica. Faz parte da mística da Ordem se posicionar diante dos fatos históricos mais significativos. Por exemplo: quando chegaram à América Latina, em 1510, os dominicanos se posicionaram frente a questão indígena; ofereceram o seu convento para as reuniões dos revolucionários franceses no final do século XVIII; inseriram-se no projeto de renovação da Igreja no Brasil no final do século passado e início deste; posicionaram-se frente a ditadura militar instaurada no Brasil a 31 de março de 1964. E mesmo na questão da inquisição houve um posicionamento dos frades dominicanos.

entretanto, naquilo em que se desviavam do ideal maior e absoluto do Evangelho. Por exemplo, substituíram a idéia de Cruzadas contra os infiéis pela de Missão.<sup>8</sup> Foram grandes missionários, evangelizando os quatro cantos do mundo. A Ordem Dominicana foi de fato o primeiro instituto realmente missionário na história da Igreja.

Em 1216 São Domingos de Gusmão obteve do Papa Honório III a confirmação definitiva da Ordem dominicana. Desde então manifestava o seu desejo de ser missionário entre os povos pagãos, especialmente entre os Cumanos. Os Cumanos, nação pagã das regiões balcânicas, famosos por sua crueldade, tornaram-se a obsessão de Domingos. Somente a morte, que sobreveio em 1221, o impediu de realizar o seu intento.

O ardor missionário dos primeiros tempos era muito forte. Rapidamente a Ordem dominicana se espalhou por todo o mundo.

O Primeiro Capítulo Geral da Ordem, celebrado em Bolonha, na festa de Pentecostes de 1220 e presidido por ele (Domingos) foi o ponto de partida de uma expansão missionária ainda maior. Em 1221, Paulo da Hungria, com quatro companheiros, foi encarregado de atingir os Cumanos. Depois de várias peripécias, em que sofreram privações, prisões e até martírio (dois deles foram trucidados), conseguiram chegar às margens do Dnieper, onde dois chefes cumanos e muitos de seus súditos abraçaram a fé cristã.<sup>9</sup> O relato do dominicano Gerardo de Franchet<sup>10</sup> expõe de maneira clara o fervor inicial dos primeiros tempos da Ordem dos Pregadores:

---

<sup>8</sup>A evangelização através de meios pacíficos também é uma outra tradição dos dominicanos. Esta tradição, foi testemunhada de maneira forte pelos primeiros dominicanos que chegaram ao Brasil, no final do século XIX.

<sup>9</sup>CINTRA, Raimundo de Almeida. Participação dos Dominicanos nas atividades da Igreja. In **Dominicanos DCCL**. São Paulo: Duas Cidades. 1966. p.40.

<sup>10</sup>O livro *Vitae Fratrum* (vidas dos irmãos), escrito por frei Gerardo de Franchet de Limoges (1195-1271) é um dos primeiros livros escritos sobre a vida e os costumes dos frades dominicanos, no primeiro século da Ordem. Franchet fez uma seleção de todo o material escrito que foi enviado ao Mestre Geral pelos frades de toda a Ordem, conforme determinação do Capítulo Geral de 1226,

Frei Humberto, Mestre geral da Ordem, mandou, no princípio do seu cargo, que onde quer que houvesse frades dispostos a embarcar rumo a terras de pagãos e aprender os seus idiomas para alargar o reinado do nome do Senhor, lho comunicasse. E ninguém pode calcular quantos e quantos foram os frades e de quão remotas regiões se ofereceram para levar a semente, que, até pelo sangue derramado e a morte do Filho de Deus, suplicaram ao Mestre que os enviasse, dispostos sempre a suportar o martírio para enaltecer a glória e a fé do Salvador entre os pagãos.<sup>11</sup>

Um século após a fundação, o fervor missionário ainda persistia e o Papa João XXII exclamava a respeito dos dominicanos: "Verdadeiramente estes frades foram criados para brilhar na Igreja do Senhor!"<sup>12</sup>

O fervor missionário e a mística do martírio foram marcas características das primeiras comunidades cristãs. Algo semelhante também aconteceu nos primeiros 100 anos da Ordem Dominicana. Convém ressaltar, no entanto, que ao longo da história, tanto no cristianismo como na Ordem, houve momentos de desleixo, de acomodação e de afastamento do fervor inicial.

## 2 - O IDEAL MISSIONÁRIO NA RESTAURAÇÃO DO SÉCULO XIX

Os dominicanos que chegaram ao Brasil no final do século passado eram originários de um ambiente de fervor missionário semelhante ao dos primeiros tempos da Ordem. Os dominicanos franceses do último quartel do século XIX vivia um momento de entusiasmo, fervor e amor a causa do

---

celebrado em Paris. A primeira redação é concluída em 1260. Em 1271 conclui a segunda redação. Obra comunitária, constitui uma fonte obrigatória para todo aquele que queira conhecer a espiritualidade e a mística dos primeiros tempos da Ordem Dominicana.

<sup>11</sup>FRANCHET, Gerard de. **As Vidas dos Irmãos**. Fátima (Portugal) : Secretariado Provincial, 1990. p. 143-144.

<sup>12</sup>BERNADOT, Vicente Maria. **La Orden de Predicadores**. Bogotá : Editorial A B C, 1948. p. 151.

Evangelho. Viviam em um momento privilegiado da história da Ordem. Sonhavam ser missionários pregando o Evangelho em terras distantes. Havia um entusiasmo irresistível no coração desses homens. Na dinâmica histórica de altos e baixos viviam em momento de alta. A divisa episcopal do primeiro bispo de Porto Nacional reflete bem este contexto: **Ecce Ego; mitte me** ( Eis me aqui; Senhor, envia-me) . Se sentiam como simples servos e instrumentos de Jesus Cristo.

Eram também homens dotados de uma extraordinária capacidade de sofrer por uma causa. Possuíam em grau elevado a mística do sacrifício. Pela causa do Evangelho eram capazes de passar pelos mais duros sofrimentos e privações. O relato que o Pe. Gallais faz de uma de suas viagens pelos sertões do Brasil testemunha esta mística do sacrifício. Escreve ele aos noviços de Tolosa:

O lado prosaico, é de ter que montar uma velha mula de aparência vulgar, de ficar estupidamente escanchado em seu dorso de oito a dez horas por dia; de ter que suportar durante este mesmo tempo os ardores de um sol inclemente, de tirar a língua quando não se encontra água para se desalterar e de cerrar a cintura de tempos em tempos quando se deve esperar o após meio dia para almoçar; e de suar como uma esponja molhada, ao longo do caminho, de ser devorado noite e dia por toda variedade de insetos que povoam o universo.,etc.,etc., etc. Ao lado disso há a graça de estado, o sentimento que se trabalha para Deus. Ora quando a gente sua por Deus, mais sua, melhor, ...<sup>13</sup>

A mística do martírio e do sacrifício não era algo acidental o apenas complementar na vida do frade. Pelo contrário , fazia parte da própria estrutura do missionário. Esta mística já havia incorporado de tal modo em sua vida que era algo constitutivo de sua própria personalidade. Esta mentalidade não se formou repentinamente. Não se formam mentalidades de um dia para o outro. Leva dezenas de anos e às vezes séculos. A mentalidade do missionário que veio para o Brasil era firme e sólida porque foi talhada ao longo de

---

<sup>13</sup>ESTEVÃO, Gallais. **Cartas do Brasil**. Juiz de Fora : Dominicanos, 1995. p. 18

vários anos. Gerações e gerações de frades foram formadas dentro de um contexto marcado pela dor, pelo sofrimento e pelo martírio.

Pode-se colocar como data básica a Revolução Francesa . Os frades dominicanos foram um dos alvos principais do governo liberal instaurado na França a partir de então. O início da Revolução Francesa em 1789 abriu um século de crises e perseguições para toda a Igreja Católica , para todas as Ordens e Congregações Religiosas. “Um após outro os países suprimiram as Ordens religiosas; em alguns locais tal era feito por um simples édito, noutros lados as casas religiosas iam sendo fechadas passo a passo.”<sup>14</sup>

Quando a Revolução começou, a Ordem Dominicana era florescente em todo mundo. Tinha 52 Províncias, muitas Congregações e mosteiros e cerca 20.000 frades.<sup>15</sup> No início do século XIX a Ordem Dominicana existia apenas na Itália, na Península Ibérica e na América Espanhola, mas em via de completo desaparecimento. Vítima, como toda Igreja, do clima social, político e anti religioso da época, é supressa várias vezes naqueles países. Na França, por exemplo, a revolução de 1789 a extinguiu completamente. Em 1876 a Ordem Dominicana atingiu o seu menor contingente desde o século XIII. Neste ano os frades dominicanos em todo o mundo eram 3.474.<sup>16</sup>

A Revolução Francesa traz em seu bojo uma cosmovisão secularista que exclui o transcendente: Deus não age onde o homem age. Deus é concebido como absoluto, autoritário e sem respeito para com a liberdade humana. Deus escraviza a pessoa humana , e por conseguinte deve ser expulso do coração da vida. Deus bate em retirada ao som do tacão do homem. Consequentemente também a Igreja católica e as Ordens Religiosas devem bater em retirada seja por bem ou por mal. A ideologia burguesa desta

---

<sup>14</sup>HINNEBUSCH, W. A. **Breve história da Ordem dos Pregadores.** Porto : Família dominicana, 1985. p. 195.

<sup>15</sup>Id. Ibid., p. 196

<sup>16</sup>Id. Ibid., p. 202

Revolução proclama a **Igualdade** de todos perante a lei mas é excludente. Exclue aqueles que pensam diferentemente dela. Proclama a **liberdade** mas coloca nos cárceres os seus opositores: “Os dominicanos foram encarcerados, exilados, pôr vezes mortos, e centenas houve que fugiram da França.”<sup>17</sup> Anuncia a **Fraternidade** mas traz em seu bojo uma violência institucionalizada e estrutural. A Ideologia burguesa não é acidentalmente má como ingenuamente apregoam membros da própria Igreja Católica. Dentro dos parâmetros da ética cristã ela é intrinsecamente má. Os acontecimentos posteriores à Revolução Francesa comprovam esta tese, pois foi justamente no seio da Revolução burguesa (Francesa) de 1789 que se deu um dos momentos mais sangrentos e violentos da história, violência esta que atingiu de cheio a própria Igreja Católica.

O **Tribunal Revolucionário** em 1793 “aprisionou mais de 300 mil suspeitos, e destes 17 mil foram condenados à morte, enquanto muitos outros morreram nas prisões esperando o julgamento.”<sup>18</sup> O ódio contra o cristianismo levou os revolucionários franceses à resoluções extremas: substituição do calendário cristão pôr uma Cronografia Revolucionária (1793), instituição do culto da **Deusa Razão**, publicação de decretos intimando todos os padres a abjurar seu sacerdócio, instituição da Constituição Civil do Clero (todos os padres eram obrigados a jurar fidelidade à Constituição), expropriação dos bens da Igreja, secularização da vida religiosa, perseguição e deportação dos padres refratários, etc... A execução do decreto que condenava à deportação todos os frades refratários teve um final odioso:

A deportação para Caiena devia começar no fim de 1793. Como as esquadras britânicas bloqueassem a costa, as naus lotadas de sacerdotes tiveram que esperar, geralmente durante meses, aguardando uma oportunidade para partir.

---

<sup>17</sup>Id. Ib., p. 208.

<sup>18</sup>ARRUDA, J. Jobson de. **História Moderna e Contemporânea**. São Paulo : Ática, 1980. p.165.

Milhares de padres pereceram vítimas dos maus tratos e das privações, e às vezes, também, de fuzilamento e até afogamento em massa”.<sup>19</sup>

E tudo isso foi feito em nome da **Liberdade, Igualdade e Fraternidade!**

A ofensiva contra as Ordens religiosas se espalhou por outros países da Europa. Na Alemanha, por exemplo, foram confiscadas propriedades da Igreja e muitas casas religiosas foram fechadas. Em 1825 não havia mais províncias dominicanas na Alemanha. Napoleão Bonaparte fechou casas religiosas na Itália e nos Estados Pontifícios. Na Espanha a invasão napoleônica de 1808 espalhou o terror entre os religiosos com o fechamento de muitos Conventos e o martírio de vários religiosos. Somente em Aragão, 400 frades e freiras dominicanos morreram de 1808 a 1815. Em 1820 os Conventos dominicanos em Madrid, Barcelona e Saragoza foram invadidos e saqueados.

A nível de América Latina os estragos foram igualmente grandes. Na Argentina, no Chile, na Colômbia, no Peru houve confiscos de propriedades dos dominicanos. No México em 1861 o governo liberal de Benito Juárez, quase destruíram as Ordens Religiosas. Na Guatemala a revolução liberal aboliu as ordens religiosas em 1870.

Todas as Ordens sofreram perseguições neste período pós revolução. Porém a Ordem dominicana sofreu mais do que as outras. Os Revolucionários odiavam mais os dominicanos em virtude da severidade doutrinal e do apoio à Monarquia. Assim com todos esses problemas a Ordem dominicana ficou reduzida a cinzas. A vida apostólica e a vida espiritual praticamente deixaram de existir na primeira metade do século XIX. Entretanto, os dominicanos franceses não se opuseram à Revolução Francesa em seu início. Pelo contrário, saudaram com alegria as mudanças propostas pela Revolução. Colaboraram

---

<sup>19</sup>ROGIER, L. J.; SAUVIGNY, J. de Bertier de. **Nova História da Igreja: Século das Luzes, revoluções, restaurações** v. IV. Tradução por Leonardo P. Smeele. Petrópolis : Vozes, 1971. p. 139.



dando sugestões à Assembléia Constituinte Nacional. Cederam, inclusive, o Convento dominicano Saint Jacques, primeiro Convento da Ordem em Paris<sup>20</sup> para as reuniões do Clube Revolucionário Jacobino. Esta aproximação entre frades e revolucionários era normal uma vez que “A Revolução Francesa, na sua origem e intenções, não se dirigia contra a Igreja, a religião, nem contra o Clero.”<sup>21</sup> Mesmo aqueles revolucionários que tinham perdido a fé na revelação, e para os quais o melhoramento da vida nesta terra era a única meta não tinham em mente nenhuma campanha contra a Igreja. A França era um país extremamente católico e com um número grande de clero e religiosos. Para uma população de 25 milhões de habitantes havia 135 bispos, 70 mil padres seculares, 30 mil frades e 40 mil religiosas.<sup>22</sup>

Logicamente havia alguns descontentamentos: a taxa de dízimo era considerada alta; a grande maioria dos bispos e abades viviam em um escandaloso luxo; havia desigualdades entre o clero. Entretanto em seu conjunto a Igreja Católica gozava de prestígio, pois cuidava dos doentes, dos pobres, do ensino sem receber nada do Estado. Na véspera da Revolução mais de dois mil e duzentos asilos e instituições análogas estavam sob a responsabilidade da Igreja. A Igreja investia muito no ensino onde gastava uma verdadeira fortuna. A convocação dos Estados Gerais, na primavera de 1789, foi precedida de uma celebração religiosa que “consistiu numa procissão com o Santíssimo, carregado pelo Arcebispo de Paris, Mgr. de Juigné, seguido pelo Rei e por todos os deputados, todos com uma vela acesa na mão inclusive Mirabeau, Robespierre. Seguiu-se uma missa pontifical”.<sup>23</sup> Esta piedade de conveniência, “piété de convenance” estava presente na maioria dos ideólogos. O próprio

---

<sup>20</sup>Os dominicanos que aí residiam eram chamados Jacobinos. Por analogia, os revolucionários que se reuniam neste convento foram chamados de Jacobinos.

<sup>21</sup>ROGIER, L. J.; SAUVIGNY, J. de BERTIER de. op. cit. p.127.

<sup>22</sup>Id. ib. p. 126.

<sup>23</sup>Id. ib. p. 127.

Voltaire mandou construir uma capela na sua fazenda de Ferney onde se rezava missa e cumpria sua páscoa todos os anos.<sup>24</sup>

A piedade de conveniência constitui apenas um dos tentáculos desta revolução profundamente marcada pela dicotomia entre teoria e prática. O próprio Robespierre, chamado de incorruptível, que, quando no poder, levou muitos a guilhotina, foi vítima dela: A 9 do Termidor (27 de julho de 1794) foi levado a guilhotina.

Aqui surge uma questão: porque falar dessa situação dos dominicanos na Europa se o presente trabalho é sobre a Ordem no Brasil? É importante conhecer o contexto onde se formaram os frades dominicanos que vieram para o Brasil. Assim se entende melhor a firmeza e a coragem para **enfrentar** tantas dificuldades pelas quais tiveram que passar em terras brasileiras. Ainda dentro do contexto europeu e mais especificamente da França torna-se mister apontar um outro aspecto relevante: a restauração da Ordem dominicana que praticamente teve que renascer das cinzas. Neste processo de restauração dois homens se destacaram: Lacordaire e Jandel.

Lacordaire (1802-1861) antes de ser frade dominicano já era um pregador de renome na catedral Notre Dame em Paris. Jornalista brilhante, advogado e pregador que cativa todos os meios da época. Entre as elites ouvintes de suas conferências estão Lamartine, Chateaubriand, Victor Hugo, Munet e Tocqueville. Em 1837, se recolhe para se entregar ao silêncio e ao estudo da ciência teológica. Em 1839, já padre secular há doze anos, toma o hábito dominicano. Era, então, um pregador de grande prestígio e uma personalidade muito polêmica nos meios eclesiais da França.

Decidido a restaurar a Ordem Dominicana na França, frei Enrique Domingo Lacordaire retomou a sua pregação na Catedral de Notre Dame em Paris, atraindo muitas vocações. Abriu um noviciado e vários conventos antes da

---

<sup>24</sup>Id. ib. p. 126.

década de 1840 . Foi nomeado Provincial quando a França voltou a ser Província em 15 de setembro de 1850. Defensor da liberdade combatia com veemência as leis e as doutrinas que feriam os princípios da liberdade. Em nome desta defendia o direito das Ordens Religiosas, perseguidas, denegridas e desfiguradas pelos liberais franceses. No período em que foi deputado na Assembléia Constituinte, se apresentava sempre de hábito dominicano nas sessões e rechaçava as posições daqueles que diziam que o uso do hábito era ilegal. O próprio Procurador Geral do Tribunal de Paris declarara a ilegalidade do uso do hábito religioso durante as sessões da Assembléia Constituinte<sup>25</sup>. Defensor das idéias democráticas estava sempre em conflito com a burguesia conservadora e com a nobreza. Os sermões de Lacordaire era comentado e discutido pela imprensa, atingindo assim quase toda a França de então.

Com Lacordaire assistimos uma verdadeira “refontalização” da Ordem em relação ao espírito que lhe é próprio e às instituições fundamentais de seu Fundador. Além de restaurador, é certamente Lacordaire o tipo mesmo do filho de São Domingos e, sem exagero algum, o segundo fundador da Ordem<sup>26</sup>. De sua ação surge os diversos ramos da Ordem: Pregadores, Monjas, Ordem Terceira Secular e Regular. Cria ainda uma Ordem regular para a educação da juventude.<sup>27</sup> Lacordaire foi um homem audacioso que amou profundamente o seu tempo . Sua capacidade intelectual foi reconhecida também pela sociedade civil: em 1848 foi eleito deputado pelo povo francês e em 1860 se tornou membro da Academia Francesa de Letras.

---

<sup>25</sup>CHOCARNE, P. **Lacordaire**: su vida íntima y religiosa. Buenos Aires : Difusion, 1942. p. 285.

<sup>26</sup>Quando Lacordaire entrou para a Ordem Dominicana já se perguntava se a Ordem não seria uma grande idéia em extinção. Após ter pensado em fundar uma outra Congregação Religiosa, ao deixar o clero secular, Lacordaire observa com mais profundidade e descobre o grande potencial da Ordem Dominicana. Assim ele explica as razões de sua opção pela Ordem de São Domingos: “Se Deus nos concedesse o poder de darmos origem a uma Ordem religiosa, estamos certos de que, após madura reflexão, não descobriríamos nada de mais novo ou que melhor se adaptasse aos nossos tempos e suas necessidades do que a regra de S. Domingos. Não tem nada de velho senão a sua história e não haveria vantagem alguma em dar tratos à imaginação apenas pela mera satisfação de criar algo datado de ontem” (Hinnebusch, op. cit., p. 201)

<sup>27</sup>MENDONÇA, José de Azevedo. Lacordaire restaura a Ordem da Palavra. In: **Dominicanos DCCL**, op., cit., p. 50.

Um dos principais discípulos de Lacordaire, o Pe. Jandel, se torna Vigário Geral da Ordem em 1850 e em 1855, Mestre da Ordem. Trouxe liderança e um projeto que foi possível colocar em prática em virtude do longo tempo que permaneceu no comando da Ordem dominicana. Permaneceu no governo até 1872. Durante estes 22 anos a Ordem recuperou a sua unidade, renovou seu espírito, reorganizou suas províncias, reativou seu governo e ampliou seu ministério. Quando Jandel assume o comando geral da Ordem dos Frades Pregadores a disciplina religiosa estava relaxada. Muitos conventos haviam abandonado completamente a vida comunitária. Recuperar o espírito religioso entre os poucos frades restantes foi uma tarefa gigantesca. As circunstâncias históricas havia dispersado os frades e impregnado neles características individualistas muito fortes.

A proposta de Jandel para a Ordem era mais rigorosa que a de Lacordaire. Enquanto Lacordaire pregava a necessidade de adaptação das Constituições à realidade contemporânea, Jandel pregava uma fidelidade mais rigorosa às leis e às Constituições, de modo especial ao jejum, à abstinência e às matinas de meia noite. A linha de Jandel era de estrita observância. Apesar das resistência no interior da própria Ordem esta linha prevaleceu e a Ordem cresceu, se fortaleceu e recuperou o mesmo ardor dos primeiros tempos.

Os missionários dominicanos que vieram para o Brasil no final do século passado foram formados dentro dos princípios da restauração do Pe. Jandel: austeridade e estrita observância. Em 1881 o superior da comunidade dominicana de Salamanca, pe. Gallais, escreve ao Mestre da Ordem apresentando a disposição dos religiosos daquela comunidade em viver os valores dominicanos: "Todos os padres como os noviços tem no momento ótimas disposições: vivem em paz e perfeita caridade... e desejam observar fielmente até a morte as regras de nossa santíssima ordem".<sup>28</sup> Nesta mesma carta Pe. Gallais também destaca que a comunidade tem grande "aplicação no estudo".

---

<sup>28</sup>Cf. Arquivo Geral da Ordem dos Frades Pregadores XIII 36092, Santa Sabina, Roma.

A impositão da ação missionária dominicana aqui no Brasil está estreitamente vinculada à mentalidade renovada dos dominicanos franceses exilados em Salamanca. A experiência de exílio constitui também uma experiência marcante vivida pelas primeiras levas de frades que aportaram em terras brasileiras. As dificuldades provocadas pela experiência do exílio reacenderam ainda mais o já forte fervor missionário.

O encadeamento e a concretização da restauração foi reacendendo o fervor missionário no coração dos frades. O próprio Mestre Geral em 1870 manda uma Carta Circular à toda Ordem enfatizando a missão evangelizadora dos dominicanos. Em 1877, D. Pedro Lacerda, bispo do Rio de Janeiro, visita o convento dominicano Saint Maximin na França. A partir de então o sonho começa a se concretizar. Começam a vislumbrar o lugar concreto de realizar o sonho: Brasil. Pretendiam o quanto antes vir missionar no Brasil. Seria para eles uma porta aberta diante das dificuldades e perseguições religiosas na França. Começam a ter pressa. Quanto mais rápido abrissem-lhes esta porta melhor. Ademais a fundação de uma missão no Brasil se enquadrava perfeitamente dentro do espírito da restauração da Província de Tolosa. O pe. Provincial Luiz Mas, entusiasta da Missão no Brasil, em 1877 faz uma peregrinação à Sainte Baume para recomendar a feliz idéia da Fundação à Santa Madalena<sup>29</sup> de quem era um fiel devoto. Lá na gruta compôs os seguintes versos:

Où tu versas des pleurs amers  
Je mets á tes pieds, Madeleine  
la mission brésilienne,  
Fleur a naître au delá des mers.

Mes bras, dans des vives ardeurs,  
Embrassent des tribus sauvages,  
Et mes yux, de lointains rivages,  
qu'on ne peut voir de ces hauteurs.

Alors, dans des flots de prières,

---

<sup>29</sup>Santa Maria Madalena, chamada apóstola dos apóstolos por ter anunciado o Cristo Ressuscitado aos discípulos de Jesus, é tida como padroeira da Ordem Dominicana, uma Ordem eminentemente apostólica.

Pour qui mon coeur t'invogue-t-il,  
Madeleine? Pour le Brésil,  
Pour nos premiers missionnaires..<sup>30</sup>

### 3 - A VINDA DOS DOMINICANOS PARA O BRASIL

Como já se viu neste trabalho grande era o desejo dos dominicanos da Província de Tolosa (França) de virem missionar no Brasil. Entretanto nem sempre se reuniam as condições necessárias para colocar este ideário em prática.

Na segunda metade do século XIX surgem fatos novos que viabilizaram a fixação regular de dominicanos no Brasil. No interior da Ordem Dominicana o governo do Pe. Jandel de 1850 a 1872 retomou o esforço de recuperação da Ordem. Este esforço aos poucos se refletiu na vida de todas as Províncias e tornou possível o crescimento numérico significativo a partir de 1870. Em 1880 o governo francês imbuído do liberalismo anticlerical expulsa os religiosos da França. O convento de S. Maximino foi arrombado e os religiosos deste convento de estudo da Ordem dominicana foram transferido para o Convento de Santo Estevão em Salamanca, Espanha.<sup>31</sup> Também este Convento tinha uma forte tradição missionaria. Nele viveram muitos missionários enviados à América

---

<sup>30</sup>Padre Mas, Apud FORTINI, Frei Reginaldo. **Apontamentos Para uma História da Ordem no Brasil**. Juiz de Fora : Dominicanos, 1985, p. 4. Onde tu derramaste lágrimas amargas, eu ponho a teus pés, Madalena, a missão brasileira, flor nascente no além-mar. Meus braços, em vivos ardores, abraçando tribos selvagens, e meus olhos, de longínquas paragens, que não se podem ver destas distâncias. Então em arroubos de orações, por quem meu coração de invoca, Madalena? Pelo Brasil, por nossos primeiros missionários...

<sup>31</sup>O dominicano frei José Maria Lagrange, presente no dia da invasão, assim descreve o episódio: "Esta expulsão, foi assás dramática. Pe. Pascal (Prior do Convento) resolvera não ceder a não ser pela força. A porta do convento foi reforçada e sofreu um assalto que durou toda a manhã. Por fim acabou por ceder aos golpes das fortes pancadas, sob os olhares atônitos de uma população simpática, porém trêmula de indignação. Foi a muito custo que de longe ouvíamos qualquer barulho, embora estivéssemos reunidos, em nossa sala comum, à espera dos acontecimentos, debulhando o rosário. Muito a contragosto, os guardas entraram no convento, mais abatidos por ter que agir contra uns cordeiros que nada tinham de semelhança com os piores tipos que caçavam para punir. 'Vamos, senhores, saiam, não queremos fazer-lhes mal'. Saímos em silêncio, ...30 de outubro, a expulsão, ...Foi a 4 de novembro, numa fria manhã que entramos no Convento de Santo Estevão, um dos mais ilustres centros da Teologia Dominicana, quando então sentimos as presenças dos Vitórias, dos Medinas, dos Bañez e dos Sotos, simbolizados por duas mãos atadas empunhando uma tocha. Aí fomos acolhidos fraternalmente pelos padres da Província da Espanha, ainda renascente". (Pró Memória. Boletim informativo do Arquivo da Província São Tomás de Aquino do Brasil. Ano V n. 42 SP Agosto de 1993, p. 166).

Latina. Os frades franceses exilados aí viveram 6 anos na mais perfeita vida dominicana, em oração solene, estudo assíduo, e regular observância como nos tempos da origem da Ordem. Pe. Venturino Alce em sua obra **Storia di una missione** faz uma constatação interessante: "A expulsão dos frades da França os torna disponíveis para o ensinamento teológico nos institutos superiores fundados naquele tempo no exterior (Escola Bíblica de Jerusalém e Universidade de Friburgo) e para as missões, **portanto para o Brasil.**"<sup>32</sup> (Sem grifo no original)

O Pe. Jandel em consonância com os objetivos da reforma religiosa da Ordem fizera do convento de Córdoba (Córsega) "um convento especializado na preparação de futuros missionários para o estrangeiro".<sup>33</sup> Este convento era chamado de Convento das Missões Dominicanas. Era um local onde, além da formação inicial, preparavam-se os missionários destinados aos países de missão. Os religiosos assinados neste convento estavam sob a jurisdição do Mestre da Ordem. Por exemplo, frei Vicente de Melo, o primeiro brasileiro a ser admitido na Ordem Dominicana e que fizera o seu noviciado neste convento, no registro de sua profissão solene se declara: "missionibus ad externos destinatus".<sup>34</sup>

A tomada de hábito de frei Vicente de Melo em 1873 das mãos do Pe. Jandel marca, com quase dez anos de antecedência, os começos, longínquos ainda, da história dominicana no Brasil. O seminarista Francisco José Joaquim de Melo foi enviado para Roma pelo bispo do Rio de Janeiro D. Pedro de Lacerda para preparar-se ao sacerdócio. Estudou no Colégio Pio Latino Americano de Roma. Logo no início da filosofia se sente atraído pelo pensamento de São Tomás de Aquino e pelo ideal dominicano: estudo, oração e apostolado. Autorizado pelo seu bispo procura os dominicanos que o acolhem paternalmente. Em 1873 recebe o hábito dominicano das mãos do Mestre da Ordem, frei Francisco

---

<sup>32</sup> ALCE, P Venturino. **Storia di una missione**. Bolonha : Imartedi, 1987. p. 11.

<sup>33</sup> NEVES, Frei Lucas Moreira., Os Dominicanos no Brasil. In: **São Domingos e sua Ordem**. Rio de Janeiro : Olimpica, 1957. p. 173.

<sup>34</sup> Id. , Ib., p. 174

Jandel, passando, então, a chamar-se frei Vicente de Melo. Após o noviciado no convento missionário de Corbara, na Córsega, regressa ao Convento de São Maximino no sul da França para terminar os seus estudos.<sup>35</sup> Aí emite os seus votos solenes a 7 de junho de 1877. Frei Vicente foi o primeiro brasileiro a se admitido na Ordem Dominicana, como também o grande animador da fundação da Missão Dominicana no Brasil.

“Uma vez em São Maximino, tende a tomar corpo a idéia do frade brasileiro. Algo vinha favorecer o fortalecimento desta idéia: o imenso desejo que incubava então entre os noviços e estudantes, de partir para o estrangeiro e pregar missões. ...O ambiente anti-religioso, de perseguições e vexames davalhes ainda mais significação. Mas o certo é que reinava nos espíritos, e expandia-se em cartas, em discursos, em teses, em orações, um profundo apelo para a vida missionária.<sup>36</sup>

Em 1877 o Bispo do Rio de Janeiro D. Pedro Maria de Lacerda, a caminho de Roma para a visita “ad limina”, vai ao Convento de São Maximino. Visita também o Vigário Geral da ordem. Iniciam-se, então, as tentativas para uma fundação dominicana no Brasil. Frei Vicente de Melo encarnava e defendia com grande ardor os projetos missionários da Província de Tolosa. Estava sempre relembrando o Bispo do Rio de Janeiro da necessidade que o Brasil tinha da presença evangelizadora dos dominicanos. Mantinha constantes correspondências com Dom Lacerda. Este concordava com a idéia mas era um pouco reticente devido ao clima hostil da maçonaria no Rio de Janeiro. Frei Vicente, encarregado pelo Provincial, se tornou nessa viagem de 1877 de Dom Lacerda a Roma o intermediário nas negociações

Após o primeiro contato com os dominicanos na França, em março de 1877, D. Lacerda visita o Vigário Geral da Ordem e lhe pediu que aprovasse a ida dos dominicanos para o Brasil. Após este primeiro contato, o bispo continua a sua viagem de peregrinação aos Lugares Santos. Entretanto o ano já estava

---

<sup>35</sup>Quando o Convento de Córbara foi fechado houve dispersão e frei vicente, por ser estudante, foi assinado em São maximino pelo mestre Geral.

<sup>36</sup>NEVES, Lucas Moreira. op. cit. p. 174.



terminando e o Bispo não regressava. Frei Vicente escreve uma longa carta solicitando uma resposta precisa e por escrito.<sup>37</sup>

Após regressar ao Brasil D. Pedro de Lacerda obtém a autorização do governo brasileiro para a vinda dos religiosos dominicanos para o Brasil. Esta permissão era necessária, pois as leis do Brasil imperial, além de outros obstáculos, vedavam expressamente a entrada de religiosos estrangeiros. Estas leis, fruto do liberalismo reinante, estava presente em quase toda a América Latina.

A convite do bispo, no mês de Janeiro de 1878 desembarcam, no Rio de Janeiro, os dois primeiros religiosos filhos de São Domingos: frei Damião Ségnerin e Bento Sans. Eles vieram para observar “in loco” as reais possibilidades de se fazer uma fundação dominicana na Capital do Império. Ainda preocupados com as restrições liberais traziam consigo uma carta de apresentação à Princesa Isabel. Era escrita pela Duquesa de Alençon, terceira dominicana e prima do Conde D’Eu, esposo da princesa Isabel. De fato os dominicanos tinham maior dificuldade nos meios liberais do que outros religiosos, devido à fama de inquisidores.

Diz uma lenda de quase impossível autenticação que ao saber de Dom Lacerda da próxima chegada dos dominicanos, o imperador teve um incontinido movimento de repulsa: ‘Não! Em meu império, não quero inquisidores!’ Foi preciso que a princesa Isabel, sua filha, fizesse ver ao pai que esses dominicanos eram franceses, herdeiros espirituais daquele Lacordaire que o monarca por certo conhecera na França, ao menos pelo renome de deputado que ocupava na assembléia. Pedro II teria então mudado seu conceito...<sup>38</sup>

Mesmo que este fato específico não tenha acontecido historicamente, é muito significativo no campo simbólico, pois representa claramente a mentalidade reinante no Brasil imperial. Havia uma certa aversão ao frade,

---

<sup>37</sup>Esta é uma carta preciosa onde aparecem a pressa e a preocupação para a fundação no Brasil. Aparece também as estratégias a serem colocadas em prática para que o missionário não tenham problemas em virtudes do ambiente anti-religioso tanto na França como no Brasil. Vide a íntegra desta carta no anexo nº 1.

<sup>38</sup>NEVES, Lucas Moreira. op. cit. p. 174

sobretudo ao frade dominicano.<sup>39</sup> Frei Germano, um dominicano dos primeiros tempos que viveu no Brasil 51 anos, relata em sua crônica que quando os dominicanos chegaram ao Rio de Janeiro “aí passaram dezesseis dias, vestidos de sotaina negra, por prudência, em vez do hábito branco dos Dominicanos, como dissimulação para não despertarem os espíritos superexcitados da franco-maçoneria.”<sup>40</sup>Frei Vicente de Melo também aponta dificuldades semelhantes em carta dirigida ao bispo do Rio de Janeiro:

Quanto à fundação no Rio os padres daqui prevêem as dificuldades, mas com a graça de Deus e com muita prudência, esperamos poder superá-las. Por isso eles não desistem da empresa. Eis o plano que submetem à aprovação de V. Exa.: um padre partirá daqui (De São Maximino) o quanto antes. Ele irá ver se é possível, etc. Ele irá vestido como padre secular, para não dar na vista. Para que ninguém fique desconfiado, ele evitará de ir freqüentemente ter com o senhor, pois assim ninguém pensará que ele está tratando de negócios eclesiástico... Li muito atentamente sua carta e quanta consolação tive. Já previa as dificuldades que o Sr. me expõe sem exageração. Na verdade (imagina só)se V. Exa. chegasse no rio acompanhado com um dominicano vestido com hábito, cabeça pelada(rasura)...Adeus minhas encomendas!...Publicarão artigos nos jornais, caricaturas, etc. Por isso aconselhei ao padre Damião a não usar o hábito durante a viagem e na estada no Brasil<sup>41</sup>

Existiam, porém, outras dificuldades bem maiores. Naquela época o Rio de Janeiro atravessava uma das fases cruciais de sua história: estava contaminado

---

<sup>39</sup>Lacordaire ao comentar a reação dos ouvintes à sua primeira pregação como frade dominicano na Catedral de Notre Dame, se refere ao preconceito das elites liberais em relação aos frades dominicanos, vistos como inquisidores. Lacordaire, entretanto, mesmo sendo frade dominicano, gozava de grande prestígio junto às elites liberais francesas: “Apresentei-me no púlpito de Notre-Dame com o meu hábito, a minha capa negra e de tonsura. Presidia o Arcebispo e estava também presente o ministro da justiça e dos cultos, M. Martain (du Nord) que queria ele mesmo assistir a uma cena cujo resultado final não se podia prever. Muitas pessoas de distinção se esconderam por entre a imensa multidão que enchia a igreja desde a porta até ao santuário. Escolhera eu para assunto do meu discurso A Vocaçãõ Francesa, para assim disfarçar a audácia da minha presença sob a popularidade do meu tema. Nisto fui bem sucedido e no dia seguinte o ministro da justiça convidou-me para um jantar de quarenta talheres, que ele deu na chancelaria. Durante a refeição, M. Bourdian, antigo ministro da justiça sob Carlos X, voltando-se para um dos que estavam ao seu lado, disse-lhe: ‘que extranhas voltas dá o mundo! se eu, quanto fui ministro da justiça, tivesse convidado um Dominicano a sentar-se à minha mesa, no dia seguinte lançavam fogo à chancelaria’. No entanto não houve incendio e nenhum jornal invocou o poder secular contra o meu auto de fê” (Lacordaire, **Vida de São Domingos**, Tipografia Inglesa : Lisboa, 1925, p.IV

<sup>40</sup>LLECH, Frei Germano, A Ordem Dominicana em Goiás. Tradução de Genesco Ferreira Bretas. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás**. [s.l. : s.n.] 1976, p. 196.

<sup>41</sup>**Pro Memória**. Boletim Informativo da Província São Tomás de Aquino do Brasil. Ano V n. 44 São Paulo Outubro de 1993. p. 123.

pela febre amarela. O calor e a insalubridade local se constituíam em uma grande dificuldade sobretudo para o estrangeiro ainda não aclimatado. Os dois primeiros dominicanos tiveram grandes dificuldades. Acabaram sendo vítima da febre amarela. Frei Damião de compleição mais frágil sentindo suas forças físicas abaladas decide regressar imediatamente à França para cuidar da saúde e prestar as devidas informações dos negócios da fundação aos superiores. A febre se lhe manifestou quando chegava a bordo do navio que o levaria a França. É socorrido, mas vem a falecer dois dias depois, aos 16 de março de 1878. Frei Bento Sans, atacado em parte pela febre amarela, permaneceu um pouco mais à espera de solução. No mês seguinte, em abril, regressa à França, chamado pelo Provincial. A febre amarela deixou-lhe seqüelas penosas que o acompanharam até a sua morte em 1912.

Os dois frades dominicanos ficaram provisoriamente hospedados no seminário do Rio Comprido regido pelos Padres Lazaristas, congregação de origem francesa. Sem saberem, lançaram as bases da futura fundação frutuosa e duradoura. Durante a permanência no Brasil travaram um bom relacionamento com os lazaristas. Em 1879 um destes lazaristas, padre Cláudio Gonçalves Ponce de Leão, foi nomeado bispo da diocese de Goiás. Esta diocese compreendia então os atuais estados de Goiás e Tocantins e mais uma parte do atual Estado de Minas Gerais, conhecida como triângulo mineiro. Sua extensão territorial equivalia ao território de três França. No relatório de sua visita canônica, feita ao Brasil de Junho 1892 a Janeiro 1893, apresentada ao Mestre Geral da Ordem dos Frades Pregadores, o Pe. Provincial frei Estevão Gallais constata estupefato a realidade da Missão Dominicana recém fundada no Brasil: Paróquias imensas do tamanho das maiores dioceses da França; muitas paróquias sem padres; padres responsáveis pôr duas ou três paróquias; padres absorvidos por outros trabalhos não pastorais.<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup>GALLAIS, fr. Etienne-Marie. **Une Mission Dominicaine au Brasil**. Marseille : Marseillaise, 1893. p. 10. .

Em 1906 pe. Gallais apresenta mais detalhes da realidade a ser enfrentada pelos missionários:

A diocese de Goiás fica rigorosamente no centro do Brasil e, pela sua fronteira ocidental, limitava-se com regiões ainda inexploradas e totalmente desconhecidas, onde em matéria de habitantes, só se topa com selvagens errando através das florestas. Além da própria província de Goiás, que, do sul ao norte, mede 2.000 quilômetros de extensão, e de este a oeste cerca de 850, em sua maior largura, a diocese compreendia ainda uma parte da província de Minas Gerais, o que se chama 'Triângulo Mineiro', território igual a quatro ou cinco departamentos franceses. Por ocasião da posse de sua diocese, D. Gonçalves viu-se diante de um clero diminuto, pois não passava de uns oitenta sacerdotes disseminados por essa vasta extensão de terras, no meio de populações muito espalhadas. Era grande a ignorância entre os fiéis, privados de quase todo o socorro espiritual, e a disciplina entre o clero andava um tanto frouxa. Isso só será bem compreendido quando se pensar no isolamento em que vivem os sacerdotes encarregados de paróquias grandes como dioceses, nos perigos que são consequência desse isolamento, agravados ainda pelo clima e os hábitos do país”<sup>43</sup>

Durante o tempo em que conviveram no seminário do Rio Comprido o jovem Cláudio fora profundamente impressionado pela envergadura moral e maneira de ser de frei Damão e frei Bento. Este dois frades deram um grande testemunho de oração e trabalho. “Foi por causa deles que chamei os dominicanos para minha diocese” <sup>44</sup>diria um pouco mais tarde Dom Cláudio. Logo que se viu chamado a ocupar a chefia de uma diocese tão vasta e com um clero reduzido e mal preparado imaginou concretizar imediatamente em sua diocese a fundação dominicana que vinha de abortar no Rio de Janeiro. Então

“resolve tentar um apelo àqueles mesmos dominicanos franceses. Por meio do Superior Geral dos Lazaristas faz chegar ao Provincial de Tolosa uma súplica dramática: mande-me padres, pelo amor de Deus. E habilidosamente, com um grãozinho de bom humor manda-lhe dizer que em sua diocese haveria muito trabalho, muito sacrifício, mas febre amarela não! Clima salubre e bom, no interior do Brasil.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup>GALLAIS, Estevão. **O Apóstolo do Araguaia: Frei Vilanova missionário dominicano**. São Paulo : Revista dos Tribunais, 1942. pp. 58-59.

<sup>44</sup>LLECH, Frei Germano. op. cit., p.195.

<sup>45</sup>NEVES, LUCAS Moreira . op. cit., p. 183.

O pedido do bispo vai de encontro aos anseios dos frades da Província de Tolosa, pois além do entusiasmo missionário reinante entre os frades, havia agora a empurrá-los para o estrangeiro a perseguição na França. O Provincial frei Jacinto Maria Cormier- que seria mais tarde Mestre da Ordem- estuda o pedido e a Província decide aceitá-lo. A idéia de uma verdadeira missão(não uma fundação na capital) fascinava aqueles frades dominicanos. É interessante observar que a motivação primeira da aceitação por parte dos dominicanos não é a mesma do pedido do Bispo. Dentre os fatores que pesaram em prol de uma acolhida favorável, parece estar a existência de índios ainda não catequizados, representando um apelo apostólico que atraía fortemente os frades da Província. Da parte do bispo de Goiás, no entanto, o apelo fora feito em função do atendimento pastoral à população católica da diocese, em primeiro lugar, e esta será a tarefa que eles terão que assumir prioritariamente. A atenção ao problema indígena, no entanto, esteve sempre na mente dos frades e, tão logo for possível, tentarão traduzi-la em ação.

A 14 de setembro de 1881 embarcam em Marselha com destino ao Brasil os três primeiros frades (os sacerdotes Raimundo Madré e Lázaro Mélizam, e o Irmão cooperador fr. Gabriel Mole. A 6 de outubro chegam ao Rio de Janeiro onde foram recebidos por um representante do bispo de Goiás. Se hospedam com os Lazaristas. Aos 20 de outubro partiram rumo a Uberaba, extremo sul da diocese de Goiás, onde chegam a 31 do mesmo mês. Aí nesta cidade do triângulo mineiro fundam o **primeiro convento da Ordem Dominicana no Brasil**. Pausa para um detalhe significativo: No dia seguinte à chegada dos dominicanos em Uberaba falece na França com apenas 27 anos de idade frei Vicente de Melo, o primeiro brasileiro a professar na Ordem Dominicana e grande incentivador da vinda dos dominicanos para o Brasil. Pe. Gallais, Prior do Convento de São Maximino onde residia frei Vicente, comunica esta triste notícia ao Mestre da Ordem frei José Maria Larroca:

É pela primeira vez que tenho a honra de vos escrever, para vos anunciar triste e dolorosa notícia. O reverendíssimo padre frei Vicente de Mello, que era filho do convento de Corbara e por conseguinte sob vossa jurisdição imediata,

entretanto fazendo parte da comunidade de São Maximino desde longa data na qualidade de leitor, acaba de falecer, minado pela febre tifóide, após cinco a seis dias de enfermidade. Foi na terça-feira, às duas da madrugada, no momento exato em que cantávamos matinas de Todos os Santos, que o nosso querido doente entregou sua alma a Deus.”<sup>46</sup>

Frei Vicente foi a semente fecunda lançada em terra fértil que começava a germinar. Plantou a semente mas não a viu sequer brotar. O missionário nem sempre vê os frutos de seu trabalho como tão bem aponta São Paulo Apóstolo, o principal missionário do cristianismo: “Paulo planta, Apolo rega, mas é Deus quem faz crescer”<sup>47</sup>

Em Abril de 1882 o Capítulo provincial reconhece oficialmente a fundação no Brasil, dá um estatuto religioso para a casa de Uberaba e designa frei Raimundo Madré, Vigário Provincial. Após examinar o contrato com a diocese de Goiás que frei Raimundo Madré assinara em nome da Província de Tolosa o Capítulo dá a sua aprovação oficial:

”Declaramos que, após várias deliberações realizadas nas reuniões precedentes, foi aceita por nós, de modo definitivo, a Missão no Império do Brasil, onde os frades Pregadores, desde a origem da Ordem, nunca se haviam estabelecido, e foi aprovada a fundação de um convento com nome de São Domingos, na diocese de Goiás, com o consentimento do Il.mo. e Revmo. Sr. Bispo<sup>48</sup>,...Declaramos que o Revmo, pe. Raimundo Madré, ...foi por nós nomeado vigário para o governo dos frades e para tratar dos assuntos no começo da Missão<sup>49</sup>

Uberaba se situa num local geograficamente estratégico na caminhada entre Rio de Janeiro e Centro Norte do Brasil. Esta cidade mineira se torna o ponto de partida de uma longa caminhada dos dominicanos rumo ao planalto central brasileiro. Já em 1883, avançam um pouco para o norte e fundam um

---

<sup>46</sup>Cf. **Pró Memória** ... Ano III n. 30 São Paulo junho de 1992, p. 126.

<sup>47</sup>BIBLIA. 1Cor. 3:6.

<sup>48</sup>Em fevereiro de 1882 Dom cláudio já havia declarado **regularmente fundada uma casa de frades pregadores da Província de Tolosa na cidade de Uberaba.**

<sup>49</sup>Cf. **Pró Memória**... Ano II n.18 São Paulo junho 1991, p. 72.

convento na cidade de Goiás, então capital do Estado e sede da diocese. Atendiam assim a expectativa do bispo que ali os desejava junto de si. De Goiás se expande em direção ao centro norte fundando, em 1886, um convento em Porto Imperial (Porto Nacional). Em 1896, avançando mais para o norte em busca das populações indígenas, sob a liderança de frei Gil Villanova funda o CENTRO CATEQUÉTICO INDÍGENA. Desse núcleo nasce a futura vila e cidade de Conceição do Araguaia. Em 1905 é fundada a Casa de Formosa que faz a ligação entre Goiás e Porto Nacional. Assim “está montada a rede de estabelecimentos que condicionam, em nível de base física, a área de mobilidade dos Frades Pregadores em suas atividades pastorais”<sup>50</sup>

---

<sup>50</sup> LUSTOSA, Frei Oscar Figueiredo. Os Dominicanos e a Igreja no Brasil. Cem anos de presença. In: **Os Dominicanos**. São Paulo : Província : São Tomás, 1981. pp. 149-150





## CAPÍTULO II

### O PERFIL DO MISSIONÁRIO DOMINICANO NO BRASIL

#### 1 - A FORMAÇÃO MORAL E INTELLECTUAL, AS DIFICULDADES E A MÍSTICA DO MISSIONÁRIO..

O missionário dominicano que veio trabalhar no Brasil possuía uma sólida formação moral e intelectual. Formado dentro do regime da estrita observância da restauração sob a orientação do Pe. Janel tinha uma vida austera: “A disciplina regular que se observa na Ordem de São Domingos é austera. Compreende a maior parte das observações que se praticam nas velhas Ordens monásticas, a abstinência perpétua de carne, um jejum que vai de 14 de setembro até a Páscoa, vigília para recitação do Ofício Divino pela noite a dentro, etc.”<sup>51</sup> É um homem espiritualmente resistente e preparado para os dramas e as vicissitudes da vida. Vivia em comunidade e preparava cuidadosamente os seus sermões: “De novembro a abril(período das chuvas) ficar-se-ia, portanto, em comunidade, aperfeiçoando-se no estudo da língua e preparando sermões .”<sup>52</sup> Mesmo quando sozinho não era um franco atirador. Pelo contrário tinha que seguir as normas e orientações da comunidade.

---

<sup>51</sup>GALLAIS, op., cit. p. 24.

<sup>52</sup>LLECH, op. cit. p. 203.

O Capítulo reunido em Mazère, a 25 de abril de 1890, com a eleição do Reverendo Padre Gallais, quando retornou de sua primeira visita, tratou da Missão do Brasil, no que diz respeito à observância estrita das ordenanças regulamentares, lembrando especialmente: abstinência às quartas, sextas-feiras e sábados, podendo-se comer carne, em uma única refeição, nos outros dias da semana; o Capítulo das culpas duas vezes por semana; o conselho que os Superiores deveriam tomar nos negócios graves; a obrigação de escrever todos os meses ao Vigário Provincial; idem o diretor das Missões ao seu Superior. Insistiu ainda o Capítulo em que os missionários fizessem sua meditação em comum todos os dias, e que recitassem o ofício também em comum.<sup>53</sup>

A dimensão comunitária deu uma certa organicidade à Missão. O missionário dominicano não era um ser isolado. Nesse aspecto a Missão Dominicana no Brasil diferenciava, por exemplo, do apostolado exercido pelos missionários capuchinhos em terras goianas no século XIX. Estes, enviados pela Santa Sé, trabalhavam com muito ardor nas margens do Araguaia mas faziam um trabalho isolado envelhecendo e morrendo **isolados** como capelães de presídio.<sup>54</sup>

Formado em grandes universidades européias como a de Salamanca, o missionário dominicano possuía uma sólida formação intelectual detinha uma vasta cultura geral. Por exemplo: Frei Gil Villanova era professor de dogmática em Salamanca antes de vir missionar no Brasil; frei José Maria Audrin era músico, professor e escritor; frei Bertrand Olléris era professor e poliglota; frei Lázaro Mélian era médico; Frei Reginaldo Tournier era escritor e geógrafo.<sup>55</sup> Frei Raimondo Anfossi antes de vir para Brasil foi indicado para professor de História

---

<sup>53</sup>Id. Ib. p. 215.

<sup>54</sup>Id. Ib. p. 201

<sup>55</sup> Membro de vários institutos históricos e geográficos da Europa e da América, levantou o mais completo mapa geográfico de Goiás por cujo trabalho foi premiado pelo Governo estadual e federal. Esta obra foi editada em 1920. Em 1938 foi reorganizado pelo autor e reeditado em 1938 pelo governo estadual. Num serviço de estudos, promovido pelo Governo Federal, coube-lhe apresentar teses sobre potamografia, nesografia e orografia do Estado de Goiás. Esses trabalhos lhe valeram em 1912 o título de Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. (Cf. Pró Memória nº 25, novembro 1991).

Eclesiástica na Universidade de Friburgo<sup>56</sup>. Durval Godinho falando sobre a Escola Secundária Santo Tomás de Aquino de Porto Nacional em 1922, diz que ela é “brilantemente dirigida pelo sábio frei Bertrand Olléris, secundado por frei José Maria Audrin e frei Reginaldo Tournier, inigualável mestre das famosas aulas de ciência, álgebra, grego, francês e religião”<sup>57</sup>

Inserido dentro de um clero um tanto relaxado na questão da castidade logicamente os dominicanos tiveram que se preocupar também com esse assunto. Estavam inseridos dentro de um projeto maior da diocese que incluía uma reforma do clero neste aspecto. Antes de mais nada tinham que ser exemplo. Por isso ao instalar-se em Goiás “no princípio, por prudência, deixou-se algumas pessoas entrarem na casa para mostrar que lá dentro não havia mulheres”.<sup>58</sup> Esta questão da castidade era uma das principais preocupações do bispo. Também a vinda das irmãs dominicanas para Goiás a convite do bispo está inserida neste contexto de contribuição para instaurar a pureza dos costumes:

O 5 de setembro(1889) foi de festa em Goiás. As irmãs, ao chegarem, foram conduzidas à igreja da Boa Morte, que servia de catedral. A irmã Otávia era a superiora. D. Cláudio pregou, proclamando o motivo pelo qual tinha promovido a vinda de religiosas. Esse motivo era o de ensinar ao povo a virtude que se dizia impossível: a castidade. Vendo-a praticada, ela seria acreditada e imitada.<sup>59</sup>

No final do século passado e início deste a missão dominicana no coração do Brasil tinha dois meios de locomoção básica: o burrico e a canoa. O burrico “apenas duas vezes maior que uma cabra, que nos faz tremer quando o montamos pela primeira vez acostumados que estamos às enormes bestas da

---

<sup>56</sup>CF Carta de Frei Estevão Gallais ao Mestre da Ordem, aos 12 de setembro de 1890. Arquivo Geral da Ordem dos Frades Pregadores XIII 36094.

<sup>57</sup> GODINHO, Durval C.. **História de Porto Nacional**. [ s. l. : s. n. ] ,1988. 213.

<sup>58</sup> LLECH , op. cit. , p. 199

<sup>59</sup> Id. Ib. p. 213.

Provença com a certeza de o vermos arrear debaixo dos oitenta quilos que deve pesar um homem que se preza...”<sup>60</sup> Montados nestes burricos os missionários dominicanos palmilharam o sertão rude e primitivo do Brasil situado em seus pontos extremos, entre os graus 47 e 57 de longitude e os graus 5 e 21 de latitude sul, totalizando uma superfície de 1.3000.000 quilômetros quadrados. Os religiosos eram poucos cabendo a cada um uma média de 75.000 quilômetros quadrados. As estradas eram trilhadas apenas pelas tropas carregadas, pelos lerdos e pesados carros de bois ou pelos peões destemidos. O sol quente era impiedoso, as chuvas terríveis, as noites cheias de sombras, mosquitos e perigos de todas as espécies imagináveis. Viajar dias e dias por estradas lamacentas e terríveis ou por rios tortuosos e perigosos constituía uma verdadeira aventura.

Os conventos constituíam os pontos de apoio, as bases físicas donde os missionários partiam cruzando os sertões do coração do Brasil em todas as direções, através de distâncias tão grande que ainda hoje com os modernos meios de locomoção causa desânimo às pessoas. Os frades saíam de seu convento iluminados pelo ardor missionário, insensíveis aos sofrimentos da jornada angustiante, indiferentes às torturas da caminhada distante. Dias e dias varavam as estradas ermas e por trilhos sinuosos, através das matas inóspitas e cheias de perigos. Aos olhos humanos se constituíam em verdadeiras viagens-tortura, viagens-martírio, viagens-sofrimento. Porém, para o missionário não era assim. Imbuídos da mística do martírio, que tanto marcou essa geração de frades, todo esse sofrimento era visto como um presente, uma graça de Deus. O jovem missionário frei Guilherme Vigneau, ao deixar a sua pátria, França, em julho de 1892 assim se expressava: ”No momento de partir para o Brasil peço a Deus duas graças: a primeira que me dê dez anos de vida, para ter tempo de alguma coisa fazer antes de deixar o mundo; e a segunda de morrer mártir ou bem só, no fundo da floresta, sem dar trabalho a ninguém.”<sup>61</sup> O recém ordenado padre

---

<sup>60</sup>TOURNIER, Reginaldo. **Lá Longe no Araguaia**. Tradução de Soares de Azevedo. São Paulo :Revista dos Tribunais, 1942. p. 7.

<sup>61</sup> GALLAIS, O **Apóstolo**....op. cit. p. 202.

Guilherme tinha então apenas 27 anos de idade. Onze anos mais tarde, em junho de 1903, morre no meio da floresta vítima da febre amarela da qual os rios do Araguaia estavam cheios. Mesmo na hora da morte se opõe àqueles que queriam fazer promessas para alcançar a sua cura: “Deixem que se cumpra a vontade de Deus” exclamou.<sup>62</sup>

O Pe. Provincial , fr. Estevão Gallais também deu um exemplo de resignação, paciência e conformação com a vontade de Deus. Estando em Visita Canônica à Missão Dominicana no Brasil, no dia 17 de outubro de 1907, após uma viagem de mais de 3.000 km., a cavalo, pelos sertões do Brasil, chega sob um sol abrasador exausto de forças ao Convento de Formosa. Ao chegar, a fraqueza era tanta que percebe que está no fim. Aos 4 de dezembro do mesmo ano, após receber a Unção dos Enfermos com uma fé extraordinária, expira dizendo que oferece a sua vida à Ordem dos frades pregadores, à Província , à Missão do Brasil e ao Convento de Formosa recém fundado por ele.

A febre que devorou frei Estevão e frei Vigneau era uma constante na região do Araguaia. Foram vários os missionários vítimas dessa doença terrível. Alguns morreram, outros ficaram com seqüelas para o resto da vida.

Os naufrágios e os acidentes com animais constituem outras dificuldades pelas quais o missionário, via de regra, passa. Nesses naufrágios são destruídas coisas preciosas, fruto de muito trabalho: alimentos, vestes litúrgicas, presentes para os Índios. Vezes acontecia que após o naufrágio o missionário ficava sem alimentos para prosseguir a viagem . Neste caso ficavam dependendo da caça que nem sempre conseguia.

O missionário encontra também outros tipos de dificuldades. Pe. Berthet, em seu relato, conta as agruras do missionário nas missões em Boa Vista. Após o jantar começa as confissões que vão até altas horas. Ao término das confissões o frade já cansado quer repousar para, no outro dia,

---

<sup>62</sup>Id. Ib. p. 203.

recomeçar pela madrugada. Surgem então as dificuldades para o repouso: o missionário é atacado pelos mosquitos que sugam o seu sangue através do tecido da rede. À noite são os pernilongos que atacam. Durante o dia são os terríveis mosquitos pólvora que, pequeninos e quase imperceptíveis, entram nos ouvidos, nos olhos, no nariz. Sua picada queima como fogo.<sup>63</sup>

O povo é acolhedor, porém pobre em sua grande maioria. A pobreza é tanta que o missionário ao invés de receber alimentos da população atendida, ele é quem reparte com o povo o pouco que carrega consigo. Estas moradias sujas e pobres oferecem poucas condições para o repouso: “As casas são mal construídas e de uma sujeira tal que, durante a estação da seca, é melhor dormir ao relento, na rede suspensa às árvores ou sobre um couro de boi, do que ir repousar em tais moradias”<sup>64</sup>. O sertanejo realmente vivia em um estado de extrema pobreza, como relata frei Audrin:

Lembro-me aqui de uma bem significativa resposta a um convite que, na hora do meu frugal jantar, dirigia a um velhinho, em cuja choupana me encontrava hospedado. ‘Compadre, vamos comer alguma coisa. Não se acanhe! Você meu velho ,já jantou hoje?’ De dentro o coitado respondeu-me: ‘Padre, almocei ontem’. Havia portanto dois dias que o matuto não comia. Como poderia eu ter esperado dele algum alimento? Este caso não é uma exceção, e avisa o viajante, que deve andar sempre munido.”<sup>65</sup>

Quando acontece do missionário ser acolhido na casa de uma pessoa de melhor condição financeira, há outras dificuldades. São as vacas, os bezerros, os gados, as galinhas que não deixam o frade dormir para reparar com um bom sono as fadigas do dia. Às vezes as galinhas estão com seus pintainhos aninhados debaixo da cama do missionário. A cada movimento da cama reagem com imenso barulho<sup>66</sup>

---

<sup>63</sup> BERTHET, Frei Michel. Uma viagem de missão pelo interior do Brasil. Tradução de Laura Chaer. In: MEMÓRIAS GOIANAS I. Goiânia : UCG, 1982, p. 156.

<sup>64</sup>Id. Ib. , p. 152.

<sup>65</sup>AUDRIN, J. M.. *Entre sertanejos e índios do norte*. Rio de Janeiro : Agir, 1948. p. 64.

<sup>66</sup>GALLAIS, Estevão. *Cartas do Brasil*. Juiz de Fora : Dominicanos, 1995. p.23.

As camas eram verdadeiros suplícios para aqueles que não estavam acostumados. Frei Estevão Gallais em carta aos noviços de Tolosa descreve seus dramas no dia em que se hospedou na casa de um rico fazendeiro: “Para saber o que é o leito que eu tive a honra de dormir nesta noite tome aquele de que você se serve; coloque uns doze grossos cabos de vassoura, arrumados um ao lado dos outros. Aí está a cama na qual me convidam a esticar a minha espinha dorsal”.<sup>67</sup>

A questão cultural constitui também uma outra dificuldade marcante, nas terras de missões. A cultura do missionário europeu é completamente diferente da cultura do sertanejo goiano. O frade impaciente sofre, quando se depara com a maneira de ser do matuto. Para o Pe. Berthel, por exemplo, “a visita brasileira é coisa mais insuportável do mundo: dura uma ou duas horas e durante a qual não se diz nada”.<sup>68</sup> O descanso após o almoço é algo sagrado para o europeu. No sertão goiano durante a missão após a refeição é inútil pensar descansar. Sabedores da chegada do missionário, os camponeses chegam de todos os lugares para confessar-se, comungar, receber a Crisma, assistir à Santa Missa, casar, etc. Outra dificuldade é sem dúvida a questão da comunicação, sobretudo quando se lida com tribos indígenas diferentes, pois cada tribo fala uma língua diferente.

O sertanejo não se preocupa com o dia de amanhã. Não se preocupa em economizar hoje para não faltar amanhã. Se hoje tem bastante comida, ele, se preciso for, come tudo no mesmo dia sem se preocupar se amanhã vai faltar ou não. Durante as longas marchas onde era necessário prever tudo e racionar os alimentos, para que não faltassem durante o período da viagem. O missionário tinha grandes dificuldades com os peões, canoeiros e guias que o acompanhavam. Era um verdadeiro suplício para o missionário controlar todo esse pessoal para que não consumisse tudo antes da hora. Por exemplo,

---

<sup>67</sup> Id. Ib., p. 24.

<sup>68</sup> BERTHET, Frei Michel. op. cit., p. 119.

é muito difícil para um europeu marcado pelo senso da previsão, da organização e da racionalização, entender que em plena selva, isolados e longe de povoados um matuto seja capaz de gastar o último palito de fósforo existente para queimar um pernilongo, quando o fogo é essencial e não há outra maneira de produzi-lo a não ser através do palito de fósforo.

Apesar de todas estas dificuldades, o missionário, durante as suas viagens mantém um ritmo espartano: levanta todos os dias entre 4 e 5 horas; reza missa entre 5 e 6 horas; toma a primeira refeição e parte entre 7 e 8 horas; com uma pequena parada por volta do meio dia, marcha até as 5 da tarde, quando reza o ofício divino enquanto se prepara a janta.<sup>69</sup> Durante as pregações no povoado, o horário é igualmente puxado: levanta todos os dias às três e meia da manhã; celebração da missa às quatro da manhã; após a missa, sermões, café da manhã, confissões e almoço; a uma hora da tarde catecismo para as crianças; após o jantar sermões, confissões.<sup>70</sup>

Diante dessas e de outras dificuldades surge uma pergunta: onde o missionário encontra forças para continuar a labuta? Onde encontra forças para não desanimar diante de tão árdua missão? Que força misteriosa move o frade por esse sertão brasileiro? Ainda mais: sabendo-se que o missionário era um homem feliz, pergunta-se como é possível equacionar sofrimento e alegria sem cair no ridículo do masoquismo? De fato ele sabe equacionar estas duas realidades que em si são excludentes: sofrimento e alegria.

O mundo materialista em que vive o homem moderno não consegue captar esta realidade. Isto é masoquismo, diz-se a partir de uma ótica puramente humana e materialista. A partir desta ótica, não é possível entender a ação missionária. Para entendê-la é necessário mergulhar nesse universo místico e misterioso da genuína espiritualidade cristã onde a alegria

---

<sup>69</sup>GALLAIS, *Cartas...*op. cit., pp. 24-25

<sup>70</sup>BERTHET, *Op. cit.*, p. 121.



de saber-se trabalhando para Deus, dá forças para suportar toda espécie de adversidades. Então será possível compreender como o missionário é tão feliz no meio de tantas fadigas. O testemunho de frei Audrin que, durante 34 anos, enfrentou a dureza do sertão nas longas desobrigas, nas regiões do Tocantins, Araguaia e até na floresta amazônica, é esclarecedor. Escreve ele em suas memórias, após deixar o duro labor do sertão:

Pudemos assim tornar a contemplar saudoso esse interior do Norte Brasileiro, maravilhoso apesar e por causa das suas rudezas selvagens;...Pudemos relembrar-nos das turmas de pequenos caiapós batizados, dos índios e adultos pedindo-nos a 'a água que lava a cabeça', antes de irem encontrar 'caïcouacan', no céu, o Papai-grande; de tantos jovens casais que nossas bênçãos uniram; de tantos lares reconciliados; de tantos jagunços desarmados; de tantos moribundos morrendo alegres em nossos braços!'... Recordações indeléveis de muitos encantos e consolos, que são para o Missionário o 'cêntuplo prometido, já neste mundo, pelo Divino Mestre. Elas apagam a lembrança das fadigas, tristezas, privações e decepções encontradas ao longo da penosa jornada.<sup>71</sup>

## 2 - TRÊS EXEMPLOS DE MISSIONÁRIOS

Não se pode dizer quem foi o mais importante dos missionários dominicanos que passaram por terras brasileiras: "...entre os dominicanos que mourejaram e ainda labutam nas imensidades territoriais do Estado de Goiás, não sabemos qual foi o maior, porque todos são grandes apóstolos e missionários junto do povo, pela pregação da Santa Missão, e junto dos aborígenas pela catequese"<sup>72</sup>. Não houve maior nem menor. Houve, isto sim, pessoas que se dedicaram e deram até suas vidas pela Missão Dominicana no Brasil. Cada um deu a sua contribuição à sua maneira, completando-se mutuamente. Houve missionários mais conhecidos e missionários menos conhecidos. Entretanto, para melhor conhecer o perfil do missionário dominicano, será apresentada uma biografia de três deles. Representam categorias diferentes de missionário. Representam as

---

<sup>71</sup>AUDRIN, Op. cit., pp 10-11.

<sup>72</sup>SILVA, Cônego J. Trindade de Fonseca e. **Lugares e Pessoas: Subsídios eclesiástico para a história de Goiás**, v. I. São Paulo : Salesianas, 1948. p.421.

diversas áreas de apoio à Missão Dominicana no Brasil. Apoios que a fizeram realidades não permitindo o fracasso. Um apoio completa o outro. O trabalho missionário dominicano no Brasil foi amplamente apoiado por toda a Ordem Dominicana, pelos bispos e prelados nas dioceses e prelazias onde os dominicanos atuavam, pelo frade que, com grande entusiasmo, levou a cabo este trabalho de evangelização. Assim apoiada e respaldada por uma boa fundamentação teológica foi possível ter a trajetória que teve.

Frei Estevão Gallais foi o superior missionário. Em sua pessoa toda a Ordem Dominicana foi missionária, no Brasil. Dom Domingos foi o Bispo Missionário. Representa o apoio da hierarquia eclesiástica. Frei Gil Villanova foi o intelectual missionário que se embrenhou entre os índios colocando toda a sua ciência a serviço do indígena. Muitos foram os dominicanos intelectuais que vieram trabalhar no Brasil. Frei Gil é apenas um deles. A síntese biográfica destes três missionários completam os aspectos fundamentais do perfil do missionário dominicano no Brasil. Os três se diferenciam no acidental: Superior, Bispo e Intelectual. Porém se assemelham no essencial: são missionários.

## 2.1 - FREI ESTEVAN GALLAIS, O SUPERIOR MISSIONÁRIO

Há uma máxima popular que diz : “O poder sobe à cabeça e corrompe as pessoas.” Este ditado tem realmente seu fundo de verdade. São muitas as pessoas que mudam completamente quando vêm a ter o poder em suas mãos. Parece até que a sede de poder é algo inerente à pessoa humana. Há aqueles que assumem determinados cargos para lutar em prol da libertação do povo. No entanto, quando lá chegam, se utilizam do poder para oprimir a população. Esta é a regra geral do mundo em que vivemos.

A vida do frade dominicano frei Estevão Gallais confirma mais uma vez que toda regra tem exceção. Viveu 56 anos e **pode-se afirmar que**

**governou toda a sua vida de padre.** Durante todo o tempo que esteve no poder colocou em prática o princípio cristão segundo o qual **autoridade é serviço.** Jesus chamou os discípulos e disse-lhes: “Vocês sabem: aqueles que se dizem governadores das nações têm poder sobre elas e os seus dirigentes têm autoridade sobre elas. Mas entre vocês não deverá ser assim. Quem de vocês quiser ser grande, deve tornar-se o servo de todos. O Filho do Homem não veio para ser servido e sim para servir e para dar a sua vida em favor de muitos.”<sup>73</sup>

Gallais nasceu na França em 1851. Morreu no Brasil em 1907. Com 29 anos em 1880 o provincial de Tolosa o nomeia Superior do Convento de Santo Estevão de Salamanca, onde a comunidade dominicana francesa de São Maximino vivia exilada. Exerceu este cargo durante sete anos. Quando a comunidade dominicana francesa retornou à França, ele é eleito Prior do Convento São Maximino. Em 1888 foi designado Visitador extraordinário da Missão Dominicana no Brasil. Esta foi a sua primeira Visita Canônica. Ao regressar à França foi eleito Provincial da Província de Tolosa aos 26 de Abril de 1890. Este cargo tem a duração de 4 anos. Foi eleito mais três vezes Provincial(1894,1902 e 1906). No intervalo entre o segundo e o terceiro mandato, voltou ao Brasil como Visitador. Neste intervalo foi também mestre de noviços . Portanto como se vê, ele governou durante toda a sua vida. Como superior não apenas impulsionou a missão no Brasil como também experimentou todas as peripécias de um missionário. Amou profundamente o trabalho no Brasil onde morreu em pleno exercício de suas funções. Ofereceu a sua vida à Missão do Brasil.

Pe. Gallais se identificou plenamente com o ideário missionário . Compreender o Pe. Gallais significa compreender o projeto da Missão dos frades dominicanos no Brasil. Eis então alguns traços do Pe. Gallais:

---

<sup>73</sup>BÍBLIA. Mc. 10:42,45.

a) SUA CONCEPÇÃO DE SUPERIOR- O Superior não é apenas o freio que modera, mas sobretudo é o piloto que dirige, o motor que impulsiona para frente. Ao superior cabe convencer os religiosos que a obra empreendida está conforme o espírito da Ordem e querida por Deus. A primeira coisa que o superior deve transmitir à sua comunidade é a unidade. Para isso é necessário que os elementos que compõem a comunidade estejam coordenados entre si. Para formar uma comunidade religiosa não basta reunir alguns frades e revesti-los de um hábito. É necessário colocar em comum não apenas os bens materiais, mas sobretudo os corações. ”A vida comum ,dizia, deve consistir antes de tudo na união dos corações e na fusão das almas”<sup>74</sup> Insiste muito na identidade dominicana. É importante que o frade seja dominicano no modo de praticar a virtude, de exercer o apostolado, de ensinar a doutrina, de pregar a Palavra. Para isso é necessário assumir e interiorizar “a disciplina dominicana que nos dará o temperamento”<sup>75</sup>

B) SUA POLÍTICA MISSIONÁRIA- Tinha um grande amor pelo apostolado missionário no Brasil. Como superior pedia a todos os religiosos do Brasil e da França o mesmo amor `a obra missionaria. Fez quatro visitas canônicas ao Brasil. Ia pessoalmente visitar os frades, visitando e confortando cada um . Graças ao seu entusiasmo, os Capítulos Provinciais sempre enviavam algum religioso para o Brasil. Em 1900 e 1901 envia, do Brasil, várias cartas aos seus ex noviços animando-os e incentivando-os no ardor missionário. Nestas cartas apresenta todas as dificuldades que experimentou pessoalmente e pelas quais todo missionário passa: “Se me decido a contar é, sobretudo para dar-lhes uma amostra do que nossos padres têm que suportar...”<sup>76</sup> Nesta mesma carta afirma que é importante que o missionário venha consciente. Conclama os jovens a virem para o Brasil de coração alegre. Frei Bigorre profundo conhecedor de Pe.

---

<sup>74</sup>Apud. LUZIÉRE, frei Ephrem. **Frei Estevão Gallais e sua obra missionária**. Juiz de Fora : Dominicanos,[198-], p. 5.

<sup>75</sup>Id. Ib., p.6

<sup>76</sup>GALLAIS, **Cartas...** op. cit., p. 62.

Gallais, afirma na revista *Missions Dominicaines* em 1923: “Vários noviços para os quais as cartas foram endereçadas, vieram para o Brasil e alguns foram ou são atualmente superiores das Casas de Missão”.<sup>77</sup>”As palavras comovem, os exemplos arrastam”. Esta expressão ajuda a explicar o entusiasmo que as cartas do Pe. Gallais despertavam no coração dos seus noviços na França. Ele, de fato, vivia tudo aquilo que falava das missões. Não era um simples cronista que narrava o acontecido com outras pessoas. Ele falava de sua própria experiência. Havia experimentado pessoalmente todas as agruras da vida missionária, no sertão brasileiro. Conta ele, em uma de suas cartas: “A noite de 25 para 26 foi uma noite sem sono. Fomos assaltados por uma nuvem de mosquitos e passamos toda a noite a nos debater furiosamente com as duas mãos contra estes infernais insetos.”<sup>78</sup> Em 1901, estando de viagem de Conceição do Araguaia para Porto Nacional, em companhia de Frei Domingos Carrérot teve que parar no meio do caminho atacado que foi pela febre. Ficou quase que completamente inconsciente. O mal se agravou a tal ponto que frei Domingos pensando na possibilidade de uma morte em plena floresta, como já havia acontecido com outros missionários escolheu inclusive o lugar para enterrá-lo.<sup>79</sup> Comentando esse episódio, Pe. Gallais afirma que a perspectiva de morte iminente não o abalara. Pelo contrário, inflamou ainda mais o seu ardor missionário, pois é preciso resignar-se a morrer da morte que Deus quer que morramos.<sup>80</sup> Foi também o grande incentivador e admirador do missionário frei Gil Vila Nova. Foi o biógrafo de Frei Gil. Escreveu o livro **Frei Gil ,O Apóstolo do Araguaia** onde retratou toda a vida de Frei Gil e o seu trabalho na catequese indígena. Nesta obra demorou sobretudo na figura de frei Gil retratando o trabalho, as qualidades e os defeitos desse impetuoso missionário do Araguaia.

---

<sup>77</sup>LAUZIÉRE, op. cit. p.8.

<sup>78</sup>GALLAIS, Cartas... op. cit., p. 54.

<sup>79</sup>Id. Ib. p. 67.

<sup>80</sup>Id. Ib., p. 69.

C) O APÓSTOLO DA UNIDADE - A vida em comunidade constitui um dos aspectos constitutivo da vida religiosa. A restauração da vida religiosa na França já estava produzindo frutos no momento da fundação brasileira. Esta de fato já era um dos primeiros frutos do projeto restaurador do Pe. Jandel. A vida comunitária era um dos valores sagrados para os religiosos franceses que vieram para o Brasil. A unidade de uma Província ou de um Convento depende essencialmente da vida comunitária dos frades. A vida em comum era por isso uma das grandes preocupações do Pe. Gallais. Como superior foi um grande incentivador da unidade e da vida comum conforme as Constituições da Ordem de São Domingos. Em 1892, por exemplo, após a Visita Canônica feita à Missão Dominicana no Brasil, deixa, como é de costume, instruções bem claras aos seus religiosos. Nestas instruções exorta os frades lembrando-os que no dia da profissão todos prometeram viver conforme as Constituições da Ordem dos Frades Pregadores, independente do lugar em que o frade estiver, pois o compromisso de fidelidade às Constituições “se impõe sob o sol do Novo Mundo como sob os céus do Velho Continente”.<sup>81</sup> Exorta a guardar o espírito de família, permanecendo, o máximo possível, fiéis às tradições da Província. Esta é para ele a principal recomendação.<sup>82</sup> Entende-se melhor esta insistência do Provincial se se considera que a vida em comunidade, em pleno sertão brasileiro, é muito difícil, pois numa realidade de missão como esta, tudo favorece a dispersão. Com grande esforço os frades dominicanos conseguiram colocar em prática essas orientações. E isso deu uma característica significativa e frutuosa ao trabalho apostólico dominicano. Não era um trabalho realizado por missionários isolados mas um apostolado que seguia uma disciplina e uma organicidade extraordinária. Mesmo sozinho lá meio do sertão o frade dominicano não se sentia isolado. A organicidade, a vida regular e a unidade dos dominicanos produziram frutos.

---

<sup>81</sup>GALLAIS, Etienne-Marie. **Une mission dominicaine au Brésil**. 1893. p. 52.

<sup>82</sup>Id. Ib., p. 53.

Durante o Segundo Reinado, os capuchinhos se destacaram na evangelização dos indígenas na região de Goiás. Apesar dos heróicos esforços dos frades capuchinhos, o trabalho não teve continuidade por causa do isolamento em que viviam os missionários. O mesmo, no entanto, não acontece com os dominicanos. O Cônego Fonseca e Silva faz uma comparação entre a atividade dispersa dos capuchinhos e o trabalho coordenado dos missionários dominicanos:

Os nossos abnegados capuchinhos tudo fizeram para ultimar, nas imensas distâncias do norte goiano, a palavra de Deus pela catequese e pela prática das santas missões. Mas a esse sacrifício inaudito faltou sempre a base de uma comunidade; aquela vida isolada e segregada do contato com os co-irmãos, a falta de comunidade, enfim, trouxe àqueles apostólicos varões o desaparecimento de sua obra missionária no meio dos infieis. É por essa razão, e muito justa, que os nossos sempre saudosos dominicanos se constituíram os ‘Beneméritos do Norte’. Apegados aos velhos ditames do fundador, é a santa regra a *alma mater* da grande Ordem; concentrados nos seus claustros regulares, irradiam-se vigorosos na alma e no corpo em busca de almas para Deus.<sup>83</sup>

A figura do Pe. Gallais foi fundamental para que os dominicanos dessem às missões essa organicidade e regularidade. Tinham a comunidade como ponto de apoio de tal modo que periodicamente atingiam toda a diocese. Em certos lugares atingiam de dois em dois anos e em outros de quatro em quatro anos.

## 2.2 - FREI GIL VILANOVA, O INTELECTUAL MISSIONÁRIO

Frei Gil VilaNova foi um dos mais expressivos missionários na missão de catequizar os indígenas. Impaciente e impetuoso “seus passos de andarilho-literalmente descalço em suas marchas- varou o vale encantado do Araguaia”,<sup>84</sup> em busca de índios bravios para catequizar. Tornou-se conhecido por todo o Araguaia entre índios, sertanejos e autoridades. Sem recursos e com pouco

---

<sup>83</sup>TRINDADE, op. cit., pp. 416-418.

<sup>84</sup>BORGES, Durval Rosa. **Rio Araguaia corpo e alma**. São Paulo : USP, 1987. p. 65.

conhecimento da região mas movido pelo ardor missionário atravessou alagadiços e florestas, passando fome, sede e tantas outras privações para conseguir benefícios em favor de seus índios.

Frei Gil VilaNova nasceu em Marselha(França) aos 25 de dezembro de 1851. No começo do ano escolar de 1870/71 matriculou-se no curso de Direito. Terminado o bacharelato alista-se como voluntário no Exército Francês. Terminado o voluntariado é promovido a Sargento. Em 1875 se apresenta como postulante ao noviciado de São Maximino recebendo o hábito dominicano aos 13 de maio deste mesmo ano, após um retiro espiritual de dez dias, como era praxe para todo postulante que aspira á vida religiosa dominicana. Durante o período de formação destaca-se como um ótimo aluno. Era um estudante laborioso e aplicado. Estudava com afinco a Suma Teológica. Assimila com clareza as concepções tomistas e se torna um apaixonado pela doutrina da Escola Tomista. Dotado de qualidades intelectuais invejáveis era o mais brilhante argumentador de sua escola. Em setembro de 1879 é ordenado sacerdote.

Durante o período de formação frei Gil Vila Nova sentiu nascer em si a vocação missionária. Entretanto após a ordenação sacerdotal teve que esperar alguns anos para ver concretizar as suas ardentes aspirações missionárias. Devido ao seu vigor intelectual foi escolhido para ser professor de dogmática do Curso de São Tomás dado para os 30 noviços residentes no Convento de Salamanca. Ainda muito jovem fez parte do conselho Conventual e foi nomeado mestre dos irmãos conversos.

A cidade de Salamanca onde vivia frei Vilanova era então uma cidade de intelectuais. O convento dos frades dominicanos, Santo Estevão, sempre fora um dos expoentes da intelectualidade de Salamanca. Neste convento ensinaram e viveram grandes teólogos como Medina, Bañez, Melchior Cano e Francisco de Vitória. Foi neste histórico convento que Cristovão Colombo expôs perante os Doutores da Universidade de Salamanca o seu sistema cosmológico bem como os seus projetos referentes ao Novo Mundo.



Padre Gil era eloqüente, claro nas exposições, tinha clareza de pensamentos e uma sólida doutrina. Devido às suas aulas e às suas conferências eruditas, tornou-se famoso em Salamanca. Como grande e eloqüente intelectual que era, tinha uma carreira promissora entre a intelectualidade de Salamanca. Possuía os requisitos necessários para se consagrar, a vida inteira, conferindo aulas e palestras eruditas. Porém, a história lhe reservara um futuro brilhante não na douta Salamanca entre os intelectuais, mas no inóspito sertão brasileiro como catequista dos indígenas.

Em Salamanca, frei Gil sentia falta de uma vida que o pusesse em contato com o povo, sobretudo com os mais humildes e abandonados. Quando regressa à França, com os demais frades franceses de Salamanca, renova o pedido de partir para o Brasil<sup>85</sup> onde seria apóstolo dos humildes e catequista dos indígenas. Com esta atitude estava imitando São Domingos de Gusmão, fundador da Ordem dominicana que, até o fim da vida, sonhou em partir para longe e evangelizar a tribo dos Cumanos considerada a mais bárbara de então. Estava, portanto, seguindo a tradição da Ordem dos Frades Pregadores onde o apostolado junto aos infiéis deve constituir o complemento necessário do apostolado exercido junto às nações cristãs.

O pedido de frei Gil foi aceito e assim, em setembro de 1887, chega em Uberaba. Inicia-se então a grande marcha desse andarilho de Deus pelos sertões brasileiros em busca de índios para evangelizar. Fora a peça - chave na concretização do principal objetivo da vinda dos dominicanos para o Brasil: evangelizar os índios. Foi o fundador de Conceição do Araguaia onde fundou o mais significativo trabalho da Missão Dominicana junto aos silvícolas. Aos 5 de maio de 1905, com 54 anos, falece entre os braços de frei Francisco Bigorre, no toldo rústico do Batelão São Domingos, um pouco abaixo da confluência do Tocantins com o Araguaia.

---

<sup>85</sup>Cf. Carta do Provincial frei Reginaldo Colchem ao Mestre Geral da Ordem Dominicana datada de 24 julho 1887. Arquivo Geral da Ordem dos Frades Pregadores XIII 36092, Santa Sabina, Roma.

A figura de frei Gil é um pouco polêmica. Há autores que o consideram desobediente: “Suas únicas desavenças foram com sua própria Ordem que, julgando-o por demais impetuoso e desobediente, restringiu seu território à diocese de Goiás, o que o frei também não acatou.”<sup>86</sup> Ao dizer que a Ordem Dominicana o considerava um desobediente, o autor comete um equívoco. A Ordem nunca o considerou um desobediente. Ele era impetuoso, irrequieto, de espírito aventureiro e às vezes inconstante, porém desobediente não.

Ao determinar expressamente que a Missão fosse fundada em território da diocese de Goiás, os superiores sabiam que ele iria obedecer como de fato obedeceu. Frei Gil escolhera, como local para a sede da fundação catequética, um lugar situado à margem esquerda do Araguaia, já em território do Pará, fora portanto da diocese de Goiás. A margem esquerda oferecia melhores condições do que a direita que estava dentro do território de Goiás. Frei Gallais que era o Superior de frei Gil assim se expressa sobre o caso:

Mas, ordenando-lhe que não saísse dos limites da diocese, os superiores maiores não tinha querido obrigar o Padre Vilanova a fixar-se a todo custo na margem direita do rio, em posição desvantajosa, quando na outra margem topava com lugar muito melhor. Achava-se, pois, perfeitamente dentro da obediência, isto é, plenamente nas intenções dos Superiores, colocando entre a diocese e a catequese a largura do rio.<sup>87</sup>

Devido ao seu caráter exigente, enérgico e até autoritário, às vezes, teve dificuldade em exercer o cargo de Mestre dos irmãos conversos. Teve muitos atritos. Quanto a sua inconstância, o próprio Provincial, frei Reginaldo Colchen, constata em carta dirigida ao Mestre Geral, Pe. Larroca, em 1882: “Após longo tempo constatei nele(fr. Gil) uma disposição a inconstância que se manifestou nos diversos cargos a ele confiados”.<sup>88</sup>

---

<sup>86</sup> BORGES, op. cit., p. 65.

<sup>87</sup> GALLAIS, O apóstolo ... op. cit., p. 188

<sup>88</sup> Apud ALCE, P. Venturino Alce. **Storia dei una missione**. Bolonha : Imartedí, 1987. p. 15.

### 2.3 - DOM DOMINGOS CARREROT, O BISPO MISSIONÁRIO

Dom Domingos Carrerot ,primeiro bispo de Porto Nacional , viveu silencioso na obscuridade da selva brasileira. Nasceu em Pamiers(França) no dia 1 de junho de 1863. Na pia batismal recebeu o nome de Raimundo Florêncio. Filho de pais católicos , desde criança começou a respirar um clima de piedade. Aos quatorze anos entra para a Escola Dominicana na cidade de Mazères, pequena cidade distante apenas vinte quilômetros de Pamiers, e inicia o largo tirocínio em preparação para o presbiterato.

A formação religiosa , já a partir da Escola, apostólica era muito rigorosa no aspecto intelectual, espiritual e pureza de costumes. Aos 3 de outubro de 1879,após terminar os estudos clássicos recebe o hábito dominicano e inicia o noviciado no Convento de São Maximino, na cidade de Tolosa(França) com o nome de frei Domingos. Em 1880,expulsos da França , os frades dominicanos exilaram-se em Salamanca. Nesta cidade espanhola, Domingos continuou a sua formação. Em 1883 faz a profissão solene. Em 1884 recebe o subdiaconato ,em 1885 o diaconato e em 1886 é ordenado presbítero, em sua cidade natal, pelo seu bispo D. Rougerie.

Em Salamanca fr. Domingos participa do fervor missionário que contagiou todos os frades residentes no Convento Santo Estevão liderados pelo superior frei Estevão Gallais. Em 1880 a Ordem Dominicana já havia resolvido aceitar uma missão no Brasil. Durante a sua permanência em Salamanca, frei Domingos presenciou a partida para o Brasil de muitos frades. Cada grupo que partia para o novo mundo suscitava uma ardente e santa inveja naqueles que ficavam. Estes recebiam do Brasil muitos relatórios das atividades apostólicas realizadas no Brasil. Estas cartas ,lidas para todos, suscitavam o entusiasmo de todos. O sonho de Evangelizar os selvagens foi cada vez mais acalentado no coração do jovem Domingos pois “o entusiasmo era intenso sob o

claustro de Santo Estevão. Multiplicavam-se as preces e sacrifícios em favor dos valentes iniciadores da obra brasileira...o apelo divino era cada dia mais eloqüente, ocupando seu espírito, inflamando seu coração , excitando-o dia e noite a tudo sofrer na intenção de merecer a honra do apostolado”.<sup>89</sup> Este ardor missionário acompanhou-o durante toda a sua vida, mesmo depois de Bispo. As palavras que escolheu como divisa episcopal confirma isto *Ecce ego; mitte: me* (Eis me aqui, Senhor, mandai-me!).

Na França, Domingos aguardava com ansiedade a sua vez de vir para o Brasil, o que acontece em outubro de 1887. Chegando ao Brasil, foi oficialmente assinado no convento de Uberaba. Seu sonho era pregar o Evangelho entre os selvagens. No entanto com espírito de obediência “agüentou”, em Uberaba, três anos de aprendizado missionário. Antes de ir para Porto Nacional, extremo norte da diocese , permaneceu no triângulo mineiro numa aprendizagem metódica da vida missionária sob a orientação de outros frades mais veteranos e experientes. Em Uberaba fez o seu “noviciado” missionário. Começou aprendendo a língua portuguesa dando aulas de catecismo para as crianças, visitando os doentes, e atendendo às chamadas da “roça”. Depois começou a participar das missões que costumeiramente os dominicanos de Uberaba realizavam nas cidades, povoados e aldeias vizinhas. Ao final de três anos o missionário estava “pronto”. Em agosto de 1891 inicia a dura viagem em direção ao extremo norte onde em setembro de 1891 é incorporado à Missão de Porto Nacional.

Os padres possuíam em Porto um modesto sítio destinado a oferecer à comunidade os mantimentos necessários: carne, leite, verdura. Aí também era o lugar de pastagem dos animais necessários para as viagens de desobrigas e missões. Frei Domingos tinha muito jeito para a criação de animais. Esse trabalho de Domingos foi muito importante para criar uma infra estrutura

---

<sup>89</sup>AUDRIN, op. cit., p. 35.

necessária aos missionários. Graças à sua dedicação conseguiu melhorar a qualidade desses animais tão preciosos e necessários.

Em 1891 temos o lançamento da pedra fundamental da Catedral Nossa Senhora das Mercês. Esta é uma Catedral monumental<sup>90</sup> que até os dias de hoje impressiona os olhos do visitante. Uma catedral em pleno sertão é algo fantástico. Sobretudo levando em conta que dentro dela caberiam quase todos os cidadãos então residentes em Porto Nacional. Em estilo românico simboliza o sonho extraordinário dos missionários de construir, em pleno sertão goiano, a “civilização Cristã”. A fazenda cuidada por Domingos preparou e forneceu os bois de carro que constituíram a infra estrutura necessária para o transporte do material necessário para a construção dessa monumental obra. Frei Audrin, biógrafo de Domingos, assim comenta a participação do futuro bispo de Porto Nacional, na construção da Catedral:

Imaginem bem nossos leitores que, durante meses e anos, era preciso trazer ao pé da obra colossal, carradas de pedras e de areia, milhares de tijolos e telhas, arrastar peças de madeira. Esses transportes faziam-se não por estradas largas e limpas, mas através de cerrado, matas fechadas, morros e mesmo lagoas e pântanos. Cavalos e burros nunca teriam suportado esses esforços. Aliás não existiam carroças capazes de circular em caminhos tão primitivos e íngremes. O meio único era o carro grosseiro e pesadíssimo, puxado por juntas de bois. Graças a habilidade de frei Domingos, os bois não faltaram. Quando cansados, ou feridos, ou vitimados por cobras ou pela “herva”, eram logo substituídos por outros. Os trabalhos assim não paravam, e nem faltava o material para a construção.<sup>91</sup>

Embora importantes, esses afazeres materiais eram secundários na vida de Domingos Carrerot. A sua verdadeira paixão era a evangelização do povo espalhado pelos sertões e privados dos mais elementares recursos da civilização. Equacionava de maneira extraordinária o binômio *sofrimento-alegria*. Na realidade, para ele não existia binômio, mas existia apenas alegria neste rude ministério. As marchas intermináveis pelos chapadões e queimadas sem água para

---

<sup>90</sup> CF. Anexo nº 5. fig. 7

<sup>91</sup> Id. Ib., p. 59.

matar a sede, as travessias pelas matas cheias de onças e cascavéis, as passagens perigosas pelos rios caudalosos sem pontes, as subidas de serras íngremes como as do Duro e do Mucambo, os aguaceiros, as tempestades, os mosquitos, os carrapatos e todos os demais sofrimentos como os oriundos da febre amarela eram chamados por Domingos de *as delícias da vida sertaneja*.<sup>92</sup>

Três motivos particulares aumentavam ainda mais os duros sofrimentos de Domingos que ele chamava de delícias: a) era frágil fisicamente; b) tímido em extremo, passava privações por não “saber” pedir o necessário; c) despreocupado com a sua manutenção, viveu momentos terríveis de fome, pois não levava em suas viagens as provisões necessárias. Por outro lado tinha uma qualidade invejável que lhe permitiu suavizar os sofrimentos oriundos das privações e fadigas: capacidade de adaptação aos imprevistos. Adaptou-se perfeitamente aos costumes brasileiros, se abrigou. Fez do sertão goiano a sua segunda pátria. Ao invés de condenar os “defeitos” das pessoas ele preferia exaltar as qualidades do bom povo sertanejo. Por isso o povo o chamava carinhosamente de frei Dominginho. Tinha fama de não ser bravo. Encontrava jeito para tudo. Durante os nove anos que esteve em Porto Nacional como padre ganhou a simpatia de todos. Todos gostavam dele.

Em 1901 foi designado para acompanhar o Padre Visitador frei Estevão Gallais, em visita oficial como representante do Superior da França. Pe. Gallais queria percorrer as regiões difíceis de Conceição do Araguaia, Porto Nacional, de Formosa e Goiás. Para cumprir esta tarefa precisava de um guia experiente. Frei Domingos foi escolhido porque além de conhecer muito bem a região era bom companheiro e dedicado. Frei Domingos conhecia muito bem a região, inclusive construía uma estrada (picada) de mais de 500 quilômetros, para ligar Porto Nacional a Conceição do Araguaia. Para construir um caminho como este, com

---

<sup>92</sup>Id. Ib., p. 60.

os poucos recursos disponíveis na época, exigia um bom conhecimento da região<sup>93</sup>

Após a Visita Canônica, frei Estevão designou frei Dominginho para auxiliar frei Gil no trabalho de catequese indígena, em Conceição do Araguaia. Neste povoado trabalhou intensamente na catequese indígena juntamente com o Pe. Vilanova. Com a morte deste em 1905, é nomeado superior da Missão Dominicana em Conceição do Araguaia.

Em julho de 1912 participou do Capítulo Provincial na França como representante da Missão Brasileira. No dia 26 de Agosto deste ano o Papa Pio X o nomeia Bispo da Prelazia da Santíssima Conceição do Araguaia. Aos 10 de outubro do mesmo ano foi sagrado Bispo na Catedral de Santo Estevão, Tolosa(França). Aos 6 de fevereiro de 1913 é entronizado em Conceição do Araguaia.<sup>94</sup>

É importante salientar que, como bispo, continuou com a mesma simplicidade de antes. Continuou a ser o missionário simples de antes. Por ocasião de sua nomeação como bispo ganhou do papa uma “riquíssima cruz peitoral ornada de cinco ametistas circundadas de filigranas de ouro. ‘Leva, meu filho, disse o Papa, esta recordação minha, e carrega a cruz com coragem!’”.<sup>95</sup> Por simplicidade frei Domingos usava essa cruz apenas na missa. Um superior percebendo o motivo pelo qual o bispo não usava a sua insígnia episcopal deu-lhe uma cruz mais simples e aconselhou-o a usar sempre a cruz peitoral. A

---

<sup>93</sup>Pe. Gallais em uma das cartas que escreve aos noviços de Tolosa em 1901 dá alguns detalhes sobre esta estrada. Diz ele: “Conceição não existe senão há três anos e ninguém jamais sonhou ir a Porto do lugar em que foi construída: nada a fazer. Para se ter uma estrada direta, foi necessário fazê-la aproximadamente sobre todo o trajeto. O homem ousado que não recuou diante de semelhante empresa, chama-se Frei Domingos Carrérot, e aquilo que todo mundo em Porto, taxava de quimera irrealizável, é hoje um fato consumado.” (cf. Gallais, Cartas do Brasil, op. cit., p. 63). Pe. Gallais nesta carta faz uma descrição minuciosa desta estrada, expõe a importância dela bem como as dificuldades para construí-la.

<sup>94</sup>Para detalhes da Sagração e entronização, vide cap. XI e XII do livro do Pe. Audrin já citado..

<sup>95</sup>AUDRIN, op. cit., p. 107. Audrin p/107

partir de então Dom Domingos passou a usar a insígnia episcopal, agora bem mais simples do que a que ganhara do Papa.

Como bispo continuou o seu trabalho missionário agora voltado mais para os indígenas. Continuou participando normalmente da vida conventual, do coral, das refeições com os frades, vestindo o hábito dominicano, sem palácio, <sup>96</sup>sem residência particular, sem cúria e sem secretaria. Era um frade bispo. Apenas após muita insistência aceitou usar as insígnias episcopais: a cruz peitoral e o solidéu. Continuou as suas incessantes jornadas em busca das numerosas ovelhas espalhadas pelos vastos recantos da diocese.

Em 1920, D. Domingos Carrérot tornou-se o primeiro bispo da diocese de Porto Nacional. Aí, como em Conceição do Araguaia, continuou a ser o bispo missionário, sobretudo junto aos selvícolas. Em Porto Nacional, nas primeiras horas do dia 14 de dezembro de 1933, nos braços de seu primeiro sacerdote, padre Dídimo e do índio Damião, frei Domingos(Dom Domingos) passou desta vida mortal para a eternidade.<sup>97</sup>

### 3 - A EVANGELIZAÇÃO PACÍFICA

Em Janeiro de 1492 os espanhóis tomam Granada, o último reino árabe na Espanha, concluindo a grande cruzada de libertação nacional contra os Mouros, infiéis muçulmanos. Foram praticamente oito séculos de lutas ininterrupta. Durante o período da guerra da reconquista espanhola se cristalizou uma das principais características do cristianismo hispânico: o cristianismo guerreiro. No cristianismo

---

<sup>96</sup> Normalmente os bipsos desejam um palácio episcopal. Viver num simples convento como simples frade é uma opção particular de Dom Domingos Carrérot.

<sup>97</sup> Para uma biografia completa de Dom Domingos Carrerot **veja** o livro do dominicano e seu companheiro frei José Maria Audrin **Entre sertanejos e índios do Norte**, já citado ao longo desse trabalho. Neste momento o objetivo não fazer uma biografia exaustiva de dom Domingos. O objetivo é mostrar que, mesmo depois de bispo, ele continua vivendo como frade missionário. A sagração episcopal não lhe tira a identidade primeira. Antes de mais nada é um missionário. Foi formado para ser missionário e o continua sendo até a morte.



guerreiro a cruz e a espada caminham juntas. Juntos também vão o Evangelho da Paz e a Espada da Guerra.

Cristóvão Colombo chega a América no mesmo ano que terminou a reconquista espanhola. Habitados a séculos de lutas os espanhóis já haviam assimilado o cristianismo guerreiro. A conquista da América foi uma continuação natural da Reconquista espanhola com uma diferença: ao invés de infiéis mouros, havia infiéis índios. Na América Latina os dominicanos foram os primeiros a protestarem contra o extermínio dos indígenas. Os primeiros dominicanos que aportaram na Ilha Espanhola (Atual Haiti e República Dominicana) tiveram uma prática mais pacífica. Não levavam consigo a Espada da Guerra. Levavam apenas o Evangelho da Paz. O frade dominicano frei Bartolomeu de Las Casas (1484-1566) foi o grande defensor da evangelização através de meios pacíficos. Aqui no Brasil os dominicanos seguiram esta rica tradição da Ordem.

Poder-se-ia dizer que havia um conflito de interesse: de um lado os interesses religiosos dos frades romanizados e do outro os interesses do catolicismo popular e dos indígenas. Entretanto deve se notar que esse conflito não aconteceu ao nível da prática, ficou apenas a nível teórico. Surge a pergunta: Se de fato há interesses antagônicos porque, então, os anais da história não registram conflitos, lutas entre dominicanos e camponeses ou indígenas? Pelo contrário os frades eram bem acolhidos em todos os lugares onde chegavam. A explicação está na pedagogia de evangelização utilizada pelos dominicanos. Como teólogos, fiéis seguidores de São Tomás e como sábios, fiéis seguidores do método usado pelos primeiros dominicanos na América Latina (Pedro de Córdoba, Montesino, Bartolomeu de Las Casas, etc). Eles utilizavam a pedagogia da persuasão. Explicar, persuadir, convencer: eis o segredo. Frei Bartolomeu de Las Casas já afirmava, no início do século XVI, que a Evangelização Pacífica o único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião.<sup>98</sup>

---

<sup>98</sup>O "cristianismo guerreiro" implantado na América Latina no início do século XVI privilegiava, como método de evangelização, a sujeição do índio pela força: primeiro vence pela força, pela guerra, depois evangeliza e batiza. 'Se se pode vencer, para que convencer', eis a máxima orientativa. Por isso a

Se o encontro do índio brasileiro com o missionário dominicano foi de paz o mesmo não aconteceu com o encontro que o índio teve com os conquistadores e exploradores que se adentravam nas matas brasileiras à caça de índios para escravizar. A marcha da conquista do sertão brasileiro, nos séculos XIX e XX foi marcado pela ideologia da morte. O índio, considerado como uma fera indomável quando se tornava empecilho era simplesmente exterminado: “A história dessa penetração, feita quase sempre a ferro e fogo, é a do avassalamento e extermínio de um elenco infindável de tribos...”<sup>99</sup>. Vários foram os métodos utilizados: envenenar as águas, deixar roupas contaminadas de varíola, botar fogo nas aldeias para dispersar os índios, aprisionar as mulheres, para atrair os homens, oferecer presentes inúteis, viciar o índio com cachaça.

Os frades dominicanos possuíam uma sólida formação teológica segundo a qual o amor a Deus passa pelo amor à pessoa humana. Para eles o índio e o sertanejo eram seres humanos e como tal deveriam ser amados até as últimas conseqüências. Mesmo quando faziam alguma ação visando a salvação da alma do índio, eles faziam isto por um ato de amor, por razões humanitárias, pois acreditavam piamente que o seu gesto era bom para o índio. A dimensão humana do trabalho dominicano se baseia na concepção teológica que tinham do ser humano. Este foi criado a imagem e semelhança de Deus. Há algo de divino e de sagrado na pessoa humana. E como tal deve ser respeitada. Nenhuma violência contra ela se justifica. Portanto, a ação pastoral dos dominicanos no Brasil se deu sobretudo por razões humanitárias. Sem elas eles não teriam a energia que tiveram para suportarem as mais diversas adversidades que encontraram nos sertões brasileiros.

O encontro do missionário com o índio foi um encontro pacífico. Não um encontro com o objetivo de amansar o silvícola para depois entregá-lo a sanha dos

---

proposta de Evangelização pacífica dos dominicanos-primeiro convencer - causa uma certa estranheza, mesmo entre outros missionários.

<sup>99</sup>RIBEIRO, Berta. **O Índio na história do Brasil**. São Paulo : Global, 1983. p.72.

exterminadores ou para transformá-los em mão barata. Foi um encontro com o objetivo de devolver ao índio a dignidade perdida. Para o frade, o índio não era um selvagem que deveria ser eliminado, mas um filho de Deus que deveria ser amado. No Brasil o frade dominicano foi tão humano para com os índígenas quanto o foram os primeiros dominicanos que chegaram à América Latina, no início do século XVI. Muito dos primeiros dominicanos que vieram para o Brasil receberam a formação humanística em Salamanca, no período em que aí estiveram exilados. Salamanca, foi no século XVI, o centro mundial dos debates teológicos sobre a questão indígena.

No tratamento humano dado ao indígena brasileiro destacam-se dois aspectos: a pedagogia de ensino e a acolhida. Muitas vezes o missionário ensinava sentado como aconteceu com frei Gil neste episódio:

“Certa vez estava em grande conferência com os chefes e com todos os homens da tribo. Sentados em círculo ao redor dele, ouviam-no com a maior atenção. Contava-lhes a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, explica-lhes os mistérios da Encarnação e da Redenção, falava-lhes do céu, do que se deve crer e praticar para o gozar depois da morte. Estavam espantados, maravilhados, pois tudo isso era novo para eles.”<sup>100</sup>

Esta maneira espontânea, simples e amistosa mostra humildade, respeito e familiaridade. **Sentado** significa atitude de simplicidade e não de prepotência. Mostra a pedagogia da persuasão. O índio não era obrigado a participar do projeto. Em Conceição do Araguaia, por exemplo, os dominicanos não forçavam os pais a confiar-lhes as crianças: “Fiés à palavra dada, os chefes da aldeia confiara-lhe tantas quanto ele(frei Gil) quis.”<sup>101</sup> Mesmo quando a criança indígena fugia, ela não era obrigada a voltar. Deixava a criança livre e somente excepcionalmente, em caso de fuga os missionários recorriam aos chefes para fazê-la voltar. Com o tempo, os indiozinhos passavam a gostar do aldeamento, não sendo “necessário

---

<sup>100</sup>GALLAIS, O apóstolo...op. cit. p. 191.

<sup>101</sup>Id. Ib., p. 189.

recorrer a toda espécie de arranjos e expedientes para os reter; o grande receio dos indiozinhos já consistia em serem despedidos.”<sup>102</sup>

O contato do branco com o índio foi um encontro marcado pela dinâmica guerreira. A violência do branco gerou a violência no índio, iniciando assim o círculo vicioso da violência. Os brancos vêem os índios como salteadores que invadem as propriedades dos brancos, matando, destruindo e roubando tudo que encontram pela frente. Dentro desse quadro a conclusão dos “civilizados” é lógica: somente a violência é capaz de deter a fúria destas feras indomáveis. Por sua vez o índio vê o branco com desconfiança e ódio. Por isso a preocupação fundamental do índio é a guerra.

Frei Gil Vilanova em suas excursões pelo sertão para catequizar percebeu esse espírito guerreiro do índio e chegou a conclusão que impossível organizar um obra de evangelização em um ambiente tão violento assim. A obra catequética somente seria possível em regiões onde os índios são os únicos ocupantes e onde vivem em paz. Aí então o missionário poderia colocar em prática a sua pedagogia da paz, já desde os primeiros contatos. Por isso o missionário dominicano, desde o início, estabelece um relacionamento amistoso com o índio. Também o índio acolheu com carinho esta praxis pacífica do missionário. O índio se sentia bem acolhido nas missões e freqüentemente ia a casa dos missionários, como afirma frei Gil a respeito dos Caiapó que viviam em três aldeias perto de Conceição: “Estamos em relação de amizade com as três(aldeias). Vamos livremente à casa deles, como muito à vontade vêem eles a nossa casa, receber presentes. Os índios dessas aldeias, em número de quinhentos, vieram estabelecer-se perto de nós e confiaram-nos seus filhos.”<sup>103</sup>

O missionário dominicano embuido de uma mentalidade europeizante e renovadora, buscava cristianizar o índio tornando-o civilizado, livre dos costumes selvagens.

---

<sup>102</sup>GALLAIS, **O apóstolo** ... op. cit. p. 215.

<sup>103</sup>Id. Ib. p. 241.

Tinha como objetivo evangelizar o índio. Evangelizar significava fazer o índio assimilar os valores da moral e da civilização cristã ocidental. Neste sentido o missionário pode ser visto como um destruidor da cultura indígena. E por conseguinte destruidor do próprio índio, pois destruir a cultura de uma povo é o mesmo que destruí-lo. Entretanto os frades dominicanos seguindo a tradição da Ordem Dominicana e dentro da perspectiva humanitária do cristianismo não impuseram as suas concepções. Utilizaram a pedagogia da persuasão. O princípio de respeito à pessoa humana foi determinante para a utilização do método pacífico.

Na Revolução francesa, o ideal libertador, igualitário e fraternal dos revolucionários foi sufocado e anulado por uma prática opressora que levou tantas pessoas humanas à guilhotina. Com os missionários dominicanos aconteceu o inverso: as conseqüências desastrosas de uma postura teórica, destruidora da cultura indígena, foi praticamente anulada pelos benefícios de uma prática pacífica. No embate entre teoria guerreira e prática pacífica venceu esta.



## **CAPÍTULO III**

### **OS DOMINICANOS E O CONTEXTO ECLESIAL BRASILEIRO**

#### **1 - CARACTERÍSTICAS DA ROMANIZAÇÃO DA IGREJA NO BRASIL**

No período da fundação da Missão Dominicana a igreja no Brasil estava passando por significativas transformações. O movimento de renovação da igreja católica também chamado de romanização da igreja estava em pleno desenvolvimento. A ação apostólica dos dominicanos contribuíram significativamente para o fortalecimento desse movimento ultramontano mormente nas dioceses onde se estabeleceram. Formados na França, dentro de um regime de estrita observância dos valores religiosos, não tiveram dificuldades de se enquadrar dentro dos parâmetros do movimento renovador da igreja no Brasil, na segunda metade do século XIX. Os postulados defendidos pelo movimento de renovação brasileiro se assemelhavam muito aos princípios assimilados pelos dominicanos no processo de restauração

liderado pelo Pe. Francisco Jandel, em toda Ordem Dominicana. Do ponto de vista de ideário eclesial, os filhos de São Domingos, ao chegarem aqui no Brasil, pisaram em terreno conhecido. O movimento renovador foi uma resposta a uma situação concreta em que vivia a igreja católica no Brasil. É um

movimento que “pode ser caracterizado como tridentino, romanista, episcopal e clerical”<sup>104</sup>

É um **Movimento Tridentino** porque tem como parâmetro o Concílio de Trento. No início do século XVI, a Igreja Católica na Europa estava mergulhada numa crise terrível fruto de várias circunstâncias, inclusive de seus próprio erros como afirma o Papa Adriano VI(1522-1523) na Dieta de Numemberg em 1522: “Nós todos, prelados e eclesiásticos nos afastamos do caminho da justiça...A Sagrada Escritura ensina que os erros do povo têm sua origem nos erros do clero.”<sup>105</sup> Diante dessa crise o Concílio de Trento (1542-1562) tomou várias resoluções para serem aplicadas na Igreja Católica no mundo inteiro tendo em vista uma mudança nos costumes dos membros da Igreja. O decreto publicado pela terceira sessão do Concílio, em 7 de janeiro de 1546, é um exemplo desta tentativa de reforma: “Os bispos devem ser irrepreensíveis, sábios, castos e bons dirigentes de seus bispados. O Concílio pede que cada um seja sóbrio na mesa e comam pouca carne...Que logo abandonem os vícios e sigam as virtudes...que sejam honestos ,como convém a um ministro de Deus.”<sup>106</sup> Estas como tantas outras determinações do Concílio de Trento não chegaram a ser aplicadas aqui no Brasil como o fora em muitos países da Europa. Tentativas houve, porém abortaram. O regime de Padroado reinante em terras brasileiras, durante o período colonial, oferecia poucas condições para que efetivamente fosse aplicado, no Brasil, o espírito da reforma tridentina. Apenas no século XIX a reforma católica determinada no Concílio de Trento é introduzida efetivamente no Brasil. Portanto, Trento acontece, no Brasil, trezentos anos depois através do movimento reformador do século XIX que tem como referência principal a necessidade de se colocar em prática, no Brasil, as decisões do Concílio de Trento.

---

<sup>104</sup>AZZI, Riolando. O Movimento Brasileiro de Reforma Católica durante o Século XIX. REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA. Petrópolis : Vozes, v. 34, fasc. 135, setembro 1974. p. 648.

<sup>105</sup>A pud SHUMANN, Breno; JERKOVIC, Jerônimo. Lutero 450 anos depois. Petrópolis : Vozes, 1971. p. 62.

<sup>106</sup>Id. Ib., p.63.



O movimento reformador é **Romanista**, porque defende a fidelidade absoluta ao Sumo Pontífice, que tem a sede em Roma, combatendo aqueles que pregam uma igreja nacional mais independente. Nos séculos XVIII e XIX havia dois grupos de católicos, na Europa: de um lado havia o grupo que defendia mais autonomia da Igreja local em relação a Roma, pleiteando um catolicismo mais vinculado à nação; de outro lado, a corrente que defendia uma adesão incondicional a Roma. Estes eram chamados de católicos romanos ou ultramontanos.

Na colônia e Império, a igreja no Brasil, sob as malhas do Padroado, estava praticamente sem nenhum vínculo com a Santa Sé. Somente a partir do século passado o Papa começou a exercer influência na organização da igreja católica no Brasil. Até então o monarca português era, na prática, o verdadeiro chefe da Igreja. O movimento de renovação católica defendia uma Igreja desvinculada do Estado e sob a orientação exclusiva do Romano Pontífice. Proclama uma adesão incondicional ao Papa. Para os defensores do movimento, o poder dos bispos vem da Santa Sé e não do poder civil. Os bispos são herdeiros do poder vindo diretamente de Cristo. O papa é o árbitro espiritual de todo o mundo: “O Papa é o pastor universal. Sua magistratura suprema nas coisas do espírito não conhece limite terrestre”,<sup>107</sup> afirma o bispo D. Macedo Costa, um dos líderes do movimento reformador. Esta posição romanista dos bispos reformadores foi uma opção consciente e fruto do processo de formação pelo qual os bispos passaram. De fato a maioria dos bispos reformadores receberam ou completaram a sua formação sacerdotal em Roma.

É um **movimento episcopal**, porque parte fundamentalmente da hierarquia eclesiástica. O movimento de reforma católica, no século XIX, “foi dinamizado em modo particular pelo episcopado, podendo ser visualizado em duas fases sucessivas: a primeira sob a liderança de D. Viçoso, bispo de Mariana, e a

---

<sup>107</sup> Apud CEPEHIB. **D. Antonio de Macedo Costa**: Bispo do Pará - Arcebispo Primaz (1830-1891). Cadernos de história da Igreja n. 1. São Paulo : Loyola, 1982, p. 13.

segunda tendo como figura preeminente D. Macedo Costa, bispo do Pará.”<sup>108</sup> Com D. Viçoso (1844), o maior expoente da fase inicial, o movimento se inicia de maneira orgânica. Vários outros bispos, seguindo as pegadas do bispo de Mariana, assume o novo espírito que, no final do século XIX, já domina de ponta a ponta a Igreja no Brasil. Os bispos que lideraram esse movimento são chamados de bispos reformadores. Vários foram os bispos reformadores dos quais pode-se destacar Dom Antonio Ferreira Viçoso (Mariana), D. Joaquim de Melo (São Paulo) e Dom Antonio de Macedo Costa (Pará, e depois Salvador). Foram os principais propagadores do ideário tridentino em terras brasileiras. Quer pela capacidade de liderança, quer pela importância das dioceses onde pastoreavam, esses bispos influenciaram fortemente toda a Igreja no Brasil, no processo de romanização.

D. Viçoso, bispo de Mariana, iniciou, de maneira orgânica, o movimento reformador ao assumir esta diocese mineira em 1844. Com ele a frente, esta diocese foi o principal foco de irradiação do movimento. Governou a arquidiocese de Mariana de 1844 a 1873. Neste período ordenou mais de trezentos padres dos quais cinco se tornaram bispos perfeitamente afinados com a nova mentalidade. O regulamento que fez para o seminário de Mariana baseado na disciplina, no silêncio e no recolhimento serviu como modelo para os demais seminários diocesanos do Brasil.<sup>109</sup>

---

<sup>108</sup>Id. Ib., p. 646.

<sup>109</sup>Eis alguns trechos desse regulamento: “Dizendo a Escritura que há tempo de falar e de calar: e sendo moralmente impossível que haja piedade e boa ordem onde não há silêncio, diligentemente procurarão observá-lo; não falando fora das horas de recreação, nem fazendo rumor nos salões, especialmente no tempo de estudo, e depois do exame geral da noite, nem também irão ao leito de seus companheiros perder tempo em conversas. Não admitirão ninguém em seus dormitórios, nem alguém chamará outros à portaria, ou outro qualquer lugar, para falar a alguém que o procure; nem entregarão ou receberão cartas ou qualquer outro objeto, sem primeiro passar pela mão do Reitor. Não será permitido aos iniciados *in sacris* ir passar as férias fora do seminário. Os vestidos exteriores dos seminaristas são batinas, ou samarras fechadas, e meias de cor. Evitarão amizades particularres, de que se possa suspeitar mal. Não poderão entrar nos salões dos outros, nem mesmo conversar às portas deles... Se algum ofender a castidade ainda mesmo com palavras, será expulso do seminário, ou gravemente castigado, se houver esperança de remédio: o que também terá lugar contra o que perturbar a paz do seminário...” ( Cf. Azzi, **O movimento** ...op. cit., pp. 657-658).

Dom Antonio Joaquim de Melo , bispo de São Paulo(1852-1861) que, na época, compreendia parte de Minas e os estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Foi despertado para o espírito da renovação já depois de padre. Adepto da linha política de Padre Feijó, abandona a política e se dedica exclusivamente à reforma. Ao assumir a direção da diocese, percebe o clamor contra a imoralidade e relaxamento do clero paulista . Elabora um projeto de reforma e o impõe a força, apesar de várias reações, inclusive do Cabido da Catedral. A reforma de D. Viçoso era calcada na conversão interior que deve traduzir-se também exteriormente. Dom Joaquim implanta a reforma em sua diocese com uma pedagogia diferente. O projeto de Dom Antônio Joaquim é mais jurídico, legal, baseado nos decretos do Concílio de Trento que deveriam ser observados fielmente sem discussões. Estabelece um minucioso regulamento para o clero paulista : uso de batina, cor das meias, tipo de corte de cabelo e barba, tempo mínimo de duração da missa, etc. Condena as transgressões do clero ao celibato; proíbe a participação política do clero; proíbe a usura, a caça e jogos por parte do clero.

Dom Antônio enfatiza a tarefa missionária do bispo que deve ir ao encontro das ovelhas espalhadas por todos os recantos da diocese. O bispo é antes de mais nada o pastor. Ele foi realmente um grande missionário percorrendo , evangelizando toda a sua diocese. Neste aspecto, propôs fazer em cinco meses o que não se fez em 50 anos. Fez verdadeiras peregrinações evangélicas. “E de fato, durante sete anos evangelizou os intérminos sertões , sempre a cavalo ou a pé por caminhos ásperos e fragosos”<sup>110</sup>. Reformou o clero antigo e fundou o seminário para a formação do clero novo. A diocese de São Paulo com ele a frente foi, juntamente com a diocese de Mariana, um dos principais focos de irradiação da reforma no Brasil.

---

<sup>110</sup>AZZI, Riolando. D. Antonio Joaquim de Melo, Bispo de São Paulo(1851-1861), e o movimento de Reforma Católica no Século XIX. REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA. Petrópolis : Vozes, v. 35, fasc. 140, Dezembro 1975. p. 511.

Dom Antônio Macedo Costa, bispo de Belém do Pará e arcebispo de Salvador, foi o mais influente líder da Igreja Católica no Brasil, na segunda metade do século XIX. Durante as três décadas que esteve como bispo (1860-1891) teve um papel fundamental na consolidação do movimento reformador da Igreja no Brasil. D. Viçoso e D. Antônio Joaquim foram os impulsionadores do movimento em sua fase inicial. A ação de D. Macedo contribuiu para que o movimento se firmasse com mais vigor. Suas posições fortes contra as ingerências do Estado nas coisas da Igreja foram importantes para a explicitação de uma das características fundamentais do movimento ultramontano: substituição do modelo medieval de igreja-cristandade pelo modelo moderno de igreja-hierarquia implantado a partir de Trento. Pleiteia uma colaboração mútua entre Igreja e Estado em áreas diferentes. Foi um marco importante para a posterior definição da igreja frente ao sistema do Padroado. Na Pastoral Coletiva de 19 de março de 1890, cuja redação é do próprio D. Macedo, os bispos brasileiros declaram: “Entre nós, a operação exercida pelo Estado, em nome de um pretense Padroado, foi uma das principais causas do abatimento da nossa Igreja, o seu atrofamento quase completo. Era uma proteção que nos abafava”<sup>111</sup>. D. Macedo se constituiu, então, na personalidade mais importante da segunda fase do movimento reformador.

O movimento de renovação da igreja foi um **movimento clerical**, na medida em que o clero se torna o centro nevrálgico de toda a ação pastoral. Esta é a principal característica do movimento, em virtude de seus desdobramentos e conseqüências na religiosidade popular. O movimento supervaloriza as práticas religiosas desenvolvidas pelos sacerdotes (sacramentos) e ao mesmo tempo deixa em segundo plano as atividades religiosas ligadas diretamente ao povo (devoções e cultos populares). Procura enquadrar as devoções populares existentes dentro da mentalidade romanizadora.

---

<sup>111</sup>Apud CEPEHIB, op. cit., p. 21.

As associações que resistem à extinção acabam por falta de apoio ou se integram no novo esquema sob o controle do Padre.

O exemplo mais claro desse processo de integração das antigas irmandades na organização paroquial é o da Irmandade do Santíssimo. Irmandade exclusivamente masculina e que, em geral, congregava os homens da elite local, ela integra-se na paróquia sujeitando-se a uma mudança estatutária que dá ao vigário(pároco) o poder de decisão . Assim ,ela garante sua posição de destaque nas festas do Santíssimo Sacramento(especialmente nas procissões e na Festa do Corpo de Deus) e nas missas dominicais, mas agora como associação paroquial e não mais como irmandade autônoma.<sup>112</sup>

A hierarquia advoga para si o controle sobre todos os atos religiosos. A sacramentalização e a obediência eclesiástica constituem dois aspectos essenciais da clericalização da Igreja defendida pelo movimento. O bom católico deve frequentar regularmente os sacramentos e obedecer incondicionalmente a autoridade eclesiástica. “No cristianismo há um vínculo de nobre subordinação, fiel obediência, dependência afetuosa dos fiéis para seu bispo, da ovelha para como seu Pastor, os filhos espirituais para com o Pai em Jesus Cristo. Nas coisas de religião o bispo ordena, os fiéis obedecem.”<sup>113</sup>

O clero reformado achava absurdas certas práticas do catolicismo luso-brasileiro presente no Brasil, durante o período colonial. O fato de fiéis demonstrarem grande zelo na preparação das festas tradicionais dos santos e pouco interesse pela missa era considerada uma aberração. O zelo demonstrado na preparação das festas populares contrastava com o relaxamento na prática dos Sacramentos. Então, dentro da nova mentalidade temos as seguintes mudanças:

a) Substituição dos santos tradicionais(Santo Antonio, São Sebastião, São Benedito) pelos Santos em voga na Europa: Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora Auxiliadora, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, São Geraldo Magela, Santo Afonso.

---

<sup>112</sup>OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Religião e Dominação de Classe**. Petrópolis : Vozes,1985. pp. 287-278.

<sup>113</sup>Apud CEPEHIB, op. cit., p. 12.

b) Substituição das Irmandades tradicionais fundadas e dirigidas por leigos (Confrarias, Ordem Terceira) por novas associações voltadas para os novos santos: apostolado da Oração, filhas de Maria, Congregados Marianos, Cruzada Eucarística, Vicentinos.

c) As imagens são guardadas nas igrejas e capelas sob o controle do padre e não mais nos Oratórios Particulares.

d) O padre substitui o leigo. Assume as funções religiosas e torna o ator principal. O leigo perde a autonomia religiosa. Toda prática religiosa tem que ter a aprovação do clero. Esta é a mudança principal.

## 2 - A REFORMA DO CLERO

Durante o período colonial, os padres jesuítas, através de seus colégios, foram os principais formadores do clero no Brasil. Em 1759, por ordem do Marques de Pombal foram expulsos do Brasil. Com a expulsão dos jesuítas poucos seminários puderam continuar devido à falta de professores adequados. Com isso houve uma decadência no nível do clero, uma vez que não havia locais apropriados para formá-lo. A formação presbiteral era deficiente e sem critérios. Não havendo seminários, a formação presbiteral era feita sem nenhuma sistematização, em pouco tempo, às vezes em poucos meses, se formava um padre. Assim no início do século XIX o clero secular em sua grande maioria se encontrava em um estado deplorável. No Ceará, por exemplo,

A maioria dos padres eram ignorantes e incapazes de parouquiar. As causas de tanta decadência não nos são ocultas: não havendo seminários bem disciplinados, naqueles tempos idos, a formação sacerdotal era descuidada. Havia, em certas cidades do Ceará, como em Fortaleza, Crato, Sobral, Aracaty e outras, professores de latim, encarregados de mandar para Olinda aqueles que desejavam se ordenar. Iam para Pernambuco esses moços com um mínimo de preparo, e lá, depois de poucos meses, eram ordenados padres e voltavam para

o Ceará investidos do sacerdócio e do cargo de vigários. Outros iam para o Maranhão e de lá voltavam padres, com maior presteza ainda.<sup>114</sup>

Tivemos uma leva imensa de sacerdotes vivendo no concubinato, praticando a simonia, dedicando-se à atividades econômicas rentáveis e relaxados nos serviços religiosos não lucrativos. Se interessavam mais pelas atividades políticas do que pelas atividades religiosas. Podiam inclusive desrespeitar as eventuais punições episcopais pelo recurso ao imperador que tinha efeito suspensivo. A autoridade episcopal estava, portanto, minada.

A grande maioria dos padres seculares eram casados ou amasiados. Em Mariana conforme nos relata o Cônego Trindade, os padres, “quando não tinham mulheres em casa, tinham-nas em casa sabida e conhecida donde lhes vinha a comida e onde passavam as noites”<sup>115</sup>. No mesmo período em Mariana também o cabido da catedral, primeira autoridade na vacância do bispo, era composto em sua maioria, de padres publicamente amasiados.<sup>116</sup> Situações análogas perduravam em outras regiões do Brasil.

A falta de disciplina eclesiástica já vinha desde os seminário, como atesta D. Silvério ao descrever o Seminário de Mariana antes da instauração do movimento de renovação:

“O Seminário em Sé vaga estava de tal jeito que os alunos saíam de noite para a casa das amásias que tinham na cidade, apesar da reclusão em que eram guardados, dormindo com portas fechadas. Chegava a tal ponto que, quando um seminarista tentava alguma moça, ela prometia para quando fosse padre, porque então tinha meios de a sustentar.”<sup>117</sup>

A reforma do clero torna-se, então, então a nota predominante e o objetivo principal da ação pastoral dos bispos reformadores. É necessário começar

---

<sup>114</sup>Azzi, **O Movimento** ..., op. cit., p. 647.

<sup>115</sup>Id. Ib., p. 648.

<sup>116</sup>Id. Ib., p. 647.

<sup>117</sup>Id. Ib., p. 657.

pela reforma dos seminários. Os reformadores seguem uma lógica em sua ação: Para reformar o povo é necessário reformar os padres e para reformar estes é necessário reformar os seminários. É necessário renovar os seminários visando preparar, desde a juventude, sacerdotes exemplares. Dentro dessa visão o padre será a luz que irá iluminar as trevas da ignorância do povo. Será o sal que irá dar um novo sabor à devassidão moral em que vive o povo. Para isso os padres deverão receber uma sólida formação baseada no estudo, numa disciplina rígida, no silêncio e no recolhimento. Os regulamentos dos seminários serão rigorosos em todos os aspectos. A defesa da castidade constitui, por sua vez, o ponto forte da formação, pois o movimento reformador acentua a vida casta como característica fundamental do sacerdote. Como já foi visto, o regulamento que D. Viçoso elabora para o seminário é bem claro neste sentido. Inclusive aquele que desobedecer corre o risco de ser castigado ou mesmo expulso do seminário.

A maioria dos bispos reformadores já trabalhara anteriormente em seminários como professores ou como reitores. Essa experiência foi importante para que, uma vez bispos, pudessem levar a cabo a empreitada de fundar novos seminários ou reformar os já existentes, pois “para um bispo a obra das obras é o seminário. É preciso ter seminários, **seminários** e não outra coisa com este nome”.<sup>118</sup>O próprio Papa Adriano II já havia afirmado que os erros do povo têm a sua origem nos erros do clero.<sup>119</sup>A renovação da Igreja Católica precisa de padres bem formados. Daí a importância que os senhores bispos davam aos seminários para a formação de pastores zelosos, piedosos e conscientes de sua missão. O seminário tornou-se, então, a prioridade para os bispos reformadores. Assim no final do Império, todos os doze bispados existentes no Brasil já havia , implantado seminário dentro da nova mentalidade.

Os bispos reformadores incentivam a ação pastoral através de cartas pastorais e testemunhos pessoais. Dentro da nova mentalidade valoriza-se mais

---

<sup>118</sup> OLIVEIRA, op. cit., p. 281.

<sup>119</sup>CF nota nº 105



a figura do *bispo pastor* ao invés do bispo administrador. O bispo pastor se preocupa em pastorear as suas ovelhas. A visita pastoral agora toma um cunho verdadeiramente pastoral. O bispo pastor é um missionário que percorre cidades e aldeias anunciando o evangelho e distribuindo os sacramentos. A visita pastoral que, às vezes, levava meses passou a ter um lugar de relevo na vida dos bispos a partir da segunda metade do século XIX. Os frades dominicanos, ao chegarem ao Brasil nesse período, pisarão em solo muito bem conhecido por eles, uma vez que o que eles mais desejavam era ser missionários.

O processo de renovação da igreja católica no Brasil não foi tão pacífico como se pensa. Houve resistências. A maioria do clero se opunha à reforma. Para eles era mais uma inovação do que uma necessidade. Para um clero de idéias galicanas, regalistas ou liberais, a atitude dos bispos reformadores tinha um sabor de ultramontanismo. Era uma imposição do exterior que feria o orgulho nacional. Portanto precisava ser rechaçada. A oposição era maior ainda pelo fato dos bispos estarem cercados de frades estrangeiros. A presença maciça de colaboradores estrangeiros feria o sentimento nacionalista do clero. O fato de alguns bispos, como D. Antônio de Melo em São Paulo, imporem a reforma através de métodos autoritários agravou ainda mais a questão. Assim em diversas dioceses, organizaram-se verdadeiros blocos de resistência ao novo espírito, muitas vezes liderada pelos próprios cabidos que constituíam normalmente a porção do clero que mais diretamente se relacionava com o bispo. Assim, na diocese de São Paulo, onde a reforma foi imposta de maneira drástica pelo bispo Dom Antônio de Melo, deu-se início a uma guerra declarada contra a pessoa do prelado.<sup>120</sup>

Apesar da resistência, os bispos reformadores da primeira hora encontraram alguns discípulos que garantiram a continuidade da implantação da reforma. Em meados do século XIX encontramos dois tipos de padres: um clero tradicional, político, amasiado, imerso na vida do povo, e um clero reformado, cura de almas, celibatário, alheio a participação política. O tipo tradicional é herdeiro da

---

<sup>120</sup>AZZI, Dom Antonio, op. cit. p. 913.

formação do Brasil colonial sob o regime do Padroado. O clero reformado é fruto do movimento de romanização. Paulatinamente o clero tradicional vai sendo relegado para o interior e o clero reformado passa a predominar nos centros urbanos. É deste novo tipo de clero que serão escolhidos os futuros bispos do Brasil.

### 3 - OS DOMINICANOS E A ROMANIZAÇÃO DA IGREJA EM GOIÁS

A romanização da igreja católica no Brasil não constitui um fato isolado. Está intimamente ligada com a conjuntura eclesial internacional. Ela se insere no processo mais amplo das transformações pelas quais está passando o aparelho religioso católico a nível internacional, sobretudo a partir do pontificado do Papa Pio IX (1846-1878). “no fundo, os bispos não fazem mais do que incorporar ao catolicismo brasileiro os modelos de organização eclesiástica, de crenças e de práticas religiosas que a Santa Sé lhes fornece”<sup>121</sup>. Durante o seu pontificado, Pio IX encorajou o quanto pode o movimento ultramontano europeu que obteve grandes progressos e foi “solenemente sancionado pelo Concílio Vaticano I (1870)”<sup>122</sup>. Para Pio IX a vitória do movimento Ultramontano europeu era fundamental porque esta, como diz o especialista em história eclesiástica Roger Auber,

...lhe pareceu ao mesmo tempo como a condição da restauração da vida católica lá onde as intervenções governamentais na vida das igrejas ameaçavam abafar o zelo apostólico do clero e dos fiéis, e como o melhor meio de reagrupar todas as forças vivas do catolicismo a fim de reagir contra a crescente vaga de liberalismo anticristão.<sup>123</sup>

É interessante notar como os fatos históricos se entrelaçam compondo um grande enredo na tela da vida. Vão acontecendo aqui e acolá como notas dispersas de uma mesma sinfonia. Restauração da Ordem sob a liderança de

---

<sup>121</sup>OLIVEIRA, op. cit., p. 292

<sup>122</sup>AUBERT, Roger. **Nova História da Igreja: A Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno**, T. I, v. V. Tradução de Pedro de Sena Madureira e Júlio Castañon Guimarães. Petrópolis : Vozes, 1875. p. 8.

<sup>123</sup>Id. Ib., pp. 8-9.

Jandel, recuperação do fervor missionário nos dominicanos franceses, onda de liberalismo e expulsão dos frades da França, Pontificado centralizador de Pio IX, Romanização da Igreja no Brasil, vinda dos dominicanos para o Brasil, não são fatos isolados. Estão interligados. A compreensão de um ajuda a entender melhor o outro.

O pontificado de Pio IX e o de seu sucessor, Leão XIII(1878-1903) que juntos comandaram a Igreja católica por mais de meio século foram significativamente centralizadores. Durante o Pontificado de Pio IX as ordens religiosas cresceram extraordinariamente. Foram criadas novas congregações religiosas. As antigas, como por exemplo a Ordem Dominicana a partir da restauração liderada pelo pe. Jandel, se tornaram mais centralizadas, mais numerosas, mais ativas. Com o crescimento das ordens religiosas, a Santa Sé está em melhores condições não só de incentivar a romanização no Brasil ,mas principalmente está em condições de oferecer apoio logístico para a concretização do ideário ultramontano brasileiro. No final do século XIX e de modo particular a partir da separação Igreja-Estado(7 de Janeiro de 1890) chegam ao Brasil vários religiosos oriundos de vários países da Europa. Estes serão os principais agentes de dinamização e consolidação do movimento ultramontano em terras brasileiras.

Entre estes religiosos estrangeiros estão os dominicanos que chegam ao Brasil, em 1881, a convite de Dom Cláudio Ponce de Leon, um dos mais ardorosos defensores da romanização da igreja.

### 3.1 - D. CLÁUDIO, O BISPO MISSIONÁRIO<sup>124</sup>

A fundação e consolidação da Missão Dominicana no Brasil estava estreitamente vinculada ao movimento de renovação da Igreja no Brasil e particularmente ao projeto reformador do bispo de Goiás, Dom Cláudio Ponce de

---

<sup>124</sup>No subsídio eclesiástico para a história de Goiás intitulado **Lugares e pessoas** o Cônego J. Trindade no Capítulo XXVII caracteriza apropriadamente D.Cláudio de o **bispo missionário**.

Leon. A ação apostólica da Ordem dos Frades Pregadores se constituiu em forte ponto de apoio às pretensões do bispo de Goiás em seu projeto de revitalização da Igreja, na diocese de Goiás.

Admirador dos primeiros dominicanos que chegaram ao Rio de Janeiro em 1878, e conhecedor dos frades dominicanos, na França, sentiu que a Ordem Dominicana era a instituição adequada para colaborar com o seu projeto para a Igreja em Goiás. A Ordem Dominicana, na França, estava imbuída do espírito missionário. Ele, filho de uma Congregação missionária, os Padres da Missão de São Vicente de Paulo, depois de bispo conservara o espírito missionário. Ao assumir o comando da diocese em 1881 ele convida os frades dominicanos para serem os seus colaboradores na consolidação da Igreja em Goiás já iniciada pelo seu antecessor Dom Joaquim Gonçalves de Azevedo.

Dom Cláudio nasceu na cidade de São Salvador, Bahia, aos 21 de fevereiro de 1841. Filho do bacharel Domingos José Gonçalves Ponce de Leon e de Dona Gertrudes Gonçalves de Araújo. Aos 16 anos viaja para a Europa com a finalidade de estudar. Deseja ser engenheiro. Termina os estudos de humanidade em Paris e ingressa na Escola de Engenharia de Cannes. Antes de terminar o Curso de Engenharia mudam-se os horizontes do jovem Cláudio. Conhece o Cura de Ars e se confessa com este santo vigário. “Nesta oportunidade, o Padre Vianney lhe dissera que ele não seria mais um engenheiro dos homens, mas sim, um grande engenheiro da salvação das almas”.<sup>125</sup> Abandona então o curso de Engenharia e procura os Padres da Missão de São Vicente de Paulo. Torna-se religioso em 1863, e ordena-se presbítero, em 1867. Após a ordenação regressa para o Brasil onde vem a assumir os trabalhos de magistério no Seminário. Quando foi escolhido para ser bispo em Goiás, já vivia no Rio de Janeiro onde exercia o cargo de Vice-Reitor no Seminário de São José.

---

<sup>125</sup>SILVA, op. cit., p.284.

Dom Cláudio tinha um grande pendor pela vida missionária. Era chamado de o bispo missionário. Na data de sua Sagração como bispo envia aos seus diocesanos uma Carta Pastoral de saudação na qual aparece essa sua aptidão missionária. O Cônego Trindade assim comenta essa Carta Pastoral: “Consta este trabalho de valor de quarenta e sete páginas de ensinamentos, de exortações e de coragem na pregação da verdade. Muito afável e paterno, revelara-se, porém, o **pastor missionário** (sem grifo no original) e vigilante pelo decoro social da sua Igreja e de seu clero.” De fato ao assumir o pastoreio da diocese de Goiás revelase esse seu grande pendor missionário ao realizar várias visitas pastorais ao povo de sua diocese.

A sua entrada oficial na cidade de Goiás se dá a 30 de setembro de 1881. Já em Abril de 1882 faz a

sua primeira visita pastoral. Visita todos os lugares do leste goiano. Essa visita termina na segunda quinzena de setembro. Em 1883 faz a sua segunda visita pastoral. Desta vez visita todos os povoados do extremo norte goiano. Esta foi a mais penosa de todas as suas visitas pastorais. Partiram de Goiás aos 16 de maio de 1883 e regressaram somente aos 21 de novembro do mesmo ano.<sup>126</sup>

Padre Berthet, na crônica desta viagem, dá detalhes interessantes da composição e organização da caravana episcopal. Esta era composta de oito pessoas: O bispo, um padre diocesano, um frade dominicano(frei Berthet),um empregado para servir de guia, dois para cuidar da tropa, dois soldados dos quais um deveria cuidar da cozinha. A tropa era composta de vinte burros ou cavalos para transportar as malas, tendas, camas de campanha, utensílios de cozinha, víveres, objetos de piedade, hóstias e vinho para as missas. Numa situação como essa era necessário prover-se de víveres e tecidos por que em muitos lugares, não

---

<sup>126</sup>Frei Michel Laurent Berthet, membro da comunidade dominicana recém instalada na cidade de Goiás, acompanhou D. Cláudio nesta visita pastoral. Dela fez um relato minucioso que foi publicado pela revista Memórias Goianas citada na bibliografia deste trabalho. A página 116 afirma Frei Berthet:”O bispo havia projetado visitar sua diocese e desejava muito que um de nós o acompanhasse. Foi esta uma excelente oportunidade para nos iniciar no labor das missões, vez que o próprio bispo tinha sido missionário e conhecia o temperamento de seus compatriotas. foi também uma ocasião para conhecermos o de que tanto tínhamos falado no noviciado, aquilo com que tínhamos sonhado tantas vezes , os índios e a evangelização destes povos”.

encontrando casa, tinham que pernoitar ao relento. A pobreza era tanta, no sertão goiano que, muitas vezes os missionários tinham que repartir as refeições e roupas com os moradores. A viagem era longa e duradoura(seis meses).Por isso era necessário estar prevenido como também obedecer a um roteiro pré estabelecido. Segundo o plano previamente traçado deveriam viajar por terra até Leopoldina, uma aldeia localizada à margem direita do Araguaia . Em seguida embarcaria rio abaixo até São Vicente. De São Vicente deveriam ir a Boa vista. De boa Vista subiriam o rio Tocantins até Porto Nacional (antigo Porto Imperial). A volta para Goiás seria por terra.<sup>127</sup>

Em 1884 Dom Cláudio realiza a terceira visita pastoral a outras cinquenta freguesias da diocese, completando assim os povoados que ainda não havia visitado em sua diocese. Esta jornada missionária foi precedida de uma grande carta exortando e orientando a todos. Publica com antecedência um minucioso roteiro, elencando todos os povoados por onde deveria passar. Pede aos párocos que

informem e preparem o povo para receber o bispo,

de tal sorte que encontrem todo o povo reunido, e possam servir o maior número de pessoas. Para facilitarem a viagem, tirar-lhes os perigos, pedimos instantemente aos Reverendos Párocos, e a todos aqueles que residem nas proximidades das estradas, de nos prepararem os caminhos, barcas ou canoas para atravessarmos os rios e tudo mais que sua caridade inspirar-lhes como própria para suavizarmos os trabalhos destas longas jornadas.<sup>128</sup>

Para Dom Cláudio ser missionário significa cumprir a missão deixada por Jesus Cristo. Na carta Pastoral de 1884, ao comentar o trecho bíblico onde afirma que Jesus Cristo percorria as cidades e povoados ensinando em suas sinagogas, pregando a boa notícia do Reino, e curando todo tipo de enfermidade, Dom Cláudio afirma que também os pastores da Igreja de Jesus Cristo devem visitar as cidades

---

<sup>127</sup>BERTHET, op. cit, p.116.

<sup>128</sup>SILVA,op. cit., p. 293.

grandes e pequenas ensinando o Evangelho a todos , fortalecendo os fracos e curando os enfermos.

### 3.2 - A COLABORAÇÃO DOS DOMINICANOS COM O PROJETO DE DOM CLÁUDIO

Logicamente toda a Missão Dominicana no Brasil está inserida dentro do projeto apostólico de Dom Cláudio. Porém há alguns aspectos que seria interessante especificá-los mais claramente. Para concretizar o seu projeto apostólico na Igreja de Goiás, Dom Cláudio tinha necessidade de sacerdotes zelosos e afinados com o seu projeto para ajudá-lo em sua árdua tarefa de pregar a missão em todos os recantos de sua imensa e desafiadora diocese. Para isso chamou os filhos de São Domingos para serem os auxiliares não somente do bispo como também dos párocos.<sup>129</sup> Na Carta Pastoral de 8/3/1884 se refere com alegria à presença dos dominicanos em Uberaba e em Goiás e manifesta a esperança de fundar ainda neste ano um terceiro centro de missão na cidade de Porto Nacional. Motiva os párocos a convidarem os dominicanos a pregarem em suas paróquias dizendo-lhes:

Havemos concedidos, amados filhos, para o bem de vossas almas, grandes faculdades a esses zelosos missionários , temos lhes dado toda liberdade de ação nesta diocese; usai pois largamente do dom de Deus... Todas as vezes que os missionários aparecerem no meio de vós ,recebei-os com a mesma caridade com que recebem todos o vosso Bispo: Se possível manifestai-lhes ainda melhor vossa fé viva, vosso amantíssimo coração. Os missionários nos precederão pregando missões nas freguesias que tencionamos visitar.<sup>130</sup>

Para concretizar o seu projeto Dom Cláudio precisava contar também com o clero diocesano. Para isso era necessário promover uma reforma no clero. Para isso não mediu esforços. Este objetivo aparece claramente na Carta Pastoral convocatória do Sínodo diocesano de 1887 onde afirma: “Foi para formar um clero

---

<sup>129</sup>Id. Ib., p. 296.

<sup>130</sup>Id. Ib., p. 296.

ilustre e virtuoso que tantas despesas temos feito, tantas cartas temos escrito, a tantos sacrifícios nos temos exposto, procurando dar boa direção ao Seminário de Santa Cruz desta capital.<sup>131</sup> Afinado com a mentalidade de renovação da Igreja a sua primeira preocupação foi a formação do clero. Assim o primeiro cuidado seu foi com a organização do Seminário. Neste campo, segundo o Cônego Trindade, ele conseguiu o seu intento, pois deixou um clero modelar e virtuoso pelo ensino recebido no seminário como pelo trabalho desenvolvido junto aos velhos sacerdotes afastados do espírito da disciplina eclesiástica.<sup>132</sup>

Os frades dominicanos exerceram um papel importante como colaboradores de Dom Cláudio também na formação do clero. A presença deles na diocese foi um estímulo para levar os padres diocesanos a viver os novos valores propostos pelo movimento reformador na igreja católica e assumidos pelo bispo de Goiás. A principal colaboração para a reforma do clero foi dada principalmente no auxílio ao bispo, nas visitas pastorais, pregando as missões, e como professores do Seminário da diocese onde chegaram inclusive a assumir, por um determinado tempo, a direção do mesmo.

Após ter percorrido toda a diocese através das visitas pastorais e com o auxílio dos relatórios das santas missões pregadas pelos dominicanos, Dom Cláudio inteirou-se das reais necessidades espirituais e materiais de sua diocese. Para encontrar caminhos que realmente promovessem a reforma pretendida em sua diocese, ele concebe e executa o plano de um Congresso com todos os seus vigários e sacerdotes. Este Congresso. Convocado a 12 de agosto de 1887, recebeu o nome de Sínodo diocesano. Foi o único no gênero na história eclesial de Goiás.

Hoje com os modernos meios de locomoção e acomodação não é difícil realizar um encontro com os padres de uma determinada diocese. Em Goiânia, por exemplo, há encontros periódicos do clero da Arquidiocese. Do mesmo

---

<sup>131</sup>Id. Ib., p. 301.

<sup>132</sup>Id. Ib., p. 310.



modo, uma vez por ano, há um encontro para todos os padres do Regional Centro-Oeste da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (Tocantins, Distrito Federal, Goiás e São Félix do Araguaia no Mato Grosso). Também os bispos brasileiros se reúnem anualmente em Itaici no Estado de São Paulo.

Em 1887 as coisas eram diferentes. Havia dificuldades de toda espécie: despesas, doenças, idade, distâncias, meios de locomoção. Alguns vigários residiam a 600,700 e até mil quilômetros de Goiás, local da realização do sínodo diocesano. Todas essas distâncias tinham que ser percorrida no único meio de transporte existente: os cabeçudos e morosos burros<sup>133</sup>. Apesar de todas essas dificuldades houve uma significativa participação do clero. Dom Cláudio ficou satisfeitíssimo com a resposta do clero à sua convocação. Estiveram presente trinta e nove sacerdotes, o que significava a metade do clero, pois em toda a diocese existia aproximadamente oitenta padres. Dadas as dificuldades, Dom Cláudio estava esperando a presença de uns vinte. Esta grande presença já era fruto do trabalho realizado por Dom Cláudio através das visitas pastorais a cada uma das localidades de sua diocese e das cartas pastorais.

Os frades dominicanos participaram maciçamente deste Sínodo: Frei Germano Llech, Frei Ângelo Dargaignaratz, Frei Raimundo Madré, Frei Vicente Lacoste, Frei Raimundo Anfossi, Frei Emanuel Wolstzniak.<sup>134</sup> Pe. Anfossi participou como mestre de cerimônias.<sup>135</sup> O retiro inicial foi pregado pelo então Padre Vigário Provincial, frei Raimundo Madré.

Os Padres Sinodais, conforme a Carta convocatória do dia 02 de fevereiro, se apresentaram no Palácio episcopal no dia 7 de agosto. O Sínodo se inicia com

---

<sup>133</sup> Vide Anexo 5, figura 6.

<sup>134</sup> AZZI, Rioldo. Os Dominicanos no Brasil à época imperial. In: \_\_\_\_\_; BEOZZO, José Oscar. **Os religiosos no Brasil: Enfoque históricos**. São Paulo : Paulinas, 1986. p.20.

<sup>135</sup> LLECH, Frei Germano. Os Dominicanos em Goiás. REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS. Goiânia : UCG, 1976. p. 210.

um retiro espiritual pregado pelo superior dos dominicanos no Brasil, Frei Raimundo Madré.

Dom Cláudio, como pai e pastor caridoso, ofereceu aos sacerdotes o seu seminário para nele receberem uma fraternal hospitalidade e, chegado o dia marcado para a abertura das sessões preparatórias do Sínodo, convidou a todos para assistirem aos exercícios espirituais dirigidos por ele mesmo, sendo pregador o Revd. Frei Raimundo Madré, Superior dos frades de S. Domingos.<sup>136</sup>

Durante o Sínodo, Dom Cláudio participava de tudo com os seus padres, como um deles: retiros, celebrações, refeições. Comia na mesa comum e conversava amigavelmente com todos os padres respondendo as perguntas e resolvendo as dificuldades destas. Seu espírito fraterno e democrático impressionou os padres sinodais. Pedia e acatava sugestões dos padres. Dom Cláudio trabalhou dois anos preparando o Estatuto do Sínodo. E mesmo assim ainda acatou muitas emendas e sugestões apresentadas pelos padres. Para ele estava claro que o Sínodo era obra dos padres e não do bispo. O relato abaixo assinala o espírito democrático do bispo, durante o Sínodo:

Durante as sessões públicas, o Sr. Bispo, depois de dirigir-nos palavras simples e tocantes, pedia de novo o assentimento dos sacerdotes, sobretudo quanto ao tinha sido determinado nas sessões preparatórias; todos se levantando e dando o seu *placet*, os padres todos fizeram profissão pública de sua fé, e os examinadores sinodais prestaram o juramento exigido pelo Pontifical.<sup>137</sup>

O Sínodo iniciou dia 12 de agosto com a missa Solene do Espírito Santo e terminou, conforme o previsto, três dias depois, dia 15. Os padres sinodais ficaram impressionados pelo modo amável e cortês com que o seu bispo os tratara. Do mesmo modo o bispo ficou feliz pelas manifestações de admiração e agradecimento apresentados pelos padres e sobretudo pela alegria, paz, união e boa vontade reinante entre os participantes do Sínodo. Neste clima de harmonia, foram aprovados os principais pontos da reforma católica: a obrigação do padre vestir o hábito talar, exceção nas viagens; a necessidade do Estudo, impondo aos

---

<sup>136</sup>Id. Ib., p. 305.

<sup>137</sup>Id. Ib., p.307.

sacerdotes com menos de 10 anos de padre de se sujeitarem, todos os anos, a um exame de teologia; a necessidade do padre ter uma vida casta.

Os dominicanos exerceram uma considerável influência: Eram um bloco de seis frades unidos e bem preparados intelectual e espiritualmente, as celebrações litúrgicas orientadas por frei Anfossi e, sobretudo o retiro inicial pregado pelo Padre Madré. O retiro que durou três dias foi uma novidade, pois o clero brasileiro não estava habituado à prática dos retiros espirituais. O retiro preparou os corações dos padres para aprovar e acolher as decisões do Sínodo. Assim os dominicanos foram peças-chaves para introduzir o clero na nova visão tridentina.

### 3.3 - A COLABORAÇÃO NA REFORMA DO POVO

O sonho do missionário era implantar, em pleno sertão goiano, a civilização cristã, nos moldes europeus: uma civilização de cristãos batizados onde as pessoas participassem frequentemente dos Sacramentos da Eucaristia e Confissão; uma civilização sem concubinato nem adultérios; enfim, uma civilização com os valores tradicionais da civilização cristã ocidental. Logicamente, uma vez em contato com a realidade, ele fará as devidas adaptações aos costumes brasileiros, desde que não ferissem as leis positivas expressas pela Igreja.

Após visitar vinte e quatro paróquias do norte goiano acompanhando dom Cláudio, na visita pastoral de 1883, o padre Berthel emite o seu juízo sobre a situação do povo no aspecto moral: “Desta forma encontra-se a ignorância mais crassa entre esta pobre gente, que vive sem fé e morre sem sacramento, sob o peso dos pecados mais monstruosos”.<sup>138</sup> Ele faz um levantamento interessante dos aspectos mais significativos dessa ignorância e estado de pecado em que, em sua opinião, vivem o povo: a religião é mais supersticiosa do que sincera; o estado

---

<sup>138</sup>BERTHET, op. cit., p.152.

moral é lamentável; não sabem confessar, o padre precisa perguntar tudo; ficam felizes quando o padre se esquece de perguntar sobre um pecado grave; todos querem se confessar e aceitam as mais rudes penitências contando que pudessem continuar a vida desregrada, “o senhor pode me dar ,dizem eles, todas as penitências que quiser, mas não me proíba de cometer o adultério”;<sup>139</sup> o povo é preguiçoso. Há pessoas que trabalham apenas o necessário para não morrer de fome. Em outro trecho do relato frei Berthet acrescenta outras conclusões a respeito do sertanejo:

Pouco habituado ao trabalho, esmorecido pelo clima e pela sensualidade, o brasileiro não possui força e energia bastantes par empreender uma tarefa árdua e persistente. A terra é aliás uma nutriz fecunda e basta cavar o solo para que produza abundantes colheitas. Todavia é mister reconhecer ainda que o brasileiro prefere os lânguidos gozos da ociosidade às alegrias legítimas de uma vida abastada, fruto de um trabalho diligente.<sup>140</sup>

Observa-se que há um abismo entre o tipo de civilização pretendida pelo missionário e a realidade constatada por ele. A partir disso, trata-se de montar um plano para conseguir os objetivos desejados. O missionário constata ,então, a necessidade de uma reforma total nos costumes do povo. Também conclui que o povo está andando errante porque não tem pastor que os guie e que os santifique. Necessita-se, portanto, de pastores, de missionários, para realizar esta tarefa como aponta com muita propriedade Dom Cláudio em sua carta Pastoral de 2 de fevereiro de 1887:

Foi para santificar os fiéis que fundamos uma casa de seis missionários em Uberaba; outra de cinco em Goiás; e já concedeu-nos a Divina Providência mais três para principiar a casa de missão de Porto Imperial(atual Porto nacional);de sorte que, de quatro em quatro anos, possam ser missionários desta diocese.<sup>141</sup>

Todo o trabalho da Missão Dominicana no Brasil era feita mediante a educação do povo dentro dos padrões morais e doutrinários da reforma tridentina.

---

<sup>139</sup>Id.

<sup>140</sup> Id. ib., p. 114

<sup>141</sup>SILVA, op. cit., p. 301.

Nesta perspectiva merece destaque o trabalho gigantesco dos missionários como também do bispo no sentido de promover a celebração do Sacramento do Matrimônio para casais amancebados. Durante as visitas pastorais realizadas por Dom Cláudio, em 1882 e 1883, celebram mais de 1.400 casamentos, quase todos de concubinatos.<sup>142</sup>

Por todas as cidades e lugarejos por onde passavam os missionários existia uma grande quantidade de casais amancebados. Alguns motivos explicam isso: a legislação eclesiástica, que exigia a presença do sacerdote para a celebração do casamento cristão; a cultura do sertanejo, que não via problema nesta vida de concubinato.

Esta questão cultural fica muito clara na cidade de Goiás onde havia grande número de casais amasiados, apesar de lá residirem vários padres. Nesta cidade, frei Gila Vilanova ficou famoso pela sua campanha contra os amancebados. Chegando em Goiás em 1887, frei Gil fez um levantamento prévio dos casais amancebados residentes na cidade. Depois percorreu metódicamente as ruas da cidade, indo de casa em casa, por todos os lugares onde sabia que existiam concubinos. Entrava sem avisar, e à queima roupa, colocava a questão para o casal categoricamente: **Larga ou casa**. A partir daí o nome de frei Gil passou a andar de boca em boca. A campanha durou meses. Para facilitar havia um anel comunitário que, nas cerimônias, as noivas passavam de uma para outra. Chegou a realizar até sete casamentos no mesmo dia.<sup>143</sup>

Havia uma preocupação também com os sacramentos da Crisma e da Eucaristia. Havia uma espécie de pastoral do número. A quantidade constituía

---

<sup>142</sup>Id. ib., p. 292.

<sup>143</sup>LLECH, op. cit. p. 212.

um dos referenciais básicos para medir a eficiência do missionário. Este anotava minuciosamente a quantidade de sacramentos “distribuídos”<sup>144</sup>

---

<sup>144</sup>Por exemplo no texto de frei Germano Llech citado neste trabalho encontram-se várias anotações quantitativas de distribuição de sacramentos: Em Rio bonito em 1886,6.325 comunhões e 3.685 crismas;em 19 localidades do norte em 1886:11.196 comunhões e 2.325 confirmações;na região de Leopoldina em 1886:550 comunhões e 90 confrirmações; nas missões de Antas em 1887, 7.142 comunhões e 1.240 confirmações; mes de maio em Crixás(1887), 220 comunhões e 40 confirmações; em Entre Rios (1889), 6.438 comunhões,2.000 crismas, 168 casamentos regularizados; na região do Turvo em 1890,7.069 comunhões,2.358 crismas e 65 casamentos regularizados; em 1895 na região de Entre Rios, 11.907 comunhões,5.898 confirmações e 70 casamentos regularizados.

## **CAPITULO IV**

### **AS PRINCIPAIS ATIVIDADES APOSTÓLICAS DOS DOMINICANOS**

#### **1.0 PONTO DE APOIO: OS CONVENTOS**

Uma das características mais marcantes da vida religiosa é a vida em comum. Por isso um dos aspectos mais salientes da restauração da Ordem, no governo do Pe. Jandel, foi a vida em comum. Os dominicanos que vieram para o Brasil eram religiosos de uma profunda vida comunitária. Chegando aqui no Brasil eles continuaram com o mesmo espírito de vida comunitária, embora na prática, devido às circunstâncias, tiveram que fazer algumas adaptações. De qualquer maneira procuraram viver aqui os princípios expressos no Livro das Constituições da Ordem dos Frades Pregadores que vale igualmente tanto para as grandes cidades do velho mundo como para as aldeias e povoados do sertão goiano. A vida comunitária, na prática, se vive fundamentalmente nos conventos.

O convento é para o missionário o ponto referencial de sua missão. Aí ele se encontra com os seus colegas frades; encontra o ambiente adequado para repor as energias gastas na longa labuta; prepara os seus sermões e as jornadas seguintes; enfim, aí ele vive, de maneira integral, a experiência de

vida comunitária. O missionário permanecia nos conventos normalmente nos meses chuvosos (novembro a março). O trabalho missionário dominicano no Brasil foi exercido **na e a partir** da comunidade. O frade, mesmo distante fisicamente do convento, não perdia o seu vínculo, pois estava exercendo um trabalho apostólico em nome da comunidade e conseqüentemente em nome da Ordem. Neste sentido, o convento funciona como um apoio logístico de vital importância. Nenhum missionário pode olvidar essa base física, desse ponto de apoio.

A Missão Dominicana no Brasil, para exercer o seu apostolado entre os índios e os sertanejos, fundou cinco conventos: em Uberaba, Goiás, Porto Imperial (Porto Nacional), Conceição do Araguaia e Formosa. Cada uma dessas **Casas de Pregação**, como é costume na Ordem Dominicana chamar os conventos, tem a sua história e a sua razão de ser. Será apresentado uma resenha histórica desses conventos, com exceção do Convento de Conceição do Araguaia que, dado a sua especificidade, será apresentado em outra parte desse mesmo trabalho. Não será uma análise exaustiva porque o objetivo é apresentar uma visão geral dos mesmos dentro dos aspectos mais significativos para o escopo desse trabalho. Mesmo porque, em outras partes desse trabalho, aparecem detalhes significativos de um ou outro convento que não foi apresentado nessa resenha. Por exemplo, a passagem da Coluna Prestes por Porto Nacional que constituiu um fato histórico de relevância na vida daquele convento será tratado em outra parte. É uma questão de escolha metodológica.

### 1.1. CONVENTO SÃO DOMINGOS (UBERABA)

Convento São Domingos em Uberaba foi o primeiro convento dominicano no Brasil. Os filhos de São Domingos aí chegaram a 31 de outubro de 1881. Capital do Triângulo Mineiro, também chamada Princesa do Sertão, Uberaba contava, a época, com aproximadamente cinco a 6 mil habitantes. Quando os primeiros frades chegaram em Uberaba a casa que iam habitar ainda não estava



acabada. Durante 15 dias foram hóspedes de frei Paulino Fugnano, capuchinho que morava no Largo da Misericórdia, em um prédio pertencente a esta irmandade. Ao final deste tempo, foram para a casa que lhes era destinada. Era uma casa com um pavimento e composta de 9 cômodos. Dentro dos parâmetros de Convento religioso era considerada pequena. Posteriormente esta casa foi modificada e acrescida de mais um pavimento. A uns trinta metros do convento do outro lado da rua, fica a Igreja de Santa Rita, que se tornou a Igreja Conventual. Assim, em 1906 o Pe. Gallais se refere ao primeiro convento da Ordem Dominicana no Brasil:

Muito bem situado na meia encosta do terreno que enquadra, à margem direita do modesto regato que atravessa a cidade, o convento de S. Domingos de Uberaba é uma casa de bela aparência, construída há uns quarenta anos pelo Padre Eugênio, missionário capuchinho...é cercada de belos jardins fechados com muros, e ainda de vinhedos e árvores frutíferas do outro lado do grande caminho que passa defronte da porta do convento, topa-se com uma modesta e piedosa capela dedicada a Santa Rita, e que serviu de igreja conventual durante os vinte e cinco primeiros anos da fundação.”<sup>145</sup>Uberaba constituiu, portanto, o primeiro polo de irradiação da ação apostólica dos frades dominicanos no Brasil. Daí partirão posteriormente para exercerem a ação evangelizadora no Brasil Central.

Durante os primeiros meses que os dominicanos se fixaram em Uberaba, a Igreja de Santa Rita era pouco freqüentada. Os dominicanos ignorando a língua portuguesa se limitavam a celebrar a Eucaristia. Havia “uma indiferença geral para com a Igreja”.<sup>146</sup> Isto porque não havia instrução religiosa de espécie alguma por parte do clero: “O vigário paroquial de Uberaba celebrava aos domingos, às onze horas, uma missa simples, sem sermão. Era tudo que diferenciava este dia dos outros da semana.”<sup>147</sup> A transformação foi acontecendo na medida em que os missionários dominicanos iam dominando a língua portuguesa e conseqüentemente fazendo pregações. Houve esforços heróicos para aprender a língua portuguesa. Por

---

<sup>145</sup>GALLAIS, Estevão. op. cit. pp 55-56.

<sup>146</sup>PONTES, Hildebrando. **A Ordem de São domingos de Gusmão no Brasil.** Uberaba : Dominicanos,1931. p. 13.

<sup>147</sup>Id. ib., p. 15.

exemplo, o padre Vicente Lacoste já com 50 anos de idade “chegando a Uberaba, em 1882, armara-se valentemente de uma gramática e de um dicionário português, traduzira todos os seus sermões, decorava-os e pusera-se a pregar com o ardor de um jovem de 25 anos”.<sup>148</sup>No dia 20 de Janeiro de 1882, festa de S.Sebastião, um dos padroeiro da cidade, durante a missa solene frei Raimundo Madré pronuncia em terras brasileiras o primeiro sermão de um sacerdote da missão dominicana no Brasil.

A partir do momento em que se sentiram capazes de se expressarem em Português, os frades dominicanos começaram a recitar o terço aos domingos a noite. A reza do terço foi o primeiro passo que os dominicanos deram no sentido de, aos poucos, ir penetrando nas camadas sertanejas de Uberaba. O terço foi o primeiro momento de contato com o povo. Foi a primeira aprendizagem do missionário. De início o terço era freqüentado por crianças. Devagar foram chegando algumas pessoas, principalmente mulheres: Três ou quatro piedosas senhoras ajuntaram-se às crianças.<sup>149</sup>Durante a recitação do terço, os dois padres (Raimundo e Lázaro) subiam à tribuna para rezar o terço, ensinar a doutrina, orientar os cantos, enquanto o Irmão cooperador fr. Gabriel se “postava no meio das crianças para manter a ordem”.<sup>150</sup>A experiência da recitação do terço animou os missionários e, no final de 1881, criaram a primeira Confraria do Rosário, que a partir de, então começou a se difundir em todo Brasil. Através das Confrarias do Rosário, os dominicanos incentivam a devoção a Nossa Senhora do Rosário, já estabelecida no Brasil desde os tempos coloniais. Em substituição às antigas Irmandades do Rosário, de caráter leigo, os frades dominicanos, dentro do novo espírito da Reforma Católica, passaram a incentivar as Confrarias do Rosário em uma perspectiva mais clerical e mais ligada à hierarquia eclesial. O Rosário era considerado como sendo um patrimônio da Ordem Dominicana e, dentro da

---

<sup>148</sup>GALLAIS, op. cit., p. 66.

<sup>149</sup>PONTES, op. cit., p. 14.

<sup>150</sup>PRÓ MEMÓRIA Boletim informativo do Arquivo da Província São Tomás de Aquino do Brasil. Ano II n.16 São Paulo Fevereiro de 1991.

Igreja, somente ela tinha autoridade de erigir as Confrarias do Rosário. Em cada Província ou Vicariato, o Mestre da Ordem delegava a um determinado frade o poder de instituir confrarias em nome da Ordem.

A partir de março de 1882, já tendo aprendido a falar o português, frei Raymundo Madré começou a fazer pregações dominicanas durante as missas e lecionar catecismo nas escolas.

No segundo trimestre de 1882 fr. Lázaro sofrendo demasiadamente com o clima de Uberaba retornou para a França. Em julho chegam os novos padres designados pelo Capítulo Provincial: Padres José Maria Artigue, Miguel Berthet e o cooperador Alfonso Valseschini. No final do ano, chegam os freis Vicente Lacoste, Gabriel Desvoisin e José Marie Lucas, somando-se um total de seis padres e dois irmãos cooperadores. Esses oito religiosos passaram desde então a constituir o primeiro núcleo de dominicanos residentes no Brasil. Aos poucos, o convento de Uberaba vai se tornando uma célula mãe da Ordem Dominicana no Brasil, servindo de ponto de apoio para os religiosos e de enraizamento da Missão. Este convento funcionou, na realidade, como um trampolim da Província voltada para o interior dos sertões do Brasil.

Após a chegada dos novos religiosos, o trabalho missionário do Convento de Uberaba ganha mais organicidade e maior desenvoltura. Aos domingos e dias santos, a missa passou a ser cantada e com um sermão doutrinal. Às 17 horas da tarde dos domingos, após o canto de Completas, recitava-se o terço, cantavam-se as ladainhas de Nossa Senhora e o Ofício Coral dos frades terminava com a bênção do Santíssimo, seguido de um cântico pelas crianças.<sup>151</sup>

Essas e outras práticas religiosas fizeram aumentar a presença do público nas celebrações. Certos dias a pequena Igreja de Santa Rita ficava repleta de fiéis. Aos poucos a Igrejinha ia ficando pequena e tornou-se necessário um templo

---

<sup>151</sup>PONTES, op. cit. p.15.

maior. Em 1904 embora parcialmente construída foi inaugurada a atual Igreja de São Domingos, bem maior do que a de Santa Rita.

O convento de Uberaba foi um forte ponto de apoio para as missões dominicanas em várias cidades do Triângulo Mineiro, sul e oeste de Minas Gerais, parte do estado de São Paulo, e chegando até a Bahia. Nestas missões os missionários pregavam, faziam conferências e fundavam confrarias do rosário. Em 1883 surge o fruto mais importante do convento de Uberaba: fundação, em Goiás, da segunda Missão da Ordem Dominicana no Brasil.

## 1.2 CONVENTO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (GOIÁS)

Desde a vinda dos padres dominicanos a Goiás, D. Cláudio desejava a instalação dos dominicanos na então capital do Estado para poder aproveitar sua colaboração também no governo da diocese de Goiás. Este desejo foi aumentando na medida em que o bispo percebia o zelo dos frades dominicanos em Uberaba, como bem relata o Pe Audrin: “Ao ver os filhos de São Domingos empenhados com tanto zelo em realizar, no Triângulo Mineiro, a missão que lhes havia confiado, Dom Cláudio fez um sonho mais ambicioso ainda: não poderiam esses apóstolos passar o Paranaíba, e afundar-se no imenso território goiano, em procura de tantas ovelhas abandonadas sem pastor?”<sup>152</sup>

Em sua primeira visita pastoral realizada em 1883, D. Cláudio percorreu a diocese até os extremos confins do norte “viu então, com profunda mágoa, a maior parte das freguesias, privadas de pastores ou entregues a sacerdotes idosos, de insuficiente preparação moral, intelectual e sobretudo espiritual, ocupados em política local ou em negócios temporais e cuidados de família”.<sup>153</sup> Ao voltar dessa visita pastoral o bispo não escondeu aos dominicanos a sua desolação. Passadas poucas semanas fez uma nova solicitação aos Superiores da Ordem Dominicana no sentido de obter novos frades para o trabalho apostólico em sua diocese.

---

<sup>152</sup>AUDRIN, J. M. **Entre Sertanejos e Índios do Norte**. São Paulo : Agir, 1946. p.43.

Embora outros bispos do sul também solicitassem a presença dos dominicanos, em 1883, o provincial de Tolosa Frei Reginaldo Colchen atendeu ao pedido de Dom Cláudio enviando um grupo de religiosos, não às capitais do sul do Brasil, mas pelo contrário, à velha e remota capital de Goiás. A Província de Tolosa sempre sonhou em trabalhar com os índios. Aceitando o pedido do bispo de Goiás, tivera em vista, não a evangelização da população cristã da diocese, mas principalmente a fundação de missões junto aos selvagens. A 23 de abril de 1883 chegaram os padres Desvoisin e Miguel Berthet, estabelecendo na antiga Vila Boa, num antigo quartel meio arruinado ,junto à histórica igreja do Rosário, o novo convento. “...foi posto sob o título e proteção da Rainha do Rosário. O miserável tugúrio dos princípios transformou-se pouco a pouco . Antigo quartel e cadeia pública, tornou-se um quartel espiritual, donde saiam os soldados de Cristo”<sup>154</sup>

### 1.3 - CONVENTO SANTA ROSA DE LIMA (PORTO NACIONAL)

A cidade de Porto Nacional, no final do século XIX era uma cidadezinha com suas casas no alto de um penhasco, ao abrigo das grandes cheias do rio Tocantins. Situada a quase mil quilômetros ao norte de Goiás, si à margem direita do Tocantins, estava completamente separada dos grandes núcleos de população. Na região viviam centenas de caboclos e indígenas abrigados nas selvas ou sob ranchos toscos de sapé e barro.

Viviam em humildade, esquecidos e desprezados pelos dirigentes da Pátria sem conforto, sem medicamentos, sem assistência pública. Podemos dizer, repetindo o conceito de Euclides da Cunha sobre os filhos rústicos do nordeste, estavam cinquenta anos atrasados em relação aos avanços tecnológicos dos grandes centros...Eles contam entretanto, com um oásis de paz e de bondade, com um centro de animação , de amparo decidido, de auxílio nas horas difíceis e em todos os empreendimentos, com um foco de intensa irradiação de todos os ensinamentos úteis e necessários. É o convento dos Padres dominicanos, que lá brilha como uma luz do céu.<sup>155</sup>

---

<sup>153</sup>Id. Ib.. p. 44.

<sup>154</sup>Id. Ib. p. 45.

<sup>155</sup>MENDONÇA, José. **O convento de Santa Rosa de Porto Nacional.** Uberaba : Dominicanos,1931. p. 37.

Em 1883, Dom Cláudio, em sua primeira visita pastoral, chega a Porto Nacional, então chamado Porto Imperial. Juntamente com o Bispo estava o dominicano frei Miguel Berthet que assim relata a chegada a Porto: “Ao cabo de quatro dias , chegamos às portas de Porto Nacional, ...Um expresso vai avisar o povo da chegada do Bispo...Virão ao nosso encontro lá pelas quatro horas...foguetes anunciam de todo lado a chegada do bispo”<sup>156</sup>. Depois de abençoar mais de duzentos casamentos( a maioria dos casais vivia em concubinato) e de seis dias de confissão o bispo missionário e sua comitiva parte para o Carmo, povoado distante quarenta e sete quilômetros de Porto. Durante essa visita, os habitantes de Porto insistiam para que os dominicanos fundassem lá um convento de missionários. “Todos pedem insistentemente que eu fique com eles,”<sup>157</sup> afirma Pe. Berthet. O bispo ficou muito sensibilizado com este pedido e disse- lhes que se lhe dessem uma casa não só lhes deixaria um religioso como vigário, mas estabeleceria na cidade uma comunidade de religiosos missionários. Essa comunidade serviria à Paróquia e daí se irradiaria para as populações da região completamente privadas de assistência religiosa.. Diante da promessa do bispo foi feito uma subscrição e a casa foi adquirida e entregue ao bispo.<sup>158</sup> Este pedido do povo veio de encontro aos anseios de Dom Cláudio que desejava fundar um convento de irradiação missionária no Norte da diocese. Assim ao regressar da missão, entusiasmado pelos anseios e solicitações populares, ele solicita à Ordem Dominicana a fundação da Missão em Porto Nacional. Em 1886, a Ordem aceita o pedido e a nova fundação foi dedicada à Santa Rosa de Lima. Aos 20 de maio desse ano, a população acolheu com grande alegria os quatros primeiros frades que iriam residir no novo convento: frei Gabriel Dervoisin, frei Miguel Berthet, frei Domingos Nicollet e Irmão cooperador Alphonso. Frei Gabriel Desvoisin foi nomeado o primeiro superior do Convento Santa Rosa de Lima, inaugurando assim uma segunda etapa da presença dominicana no Brasil. Os conventos de Uberaba e Goiás

---

<sup>156</sup>BERTHET, op. cit., p. 163.

<sup>157</sup>Id. Ib., p. 163.

<sup>158</sup>GALLAIS, O apóstolo... op. cit., p.123.

serviram como base para a atividade dominicana em área urbana no interior do Brasil. A fundação de Porto Nacional foi o ponto de partida para uma atividade propriamente missionária conforme antigo sonho da Ordem no sertão do Brasil Central

Várias foram as atividades dominicanas em Porto Nacional. Frei Miguel fundou uma escola de música, frei Domingos Nicollet criou uma escola gratuita de instrução primária. Os frades deste convento liderados por frei Gil Vilanova, visitam várias tribos indígenas, iniciando assim o vasto trabalho dos dominicanos na cristianização dos índios. Os frades deste convento também pregaram várias missões nas regiões vizinhas. Frei Berthet, ao chegar a Porto Nacional, em 1883, constatou que a igreja, embora fosse asseada, arrumada e bem provida de paramentos, era muito pequena. Torna-se necessária a construção de uma igreja maior. Aos 7 de maio de 1891 procedeu-se a bênção e lançamento da pedra fundamental da nova igreja Nossa Senhora das Mercês. Esta igreja de estilo romano foi construída graças ao talento e operosidade do arquiteto irmão cooperador frei Bartolomeu Merino. É um monumento extraordinário que até hoje impressiona os olhos do visitante.

Aos 20 de dezembro de 1915 o Papa Bento XV, pela bula *Appostollatus officium* criou a Diocese de Porto Nacional, separando-a da diocese de Goiás. Em junho de 1921, toma posse o primeiro bispo da diocese, o dominicano frei Domingos Carrérot que comandou a diocese até 1933 quando veio a falecer aos 14 de dezembro.

#### 1.4 - CONVENTO SÃO JACINTO (FORMOSA)

A cidade de Formosa está situada no planalto central brasileiro, a 450 quilômetros da cidade de Goiás. Em 1884, os dominicanos do convento de Goiás pregaram a primeira missão em Formosa com a participação de mais de 8 mil pessoas vindo da cidade e da roça. A partir de então, a cada três ou quatro anos

iam a Formosa pregar as missões. O povo estimava e admirava os frades dominicanos que aí iam missionar.

Em 1904 o então superior dos dominicanos no Brasil fr. Jacinto Lacomme se deslocou de Uberaba especialmente para ajudar nas missões pregadas pelos frades de Goiás. No livro das crônicas do Convento de Formosa, encontra-se algumas informações sobre esta visita: "Nos vinte e quatro dias que durou a missão, frei Jacinto pode constatar, por si mesmo, como aquele povo abandonado era demais apegado aos dominicanos. A partir de então, concebeu a idéia de se fazer mais uma fundação".<sup>159</sup> Ao regressar da missão, fr. Jacinto se encontra com o bispo diocesano, Dom Eduardo Duarte da Silva, então residente em Uberaba, a quem expõe o projeto da fundação de mais um convento dos missionários em Goiás. O bispo acolhe com alegria a idéia. A 7 de maio de 1905 a casa de Formosa é reconhecida oficialmente pela Ordem Dominicana. Com a autorização do Padre Provincial, frei Jacinto Lacomme escolhe os religiosos que deveriam constituir a nova comunidade: os padres Gabriel Devoisin, Gregório Aleix, Domingos Hamoir, Emanuel Wolstzniaik e os irmãos cooperadores João Gorlin e Jacinto Garcia. "O convento foi colocado sob a proteção de São Jacinto, OP., maneira pela qual queriam os frades homenagear os três Jacintos: Jacinto Cormier, então Mestre da Ordem, Jacinto Lacomme, idealizador da nova comunidade e Jacinto Garcia, um dos fundadores do Convento."<sup>160</sup>

Para a Pastoral Urbana, os frades seguiram o esquema do Convento de Uberaba, que vinha dando resultado desde 1882: Aos domingos e dia Santos, missa pela manhã, com pregação doutrinal ; novena nas festas de S. Sebastião, Espírito Santo, Assunção, Rosário e Tríduo, nas festas de S. José, Sagrado Coração de Jesus , S. Vicente de Paulo e S. Domingos; Via-Sacra nas sextas-feiras da quaresma; destaque e exposição do Santíssimo, nas celebrações dos Santos e Santas

---

<sup>159</sup>PRÓ MEMÓRIA, Boletim...op. cit. p. 87.

<sup>160</sup>Id. ib., p. 87.



da Ordem; destaque para o Sagrado Coração de Jesus, nas primeiras sextas-feiras do mês e para o rosário nos primeiros domingos de cada mês.

O convento de Formosa foi um importante centro de irradiação das missões em virtude da quantidade de paróquias que a Ordem chegou a assumir nesta cidade de Formosa. Quando a Ordem assumiu o trabalho pastoral em Formosa, ficou com as seguintes paróquias, além de Formosa: Sítio da Abadia, nas divisas dos estados de Goiás, Minas Gerais e Bahia, distante 230 Km de Formosa; Mestre D'armas (hoje Planaltina) e Santa Rosa. As regiões atendidas pelos missionários dominicanos de Formosa variavam conforme as necessidades do momento. O convento local nunca ficou com menos de oito paróquia para administrar, chegando a administrar onze paróquias totalizando uma população de mais de cinquenta mil habitantes distribuída em uma área superior a cinquenta mil quilômetros quadrados. A população muito dispersa, em pleno sertão brasileiro,” em um território que quase sempre, de norte a sul, media mais de cem léguas e de leste a oeste mais de oitenta.”<sup>161</sup>

Os dominicanos de Formosa percorriam as suas paróquias duas vezes por ano. Devido ao número reduzido de padres e ao grande número de localidades a percorrer, houve frades que chegaram a percorrer quatro mil Km por ano. Percorriam todas essas distâncias a cavalo, enfrentando as maiores dificuldades de clima, estradas, doenças, perigos próprios do sertão bruto. Para se ter uma idéia do que significa isso basta lembrar que, dadas as inúmeras dificuldades, no sertão brasileiro, o missionário no lombo do burro fazia uma média de 35 km por dia.

Além dos labores espirituais, os frades do convento de Formosa se preocupavam muito com a manutenção e conservação das inúmeras capelas espalhadas pelos povoados atendidos por eles, bem como dos documentos aí guardados. Era um trabalho árduo, devido à mentalidade de desleixo da maioria da

---

<sup>161</sup>COSTA, Odorico. **Levando a cruz por inóspitas verêdas**. Uberaba : Dominicanos, 1931. p. 74.

população, no que se refere à falta de recursos e de mão de obra especializada para a reparação dos edifícios. Estes eram antigos e necessitavam de muitos cuidados.<sup>162</sup>

## 2 - AS MISSÕES EVANGELIZADORAS E AS DESOBRIGAS

As missões evangelizadoras constituíram um dos principais trabalhos apostólicos dos dominicanos. Estas missões aconteceram sobretudo nas duas primeiras fundações (Uberaba e Goiás), onde a existência de paróquias organizadas, servidas por outros padres, dispensava os frades do atendimento sacramental (exceção feita da confissão. Isto permitia aos frades se dedicarem mais tempo ao carisma específico da Ordem: A Pregação. O missionário ia, a convite do pároco local, para reavivar o fervor do povo, através da Evangelização, que durava dias seguidos. O povo se reunia normalmente na Igreja Matriz para ouvir os frades e se confessar. As igrejas lotavam e haviam grande interesse por parte da população. Após a pregação, seguia-se a recitação do rosário. As missões enfatizavam a conversão pessoal e a intensificação da vida cristã

Diante de uma realidade eclesial marcada pelas imensas paróquias e pelo número reduzido de padres, os dominicanos muitas vezes assumiram paróquias, mesmo sabendo não ser elas o principal objetivo da Ordem. Cada convento se constituía numa espécie de quartel geral donde os frades partiam para evangelizar parte da diocese. Além das missões evangelizadoras, que duravam aproximadamente uma ou duas semanas, dando ênfase à evangelização através do aprofundamento dos mistérios da fé, havia um outro trabalho de evangelização que marcou o apostolado dominicano no sertão do Brasil Central: as desobrigas. Nas desobrigas, o trabalho missionário consistia sobretudo na administração dos sacramentos. Durante o período da seca (Páscoa até setembro) os missionários saíam dos conventos, no lombo de burros, em direção ao lugarejos. E chegando reuniam a população de toda redondeza para cumprir as *obrigações* religiosas: a

---

<sup>162</sup>Id. Ib., p. 75.

comunhão e a confissão anual, crisma, casamentos, regularização das uniões *de fato*. Quando necessário, levava também a Unção dos Enfermos. A passagem do sacerdote era muito esperada pelo povo, pois a passagem do missionário era uma oportunidade de ficar em paz com as obrigações religiosas, visto que, em muitos casos, teriam outra oportunidade somente vários anos depois. Normalmente a diocese era dividida por zonas, e de quatro em quatro anos o pregador percorria cidade por cidade, aldeia por aldeia.

As desobrigas eram planejadas cuidadosamente, conforme afirma pe. Audrin:

No princípio do ano, enquanto os Religiosos estavam esperando no convento o fim das chuvas invernais, organizava-se o plano da campanha espiritual. Cada um recebia um programa de ação, junto com um roteiro bem determinado, indicando os povoados e as zonas a visitar, os sítios em que deveria “pousar”, as estradas por onde seguiria. Com a mesma antecedência, povoações e famílias eram informadas do dia da chegada do Padre e do tempo de sua permanência, afim de que todos pudessem aproveitar a breve passagem e receber os sacramentos. Marcado o dia da partida, o Religioso, munido da benção do Superior, começava a cumprir com rigor o programa e assim continuava, meses a fio, salvo um caso de força maior.”<sup>163</sup>

Havia algumas variações, mas de modo geral, o esquema de uma desobriga é o seguinte: A tardinha, ao chegar no primeiro pouso previamente designado, estando o povo aí reunido inicia-se imediatamente (sem nenhum tempo para descansar) o trabalho da desobriga com o catecismo às crianças, anotações de batizados, informações e apontamentos de casamentos; após uma pequena refeição, o povo é convocado para a reza do terço e canto da ladainha seguido de sermão do padre, publicação dos casamentos, avisos gerais convidando o povo para os sacramentos, e canto do bendito para terminar a reunião; após a reunião, atendimento de confissões até altas horas da noite. No dia seguinte recomeçava bem cedo com atendimento de confissões, celebração da missa, sermão e celebração de casamentos, batizados e crismas. Após um ligeiro almoço o

---

<sup>163</sup>AUDRIN, *Entre Sertanejos...* op. cit., pp. 62-63.

missionário seguia para o próximo “pouso” onde, com outros fiéis, repetia o mesmo esquema.<sup>164</sup>

Imbuídos da mística do martírio e do sacrifício, neste trabalho das desobrigas, os missionários desenvolveram um apostolado realmente heróico, evangelizando imensos territórios. Nesta labuta muitos morreram. Frei Ângelo Dargaignaratz e frei José Artigues morreram afogados. Frei Artigues tinha apenas 27 anos, quando morreu. Outros como frei Guilherme Vignau, Gil Vilanova, Alberto Veneri, Francisco Bigorre, morreram em plena mata.

### 3 - A EVANGELIZAÇÃO INDÍGENA.

O sonho dos primeiros dominicanos que chegaram ao Brasil em 1881 era evangelizar os indígenas. Entretanto quinze anos se passaram sem um trabalho sistematizado e organizado junto aos silvícolas.

O trabalho missionário entre os sertanejos já cristianizados era um importante trabalho ao qual os frades se dedicavam com muito carinho. Entretanto Os missionários achavam fundamental uma ação entre os “selvagens” que segundo eles eram infelizes, pois não eram nem batizados. Portanto, era necessário levar a felicidade até ele. Aqui não se entra no mérito da questão para saber se o índio era ou não feliz em sua vida selvagem. Para compreender o trabalho missionário, o importante é saber a sua concepção , pois ele organiza o seu trabalho a partir de sua cosmovisão. Esta motiva-o a enfrentar a rudeza da selva com suas ciladas e imprevistos.

#### 3.1 A LONGA MARCHA EM BUSCA DE ÍNDIOS

---

<sup>164</sup>Id. Ib., pp. 63-64.

Alarmadas com as incursões dos índios Caiapó na Região de Rio Bonito, a uns 350 quilômetros de Goiás, as autoridades solicitam ajuda ao bispo e este, por sua vez, recorreu aos missionários dominicanos. Estes, tendo frei Gil a frente, aceitaram a empreitada. Combinou-se, então, que Rio Bonito seria o ponto de partida de uma expedição que dali se irradiaria para explorar a margem goiana do Alto-Araguaia.

Em fins de Janeiro de 1888 frei Gil , frei Estevão Gallais e mais um guia encarregado das montarias e dos animais de carga, puseram-se a caminho de Rio Bonito, iniciando assim a longa marcha dos dominicanos pelo sertão brasileiro em busca de índios para evangelizar. Foi o primeiro passo de uma caminhada que, oito anos mais tarde, desembocaria em Conceição do Araguaia com a fundação, em 1896, do **Centro Catequético indígena**, no estado do Pará ,à margem esquerda do Araguaia. Em torno desse centro , nasceria um ano depois, em 1897 , a cidade de Conceição do Araguaia.

Essa primeira expedição palmilhando o sertão de Rio Bonito no sudoeste goiano em busca de índio durou cerca de dois meses. Não encontraram índios. Encontraram apenas vestígios. Ouviram vozes de índios escondidos na mata. Ouviram também histórias de sertanejos reclamando das mortes e dos roubos praticados pelos índios. Perceberam a concepção que o sertanejo tinha do indígena. Para aquele este era um “bicho mau”<sup>165</sup> que deveria ser eliminado. Os missionários voltaram decepcionados e fatigados, após esta penosa viagem onde, ao invés de índios, encontraram apenas as agruras do sertão.

Após esta primeira excursão nos rios Bonito e Araguaia, frei Gil fez mais três excursões pela Região do Araguaia e Tocantins em busca de índios para a catequese. Após incansáveis e intermináveis idas e vindas nas pegadas dos indígenas concluiu-se que, para catequizar o silvícola, era necessário primeiramente aldeá-lo convenientemente. Procurá-lo em seu próprio *habitat* e aí

---

<sup>165</sup>GALLAIS, O apóstolo... op. cit., p. 85

morar com ele. Outra importante conclusão: Não é possível catequizar o índio que já teve contato com brancos. No contato com o indígena o branco é muito violento. Os índios que já experimentaram esta violência não acolhem bem o missionário, pois este também é branco.

Em 1890 frei Gil encontrou índios Cherente no arraial de Piabanha, a uns duzentos quilômetros abaixo de Porto Nacional, na margem direita do Tocantins. Neste lugar, porém, já havia um trabalho de evangelização iniciado pelos capuchinhos, há uns trinta anos. Aí ainda vivia o capuchinho Padre Antonio. Quando frei Gil chegou em Piabanha dizendo que ia atrás de índios para evangelizar, o padre Antonio não gostou da idéia” protestando energicamente contra uma providência que ele considerava uma invasão de seus direitos”.<sup>166</sup> Então padre Gil parte para outra direção que vai desembocar em Conceição do Araguaia.

### 3.2 - A CATEQUESE INDÍGENA EM CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA

Por ocasião da realização da assembléia de superiores dominicanos da Província de Tolosa realizada em Bordéus em 1896, o Pe. Gil Vilanova enviou à esta Assembléia capitular uma petição para que se autorizasse a fundação de uma catequese para a Evangelização dos índios selvagens. Seria um estabelecimento fixado no meio de uma tribo indígena, uma obra exclusivamente consagrada à conversão dos índios. Essa fundação já se achava em estudo, aguardando solução há algum tempo. Frei Gil também se apresenta como disponível para trabalhar nesta obra, caso fosse aprovada. A sua petição foi aceita e encarregaram-no de preparar essa fundação e deram-lhe, para companheiro, o Padre Ângelo Dargaignaratz. Frei Gil era impaciente e dotado de um gênio aventureiro. Por isso determinaram que a obra deveria ser dentro dos limites da diocese de Goiás ou que pelo menos não se afastasse dos limites da referida diocese.

---

<sup>166</sup>Id. Ib., P.131.

Quando a fundação foi aprovada, frei Gil residia no convento de Uberaba. No mês de outubro de 1896 se dirige para Goiás onde encontra o Padre Dargaignaratz, seu companheiro na futura missão em Conceição do Araguaia. Após os preparativos iniciam uma marcha de mais de mil quilômetros em busca da nação indígena a evangelizar bem como da sede da futura missão catequética.

Demoraram um pouco em Leopoldina ,porém lá não existiam mais índios. Continuam a descer o Araguaia em busca do lugar adequado para iniciar a nova fundação. Em fins de 1896 chegam a Santana da Barreira, uma pequena aldeia de camponeses com umas 30 cabanas alinhadas ao lado de uma capela. A população era composta de emigrantes que deixaram Boa Vista por causa dos conflitos aí registrados. Frei Gil se sentiu bem com esse pessoal já conhecido e, a partir daí, começou contatos com algumas aldeias de índios Caiapó existentes na região. Foi bem acolhido pelos indígenas e resolveu, então, apresentar o seu projeto ao chefe de uma aldeia visitada. O projeto consistia na “construção de uma grande casa, uma ‘quicré’ como jamais tinham visto, dentro da qual reuniria todas as crianças da tribo, para ensinar a bem viverem”.<sup>167</sup>Os índios aceitaram a proposta de frei Gil.

A acolhida dos indígenas animou os missionários e concluíram que Barreira de Santana seria o lugar ideal e aí construíram um rancho de piassaba para morar. Havia um problema, no entanto: falta de segurança, no período das enchentes. Sentiram na pele o problema, pois durante uma de suas ausências houve uma inundação que causou grandes estragos. Começaram a procurar um lugar mais adequado nos arredores.

No dia primeiro de Abril de 1897 chegou a Barreiras o explorador francês, Henrique Coudreau. Explorador profissional, conhecia bem a região, pois há vários anos explorava os rios do Pará a serviço do governo paraense. Em contato com Coudreau os frades dominicanos prestam ao seu compatriota informações geográficas importantes ajudando-o também a se abastecer de víveres. Tornam-se

---

<sup>167</sup>Id. Ib., p. 182.

amigos. Coudreau dá-lhes remédios e uma informação de fundamental importância: indica-lhes um lugar de nível mais alto situado a uns 130 quilômetros mais em baixo, próprio para a criação e para uma vila. O ponto indicado situava à margem esquerda do Araguaia em território paraense.

Seguindo os conselhos de Coudreau, frei Gil com mais alguns homens se dirigiram para o lugar indicado e logo acharam à margem esquerda do Araguaia, a longa série de taludes elevados de que lhe falara o seu compatriota. As maiores enchentes jamais haviam atingido o cimo. O local, portanto, reunia todas as condições necessárias para ser a sede da fundação. O local, situado à margem esquerda do rio, estava em território paraense, fora do território da diocese de Goiás. Os superiores haviam determinado que a fundação fosse dentro da diocese de Goiás. Frei Gil se sentia perfeitamente dentro da obediência, uma vez que não estava ferindo as intenções dos superiores bem como os motivos da determinação. Para quem já havia percorrido mais de mil quilômetros à procura do lugar adequado para a fundação não seria a simples distância entre uma margem e outra do rio que iria caracterizar uma desobediência, ainda mais levando em conta que a margem esquerda oferecia melhores condições para a execução do projeto do que a margem direita.

Frei Gil deixa Barreira do Santana e se instala definitivamente no novo local escolhido. Quando lá chegaram, estando em terreno seco, acamparam ao ar livre. Instalaram-se em baixo de um grande piquizeiro e aí celebraram a primeira missa de Conceição do Araguaia, aos 14 de abril de 1897.<sup>168</sup> Em seguida limparam o terreno e construíram uma cabana coberta de folhas de palmeira. Frei Gil e frei Ângelo habitaram nesta cabana durante muitos anos. Após a construção da cabana começaram a construção de um rancho grande destinado a alojar os indiozinhos cuja educação deveriam em breve iniciar. Estava nascendo o arraial de

---

<sup>168</sup>Durante muito tempo foi conservado o piquizeiro como símbolo da cidade. Atualmente a árvore não existe mais. Levantou-se um pequeno monumento no local e aí guardou-se uma parte do tronco do piquizeiro, testemunho histórico do amor de frei Gil Vilanova e de tantas outras pessoas que trabalharam pela cidade de Conceição do Araguaia e pela obra de evangelização do povo daquela região.



Conceição do Araguaia sob a proteção da Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Do mesmo modo estava nascendo o **Centro Catequético indígena**, sonho apostólico motivador da implantação da Ordem dos Frades Pregadores em terras brasileiras.

O missionário organiza o seu projeto de Evangelização a partir do julgamento que faz da realidade. Detecta os problemas (“Pecado”) e faz um plano para reverter esta situação. Sonha com o nascer de uma outra civilização baseada em novos costumes. Ele sai de sua pátria e vem para evangelizar, para mudar, através da implantação dos valores que acreditam ser os melhores e os mais verdadeiros. É um homem caridoso. Faz de tudo para atender a todos da melhor maneira. É atencioso: “o Bom Pastor, frei Gil correu atrás da ovelha desgarrada e conseguiu trazê-la de volta. Ele curou suas feridas, pôs pomada nas pisaduras que cobriam o seu corpo”.<sup>169</sup> Entretanto muitas vezes não compreendia a cultura indígena: “uma das coisas mais urgentes é de revesti as mulheres...”<sup>170</sup> Pe. Gallais comenta aos jovens noviços franceses a impressão que teve ao receber a visita de um grupo de índios nus: “Vocês não podem imaginar a impressão dolorosa que se experimenta vendo pela primeira vez esta tropa (sic) de criaturas humanas reduzidas a condições animais, ou quase”.<sup>171</sup> Também o missionário frei Berthet dá o seu parecer sobre determinados costumes indígenas: “Há entre os índios belas raças, se não tivessem o mau gosto, de ao menos alguns dentre ele, de perfurar-se as orelhas e os lábios inferiores para pendurar penas, ossos ou conchas artisticamente trabalhada, poderiam sustentar uma comparação lisonjeira com o brasileiro civilizado.”<sup>172</sup> Faz também julgamentos severos: “Os indiozinhos são turbulentos, indisciplinados, refratários aos hábitos mais elementares de uma boa educação. Te abraçam com carinho mas são ladrõezinhos que sabem muito aproveitar de um

---

<sup>169</sup>GALLAIS, Estevão. **Cartas do Brasil**.op. cit. p.58.

<sup>170</sup>Id. Ib., p. 36.

<sup>171</sup>Id.. Ib., p. 37

<sup>172</sup>BERTHET, op. cit., p. 120. Berthel p. 120

momento de distração para meter a mão em seu bolso e tirar, sem que você perceba ,o que lhes convém”.<sup>173</sup>Encontra-se nos vários relatos outras expressões referentes aos índios: brigador, malcriado, preguiçoso, pequeno selvagem. Apesar desse conceito referente ao índio, o missionário está consciente das barbaridades as quais os indígenas brasileiros foram submetidos.<sup>174</sup>

O missionário sonha evangelizar estes seres inconstantes, indisciplinados e vingativos, mudando-lhes os costumes, civilizando-os. Nesse sentido o missionário frei Berthet sonha alto: “Imaginem só, que dentro de dez anos, haja em cada tribo dez ou doze índios sabendo falar em sua língua materna, e sabendo ao mesmo tempo falar, ler e escrever em nossa língua portuguesa. Índios pela língua e o sangue, mas brasileiro e cristão pelas idéias, os sentimentos e a educação.”<sup>175</sup>

A catequese indígena de Conceição do Araguaia se insere ,portanto, dentro desta perspectiva missionária de ir aos poucos suavizando os instintos selvagens dos índios até integrá-los dentro dos princípios da civilização cristã. Para isso o frade nunca impõe mas sempre utiliza a pedagogia da persuasão. Assim, após convencer os índios Caiapó, habitantes de Barreira, a mudarem para o novo local escolhido que, além de estar protegido das terríveis enchente do Araguaia, também oferecia melhores condições para lavoura e criação de gado, os dominicanos iniciaram a obra catequética.

Em Conceição do Araguaia o trabalho junto aos indígenas era dividido em dois tipos de organização: uma voltada para os adultos e outra voltada para as crianças. Com relação ao ministério apostólico junto aos adultos, afirma frei Gil no relatório enviado ao Capítulo Provincial (assembléia de superiores com poder de decidir sobre as questões da província) realizado na cidade de Tolosa, em 1902, do qual ele próprio participara como representante da Missão Brasileira:

---

<sup>173</sup>GALLAIS, *Cartas...* op. cit. p.38

<sup>174</sup>Id. *Ib.*, p. 38.

<sup>175</sup>BERTHEL, *op. cit.* p. 22. Veja outras partes deste importantes documento histórico no Anexo 3.

Agimos junto aos adultos manifestando-lhes muita bondade, empregando-os em trabalhos de desbravamento das terras, também conseguimos que, a pouco e pouco, abandonassem seus hábitos de nômades; seu instinto selvagem está consideravelmente suavizado; muitos adotam os costumes dos cristãos civilizados que os cercam. aproveitamos todas as oportunidades para lhes falar do Céu, de Nosso Senhor, ensinar-lhes algumas orações. Suas idéias vão-se elevando a olhos vistos.<sup>176</sup>

A evangelização das crianças constituía a principal preocupação da ação missionária. Para as crianças, adotaram métodos diferentes. Eram educadas em colégio interno separadas de seus pais para evitar que adquirissem os costumes selvagens. Assim poderiam ser educadas, desde pequenas, segundo os princípios cristãos, antes de adquirir os hábitos selvagens. No mesmo relatório, frei Gil explica como era organizado o apostolado junto à criança indígena:

...frequentam a escola com regularidade e já todos aprenderam a falar o português, bem como as principais orações e algumas respostas do catecismo. Alguns começam a ler e a escrever. O regulamento do pequeno colégio é o seguinte. Às seis horas, levantar, oração, café; aulas das sete até às dez e meia; às onze, almoço, recreio, passeio pela aldeia sob a direção de um empregado dedicado; às quatro e meia, jantar. Até se deitarem, o que se verifica às oito horas da noite, as crianças ficam em companhia de um missionário. É o momento de lhes falar de Deus e de lhes preparar as almas para a graça do batismo. Em nosso colégio chegamos a ter cinquenta dessas crianças.<sup>177</sup>

Enfrentavam muitas dificuldades para manter essa obra. Às vezes, eram obrigados a diminuir o número de crianças atendidas. A população cristã de Conceição era muito pobre. Não tinham condição de ajudar na manutenção da obra catequética. Pelo contrário, muitas vezes eram os padres que tinham que ajudar. De fato os padres ajudavam muitas pessoas com alimentos. Além dos gastos com as crianças internas, havia também os gastos com a alimentação dos pais das crianças que vinham constantemente visitar os seus filhos e nesta ocasião também tomavam refeições, como afirma pe. Gallais em carta dirigida aos noviços de Tolosa:

---

<sup>176</sup>GALLAIS, op. cit. p. 241.

<sup>177</sup>Id. Ib., pp., 241-242.

Sobre o capítulo do alimento, nossos Padres tem que prover necessidades também onerosas pois os seus pensionistas têm bom apetite; e depois, há os pais que, sob pretexto de rever seus filhos, vem na realidade fazer uma boa refeição às custa dos Missionários. ‘Papai, eu tenho fome! E se volto sem comer, tenho medo de cair de fraqueza ao longo do caminho.’ Diante de um pedido destes, formulado quase que com os mesmos termos do Evangelho só temos que atender. Aliás a Providência provê tudo...nossos padres se sentem visivelmente assistidos por Deus.<sup>178</sup>

Os missionários precisavam também providenciar tecidos, material escolar, utensílios de trabalho e muitas outras coisas. Nada disso havia no recente arraial de Conceição. Tinham que ir buscar em Belém do Pará. Frei Gil ia a Belém todos os anos para angariar fundos para a obra missionária. Frei Gil fez amizades em todos os meios: políticos, jornalísticos, populares e eclesiásticos. Com esse prestígio conseguiu ajuda do governo do Pará que se interessava em favorecer a catequese de Conceição. No início do século, a crise da borracha mudou um pouco esse quadro.

Até o final do século passado praticamente toda a borracha consumida no mundo era produzida no Brasil.<sup>179</sup>A exploração da borracha constituía a principal fonte de renda para os Estados do Pará e do Amazonas. Manaus e Belém sentiram em sua própria estrutura os efeitos desta riqueza. Como na velha São Paulo, onde os latifundiários do café construíram suntuosas mansões, em Manaus, com os recursos provenientes da extração da borracha, se construiu o luxuoso Teatro Municipal. Símbolo desta época, o Teatro Municipal de Manaus foi construído com mármore e cristais importados.

A borracha começou a ser consumida cada vez mais em todo o mundo. A nível mundial surgiram, então, outros lugares onde se produzia a borracha. Os ingleses, por exemplo, com as sementes trazidas do Brasil iniciaram no Ceilão e na Malásia imensas plantações da “hevea”, com método de extração muito mais

---

<sup>178</sup>GALLAIS, *Cartas...* op. cit., pp. 37- 38.

<sup>179</sup>CARONE, Edgar. **A República Velha** (Instituições e Classes Sociais). São Paulo : Difel, 1970. p. 61.

efetivo que os métodos extremamente rudimentares com os quais se fazia a extração da borracha no Brasil. Em pouco tempo, a concorrência da borracha produzida no oriente levaria o produto brasileiro a bancarrota. Segundo Caio Prado Junior, no final da Primeira Guerra(1914-1918), o Brasil produzia apenas 34 mil toneladas das 423 mil toneladas produzidas no mundo inteiro. No final do século XIX 60% da produção mundial da borracha ainda era realizada no Brasil. Assim percebe-se a magnitude da decadência.

Esta nova realidade trouxe uma grande alteração no quadro econômico da região do Pará. Numerosas casas de comércio abriram falência e as finanças do governo ficaram abaladas. Em 1901 o Estado do Pará já está começando a sentir as conseqüências da concorrência mundial da borracha. Por isso quando em 1901 frei Gil pediu auxílio para o novo governo do Pará não foi atendido. O novo governo o acolheu bem dizendo que apoiava a obra catequética de frei Gil mas não poderia oferecer-lhe ajuda econômica. Esta nova postura causou um certo desconcerto em Frei Gil que havia ido a Belém para buscar ajuda prometida pelo governo anterior. Pe. Vilanova já havia feito compromisso contando com esta ajuda. Ficou preocupadíssimo, pois , sem o dinheiro , a obra catequética ,fruto de cinco anos de laborioso trabalho, corria o risco de ser extinta. Segundo Pe. Gallais ,fr. Gil “passou alguns dias em apunhalantes angústias, fazendo rolar pelo seu espírito um mundo de projetos que lhe permitissem sair do embaraço. Durante muito tempo se deixou ficar encerrado no Seminário, passando longas horas diante do Santíssimo Sacramento ou passeando nervosamente pelo seu quarto.”<sup>180</sup>

Após muita reflexão decidiu pedir ajuda à comunidade uma vez que o projeto não podia parar. Frei Gil e o trabalho de catequese indígena era muito admirado pelo povo de Belém. A comunidade se mobilizou para angariar fundos. Padre Gil obteve permissão para pedir ajuda em todas as igrejas de Belém. Houve festas de caridade, concertos, loterias. Também a imprensa e os negociantes se mobilizaram. O próprio bispo do Pará, D. Antônio Brandão, deu uma substancial

---

<sup>180</sup>GALLAIS, **O apóstolo...** op. cit., p. 219.

oferta. Embora não conseguisse levantar o equivalente à promessa do governo, conseguiu o necessário para o que havia de mais urgente.

Após este aperto pensou-se em organizar uma instituição permanente que pudesse, de maneira fixa e regular, angariar o necessário para a manutenção do trabalho apostólico. Tomou-se por modelo a Obra da Santa Infância e a Propaganda da Fé existentes na França, com associados fixos que dessem uma colaboração regular. As contribuições particulares substituiriam, em certa medida, as subvenções que o Estado não mais fornecia. Pensa-se em dar um novo passo na questão da manutenção.

A obra catequética foi crescendo e já era hora dos próprios educandos ajudarem na própria manutenção. Procura-se então trabalho para os índios. Padre Vilanova começou a incentivar os indígenas a fabricarem objetos de uso corrente entre eles para vender. Em 1902 viajou para o Pará levando um carregamento de vários produtos indígenas: armas, arcos, flechas, lanças, ornamentos, braceletes de pluma, objetos de fantasia. Todo esse material foi adquirido em Belém pelo próprio governo municipal.

Dentro da preocupação da auto manutenção da Catequese indígena, frei Gil concebe um outro plano: fazer uma grande plantação da árvore da borracha em Conceição para ser explorada pelos índios. Em 1903 adquire e planta uma grande quantidade de semente de uma árvore da borracha chamada maniçoba. Adquire também uma flotilha de três batelões para transportar e comercializar o fruto do trabalho indígena. Manda desbravar mais terras e fazer plantações de arroz, mandioca, feijão, milho. Projetava também plantar café, cana de açúcar e cacau. Em 1901 com a chegada de Frei Domingos para Conceição surgiu um meio mais prático para o sustento da obra. Frei Domingos Carrérot tinha aptidão para criar gado e mexer com fazenda. Funda-se então a fazenda Santa Rosa, e o gado aí criado tornou-se o principal recurso material dos missionários de Conceição do Araguaia.

Com todas essas iniciativas, a manutenção da Obra de Evangelização seguiu sem grandes problemas. Em carta enviada em 1904 ao Provincial na França, frei Gil afirma que, do ponto de vista econômico, a obra vai bem e pede ao superior que envie irmãos cooperadores para dar um ensino profissional aos indígenas (agricultor, marceneiros, pedreiros, etc).<sup>181</sup>

Quanto ao apostolado catequético propriamente dito, aos poucos os indiozinhos iam assimilando a vida interna e aprendendo a gostar de ficar com os padres. Padre Vigneau, colaborador de Fr. Gil, em 1902 afirma a respeito das crianças indígenas: “Não nos causam mais aborrecimentos. Pouco a pouco foram se amansando, a ponto de não termos mais queixas, e muito menos os cristãos.” E arremata com entusiasmo: “E dizer que muito deles, que hoje nos dão o prazer foram outrora caprichosos, ladrões, selvagens! Hoje, só tem um medo: de serem despachados para as suas aldeias”.<sup>182</sup>

Um dos maiores empenhos dos dominicanos de Conceição era conseguir uma comunidade de irmãs dominicanas para aí trabalhar na educação das meninas uma vez que, na obra catequética, os frades trabalhavam apenas com os rapazinhos. Os missionários tinham consciência da importância da mulher na educação da criança. Sabia que a ação da mulher era preponderante. Era preciso preparar mães cristãs para as crianças indígenas. Daí a necessidade de organizar uma evangelização também para as meninas. Era necessário atingir toda a família.

Padre Vilanova pensou nas irmãs dominicanas de Monteils que já tinham casas em Uberaba e em Goiás. Em 1901 convida-as para fundar uma casa em Conceição. Entretanto “seu sonho não se realizou facilmente. O clima agreste, o isolamento do local escolhido, a própria adaptação das irmãs levaram as superiores da época a ponderarem a viabilidade ou não da ida das irmãs.”<sup>183</sup> Diante do

---

<sup>181</sup>Id. Ib. p. 277.

<sup>182</sup>Id. Ib., p. 269.

<sup>183</sup>FUNDAÇÃO CULTURAL DE UBERABA. **Dominicanas**: Cem anos de Missão no Brasil Uberaba : Vitória,1986. p. 84.

iminente fracasso, frei Gil procura outras congregações de irmãs, mas não consegue. Em 1902, estando na França para participar do Capítulo Provincial, com a autorização do padre provincial entrou em contacto com a Superiora Geral da Congregação e conseguiu a vinda de quatro irmãs dominicanas para Conceição. Duas já estavam no Brasil: Irmã Maria Otávia em Goiás e Irmã Luisa Maria em Uberaba. As outras duas, soeur Marie Maximin e soeur Marie Denise partiriam da França para Uberaba a fim de, aí nesta cidade mineira, aprender a língua portuguesa antes de se embrenharem no sertão do Araguaia.

Após uma longa e estafante viagem por terra, a cavalo e de canoa pelo Araguaia, a 31 de dezembro de 1902, juntamente com frei Gil as irmãs dominicanas chegam a Conceição do Araguaia. Foram recebidas com festa pelos frades, pelos sertanejos e pelos índios e já, em janeiro, iniciam os trabalhos. Uma das fundadoras assim relata o início do trabalho: “Para iniciar o trabalho missionário fizeram quatro dias de retiro. Em Janeiro de 1903, começaram as aulas. Muitos alunos compareceram. Tudo da escola foi improvisado, mas o amor e o ardor eram grandes. Só duas irmãs sabiam o português, o que tornava as coisas mais difíceis. Mas esmorecer, nunca.”<sup>184</sup>A escola recebeu o nome de Colégio Santa Rosa. Começou a funcionar com internato para as índias e externato para as meninas sertanejas. No início, tiveram algumas dificuldades com as índias. Estas não se adaptavam às normas do Colégio como já acontecera com os meninos índios e fugiam constantemente. Nada substituía a liberdade que tinham e a nostalgia da floresta. Um dia fizeram um complô para fugir e de repente todas como foguetes, puseram-se a caminho da aldeia.<sup>185</sup>

Com muita paciência, o trabalho com os índios e com os sertanejos ia dando os frutos. Em 1904 o colégio já contava com 150 alunas. Em 1907, passaram a educar também os meninos.

---

<sup>184</sup>Id. Ib., p. 86.

<sup>185</sup> Id. Ib., p.87



A obra das irmãs dominicanas, em Conceição do Araguaia, não se limitou ao trabalho no colégio. Mais tarde abriram um ambulatório transformado posteriormente em hospital que, durante muitos anos funcionou como o Pronto Socorro para a imensa região circunvizinha de Conceição.

Com a fundação do Colégio Santa Rosa, estava completa a infra estrutura fundamental para o prosseguimento da Obra Catequética de Conceição que, a época, conhecida em todo o Brasil, já era vista como uma obra de interesse nacional.

A Obra Catequética em Conceição do Araguaia continuou, mesmo com a morte de frei Gil, seu idealizador e fundador. Frei Domingos Carrérot, frei Sebastião Tomás, e outros deram continuidade a obra iniciada pelo Padre Vilanova. Com o objetivo de favorecer e estimular os trabalhos de Evangelização dos índios a Santa Sé criou em 1911 a Prelazia de Conceição do Araguaia. Confiada aos dominicanos e tendo como seu primeiro Prelado, Dom Domingos Carrérot, essa Prelazia se tornará “um centro de irradiação tanto para as diversas penetrações junto aos Caiapós e Karajás como também para o estudo dos costumes e línguas indígenas a que se consagraram muitos desse frades (dominicanos).”<sup>186</sup>

A Catequese Indígena de Conceição do Araguaia se constituiu num suporte significativo para o trabalho desenvolvido pelos dominicanos junto a outras tribos indígenas. A experiência aí adquirida por frei Domingos Carrérot, como missionário e superior da Missão foi a base do trabalho que posteriormente desenvolveria na diocese de Porto Nacional, junto à várias tribos indígenas, inclusive, aos Javaés da Ilha do Bananal.

Na catequese indígena os missionários foram tomando consciência do perigo a que se expunha o índio em contato com a civilização ocidental, de ter sua Cultura e sua própria sobrevivência condenadas a extinção. Essa consciência levou-

---

<sup>186</sup>LUSTOSA, Frei Oscar Figueiredo. Os dominicanos e a Igreja no Brasil, cem anos de presença. In: **Os dominicanos**. São Paulo : Província São Tomás, 1981. p. 152.

os a batalhar pela criação de organismos voltados para a preservação indígena. Assim em 1924, frei Sebastião Tomás<sup>187</sup>, então Vigário Apostólico da Prelazia de Conceição do Araguaia, fundou no Rio de Janeiro a COMISSÃO DE PROTEÇÃO AO INDIO, encarregada de manter as obras missionárias da Prelazia.

#### 4 - COM OS SERTANEJOS EM CONCEIÇÃO

Os frades dominicanos desenvolveram simultaneamente duas frentes de trabalho, neste povoado paraense. Além do apostolado junto aos índios, realizaram também uma atividade entre os sertanejos que viviam dispersos pelas margens do rio Araguaia e que vieram estabelecer-se entre os missionários. A fundação do Centro Catequético Indígena se realizou principalmente para a evangelização do índio. Entretanto, a nova realidade exigia também um apostolado junto aos camponeses. A época da fundação, havia uma verdadeira corrente imigratória de sertanejos vindo das regiões vizinhas, que se agrupavam ao redor da cabana de pau-a-pique erguida pelos missionários, na margem esquerda do Araguaia. Muitos estavam fugindo dos recentes morticínios que aconteceram e estavam acontecendo no norte goiano, na região de Boa vista. Muitos desses sertanejos tiveram seus lares destruídos e agora procuravam proteção e segurança em torno dos missionários. Além dos benefícios da religião, o sertanejo encontrara aí a proteção contra as enchentes, uma terra boa para plantação e facilidades para a caça e a pesca.

Sem perder de vista o objetivo primeiro, os frades resolveram enfrentar e assumir o trabalho apostólico que a nova realidade exigia. O número foi crescendo diariamente. Era preciso também organizar bem a cidade que estava nascendo dotando-a de um mínimo de infra-estrutura necessária. Frei Ângelo elaborou um plano arquitetônico para a cidade: organizou o traçado das ruas e as disposições

---

<sup>187</sup>O dominicano frei Sebastião Tomás, nascido na França a 3 de abril de 1876, foi Superior da Missão Dominicana no Brasil (1912-1920), Vigário apostólico da Prelazia de Conceição do Araguaia (1920), e nomeado Prelado desta mesma Prelazia em 1925. Desenvolveu um intenso trabalho entre os indígenas. Fundou várias escolas. Graças ao seu esforço foi criada uma linha de correio no Araguaia, de Leopoldina a Conceição, ligando diretamente Goiás aos Estados do Norte.

das praças. Os missionários conseguiram a criação de uma escola primária, uma subdelegacia, um juiz de paz para regularizar os casamentos perante a lei.

Cada grupo que chegava procurava os frades. Estes marcavam o local da casa a ser construída numa área de vinte metros de frente e quarenta de fundos ao longo de ruas bem traçadas e paralelas ao rio.<sup>188</sup>Aos poucos o que deveria ser um aldeamento exclusivo para os índios se torna uma pequena vila habitada sobretudo por sertanejos. No início era um arraialzinho tranqüilo e simples com uma população composta de excelentes famílias agrupadas em torno da singela casa de oração e da cabana dos missionários. Era uma autêntica “Cidade de Deus” em pleno sertão brasileiro. Os padres eram as autoridades religiosas, morais e civis. A bebedeira era rigorosamente proibida. Quando frei Gil sabia de algum garrafão de pinga entrado de contrabando mandava quebrá-lo sem compaixão.

Era uma cidade com uma fisionomia social e moral toda especial. A sua simplicidade de costumes, seus hábitos religiosos, sua submissão ao padre fazia lembrar um pouco, como diz frei Audrin,” as velhas ‘reduções’ jesuíticas do Paraguai.”<sup>189</sup>A presença dos missionários e as condições favoráveis do local despertaram as famílias do sertão de Goiás, Maranhão e Piauí, o sonho de uma vida melhor. E a cidade foi crescendo rapidamente.

Em 1904 se descobre nas matas vizinhas a Conceição uma riquíssima zona da borracha. Houve, então, uma corrida inaudita para a região, e a pacata cidade se torna repentinamente um dos importantes pólos caucheiros da Amazônia. Constantemente chegavam os extratores que, com suas tropas atravessavam o rio, paravam alguns dias em Conceição e daí se embrenhavam nas matas em busca do precioso caucho. Abriam-se, ao longo das ruas, casas de negócios. “Na espaçosa praça da Matriz fazia gosto ver-se o movimento das tropas, conduzindo pranchas de caucho e levando para os núcleos víveres, medicamentos e mercadorias. Na fachada

---

<sup>188</sup>AUDRIN, **Entre Sertanejos...** op. cit. p. 81.

<sup>189</sup>AUDRIN, J. M. **Evoquant un long passé ( 1892-1952)**. p.54. Obra não publicada, cujo original encontra-se no arquivo da Província São Tomás de Aquino, em São Paulo.

das casas comerciais, vistosos letreiros indicavam a firma que geria o estabelecimento”.<sup>190</sup> O pequeno “povoado dos padres” cresce extraordinariamente em pouco tempo. Os novos aventureiros traziam consigo, logicamente, novos costumes.

Diante da nova realidade, os dominicanos têm novos desafios. Era necessário evangelizar os chegantes para se manter o nível dos primeiros moradores. Esta foi a dura peleja que os missionários tiveram que enfrentar sob o comando de frei Domingos Carrérot, novo superior da Missão Dominicana, em Conceição do Araguaia, nomeado após a morte de frei Gil Vilanova. Conceição do caucho agora era outra: O dinheiro antes escasso, agora corria a vontade; as lojas estavam repletas de objetos de luxo e bebidas; bailes, orgias, prostituição e constantes tiroteios. Com o dinheiro arrecadado pela venda de seus produtos da roça e do engenho, os tranqüilo moradores trocaram as suas roupas de algodão da terra e os seus chinelos de couro pelos ternos de casimira e de brim fino, e sapatos de verniz. Nas missas dominicais, muitas mulheres começaram a usar, ao invés do véu branco, luxuosos chapéus trazidos da Bahia ou de Belém.

Também os índios foram afetados. Suas aldeias localizadas na rota do caucho se tornaram um ponto de pouso obrigatório para as centenas de aventureiros que se adentravam pelas matas da borracha. Trocavam seus produtos por cachaça. Começaram a participar da bebedeira comum nesse tipo de ambiente. Frei Audrin faz um descrição dramática dessa situação:

Além desses contatos, os moços Caiapó, robustos em geral, iludidos por miríficas promessas, deixaram-se arrastar para os trabalhos inumanos das matas, feito escravos, durante longos meses. Daí voltavam aniquilados e afetados de certas doenças até então por eles ignoradas. Quantos outros, nesse tempo, desceram a Belém do Pará, remeiros dos possantes batelões carregados de caucho, e deixaram seus ossos ao longo das cachoeiras do Taurirí e da Itaboca.<sup>191</sup>

---

<sup>190</sup>PALACÍN, *Coronelismo no Extremo Norte de Goiás: o Padre João e as três Revoluções de Boa Vista*. Loyola : São Paulo, 1990. p. 143.

<sup>191</sup>AUDRIN, *Entre Sertanejos...*op. cit., p. 88.

O frade a cujas ordens todos obedeciam ,na pacata Conceição , agora na Conceição do caucho, ele também tem opositores. Para a cobrança dos direitos de extração e exportação, o governo do Pará envia um grupo de funcionários cuja preocupação primeira era enriquecer. Eram pessoas completamente alheias à religião. O Major fortunato Ludovico era o administrador e chefe deste novo grupo. Ateu e positivista dizia explicitamente que o seu Deus era a borracha. Tornou-se o todo poderoso da cidade nomeando os empregados da polícia e da justiça. Fundou uma loja maçônica na cidade e começou uma campanha cerrada contra os padres. Segundo frei Audrin ele insultou os padres até mesmo dentro da própria Igreja: “Foi um período de violências, imposições arbitrárias, de prisões injustas e até assassinatos.”<sup>192</sup>Enviou ao governo do Pará vários relatórios contra os missionários.

O rosto singelo e pacato da Conceição do Araguaia que se reunia em torno da Cabana dos missionários para ouvir sermões de uma hora inteira está desfigurado pelo novo deus do Império da Borracha. Nesta nova realidade, a evangelização tem que ser diferente, uma vez que o interlocutor é diferente. Não é mais possível quebrar o garrafão de cachaça que entra furtivamente na cabana do sertanejo. Tão pouco é possível fiscalizar a população para que não incorra em algum crime.

A ação missionária se deu ,então, em várias frentes. A nível interno intensificou-se a devoção ao rosário, criou-se a Ordem Terceira de São Domingos, a Associação das Filhas de Maria, a Conferência de São Vicente de Paulo. Intensificou-se o fervor ao culto eucarístico, com cânticos litúrgicos cada vez mais participativos. Quase todos os dias faziam-se piedosas procissões para levar comunhões aos doentes. A nível externo, os missionários intensificaram as visitas às aldeias indígenas, organizaram uma formação mais cuidadosa da mocidade indígena, elaboraram cartas de protestos ao governo do Pará. Também os padres fizeram protestos enérgicos, durante as celebrações na igreja. Assim, apesar de toda

---

<sup>192</sup>Id. Ib., p. 90.

tentativa contrária a obra missionária, Conceição continuou sendo, segundo frei Audrin, a cidade de Deus.<sup>193</sup>

## 5 - A PRESENÇA DOS DOMINICANO NOS CONFLITOS SOCIAIS

Durante o período em que os dominicanos estiveram presentes no interior do Brasil, o sertão goiano foi sacudido por uma forte onda de violência: Boa Vista (de 1892 a 1913), Pedro Afonso (de 1910 a 1926), Duro (de 1918 a 1923), Conceição (de 1909), Peixe (1919), Porto Nacional (1931 a 1937).<sup>194</sup> Os frades dominicanos exerceram o seu ministério justamente no mesmo período histórico e no mesmo espaço geográfico da eclosão desses movimentos que foram chamados de diversos nomes: revolução, guerra civil, banditismo. Os dominicanos não ficaram alheios a estes conflitos sociais. Tiveram uma presença significativa, sobretudo como mediadores ou consoladores.

Tendo em vista o objetivo de se perceber o tipo de presença dominicana nestes conflitos, não será necessário fazer uma análise de todos mas apenas de alguns mais significativos, dentro do escopo desse trabalho deste trabalho.

### 5.1 - A REVOLUÇÃO DE BOA VISTA (1892)

No final do século passado a luta entre os dois partidos políticos existentes em Goiás era extremamente violenta, no extremo norte e, particularmente na cidade de Boa Vista- atualmente Tocantinópolis. Com a Revolução de 1892 estava iniciando a época das revoluções em Boa Vista onde, segundo Pe. Palacin, houve três revoluções em menos de 6 décadas: “Esta verdadeira guerra civil, que se prolongou durante um lustro, foi mais que uma ocorrência sem futuro, criou o tipo de revolução sertaneja e institucionalizou seus mecanismos de forma que, durante o

---

<sup>193</sup>Id. Ib., p. 87.

<sup>194</sup>PALACÍN, op. cit., p. 63.

longo período do Padre João(1897-1947), a revolução se tornou o meio normal de solucionar as tensões políticas e sociais.<sup>195</sup>

No final do século XIX, havia, em Boa Vista, um dos exemplos mais clássicos do coronelismo: O Coronel Perna e o Coronel Carlos Gomes Leitão armaram os seus partidários e viviam em constantes lutas. No momento da Proclamação da República ,Leopoldo de Bulhões dominava o cenário político do estado de Goiás já há algum tempo. O Coronel Leitão ,aliado dos Bulhões, era o líder incontestado da política de Boa vista. Em 1891 foi eleito deputado constituinte. Na década de noventa ,porém, a situação começa a mudar. Nas eleições municipais de 1891, em Boa Vista, o Partido Republicano Federal dirigido pelo Coronel Perna, adversário do Coronel Leitão, foi vitorioso e “Leitão começa logo a sentir as agruras do ostracismo.”<sup>196</sup>

A 23 de novembro de 1891, o Presidente da República, marechal Deodoro, apresenta a demissão do cargo. O Vice-Presidente, Floriano Peixoto, assume o cargo de Presidente da República. Com a ascensão de Floriano ao poder, Leopoldo de Bulhões começa a manobrar junto ao presidente, para que se decretasse intervenção federal em Goiás. Seria uma oportunidade para seu partido voltar ao poder. “Então concebeu um plano em que uma série de levantamentos dos municípios contra as intendências, propagando-se até a capital do Estado, forçaria o governo central a intervenção. Aproveitando o ressentimento de Leitão, Boa Vista devia ser o detonador de todo o movimento”<sup>197</sup> Leopoldo de Bulhões instiga o Coronel Leitão a efetivar a revolução para tomar o poder em Boa Vista.

O desfecho final do júri ocorrido no dia 21 de fevereiro, no qual foi absolvido o réu, Cláudio Gouvea foi desfavorável aos interesses do Coronel Leitão. Este já havia pressionado o juiz para que não realizasse o referido Júri. Apesar das

---

<sup>195</sup>Id. Ib., p.5

<sup>196</sup>Id. Ib., p.49.

<sup>197</sup>Id. Ib. p. 53

pressões, o Juiz Hermeto se manteve inamovível e o Júri foi realizado.<sup>198</sup>O Coronel Leitão, seus amigos e parentes começam a arregimentar contingentes nas cidades e nas fazendas para iniciar a revolução que o levaria novamente ao poder. Os rumores começaram a chegar na cidade e a cidade inteira ficou em pé de guerra.

As missões pregadas pelos dominicanos frei Gil e frei Domingos, em Boa Vista, nesse ano de 1892, veio esquentar ainda mais o ambiente, sobretudo pela presença de Pe. Vilanova que, segundo fr. Audrin, não conhecendo a astúcia do sertanejo, era pouco diplomata e deixava transparecer, em conversas e mesmo nos sermões, a sua preferência pelo Partido Católico de Goiás, visceralmente oposto ao partido dos Bulhões.<sup>199</sup>

Em Boa Vista havia uma luta acirrada entre os partidários de Leopoldo Bulhões e do Cônego Inácio Xavier da Silva, fundador do Partido Católico, em 1890. Além das disputas e brigas locais nesta rede de intrigas que era a política, neste sertão brasileiro havia razão havia uma razão de maior amplitude que aquecia ainda mais os ânimos: a ideologia positivista e laicizante presente na base do novo governo republicano federal. Esta ideologia era o referencial básico para as decisões governamentais. A Igreja Católica no geral não aceitava esta nova mentalidade positivista reinante na esfera governamental.

O coronel Leitão que já se sentira ameaçado pelas decisões tomadas pelo júri, agora se sente ainda mais ameaçado pela presença dos frades dominicanos em Boa Vista. Ele e seu partido inicia, então, uma série de denúncias contra os dominicanos dizendo que as missões foram organizadas para defender o partido católico instigando, assim, a população a se revoltar contra a República. O próprio Juiz em exercício, partidário do Coronel Leitão, mandou um ofício ao governo

---

<sup>198</sup>Id. Ib., p. 53

<sup>199</sup>AUDRIN, **Entre Sertanejos...** op. cit., p.61



estadual formalizando estas acusações. Diante da acusação formal frei Gil se defende em um artigo de jornal:

Consagrei um sermão ,um só, a explicar os deveres dos católicos nos tempos atuais. Com as próprias palavras dos bispos e dos papas condenei, como condenarei sempre, quanto Deus me der um sopro de vida, as leis de separação da Igreja e estado, do casamento civil, do ensino neutro. Disse que era dever dos católicos combatê-la por todos os meios legais. Mas nunca sustentei que fosse lícito atacar um governo pela violência, nunca formulei as proposições absurdas que me empresta o Sr. Acácio, nunca falei contra a República, pois ensinei, ao contrário, que a Igreja Católica admite todas as formas de governo, contanto que respeitem sua liberdade e seus direitos.<sup>200</sup>

As missões em Boa Vista aconteceram sem nenhum acidente, conforme a prévia programação. Ao término das mesmas, os missionários se retiraram para continuar a missão no povoado de Santo Antônio da Cachoeira. Com a saída dos missionários, os rumores do assalto da cidade pelo Coronel Leitão começaram a tomar corpo, pois os seus homens estavam reunidos em uma fazenda a uns 10 quilômetros de Boa Vista. Neste clima tenso, mais uma vez se destaca o prestígio e a envergadura moral dos missionários: frei Gil é chamado pelo Juiz Hermeto e pelo Coronel Perna para mediar o Conflito. O Juiz vai até Santo Antonio onde estão os missionários e faz um apelo dramático a frei Gil: “Só V. Ex.ma. pode salvar um povo inteiro. É impossível que se negue a me acompanhar.”<sup>201</sup> Realmente os rumores se confirmaram e, no dia 31 de março, a tropa do Coronel Leitão invade a cidade e se entrincheira na casa do Sr. Gregório Acácio, Juiz substituto em exercício e amigo do coronel Leitão, confirmando o boato de que iriam se entrincheira nesta casa. O Coronel Perna já havia mandado prender o Sr. Gregório quando soubera do boato. Porém, como negara o boato, foi solto mediante a promessa de que sua casa jamais seria utilizada como trincheira.

---

<sup>200</sup>PALACÍN, op. cit., p. 56.

<sup>201</sup> Id. Ib., p.56.

Frei Gil foi ao local onde estava a tropa invasora para tentar a mediação. Esta, não sendo aceita, iniciaram-se os combates que durou das dez horas do dia 31 de março até às 8 do dia seguinte.

Quanto a participação de frei Gil na mediação deste conflitos há duas versões disponíveis: a versão contida no livro do Padre Palacin, já citado neste trabalho, e a versão apresentada pelo dominicano Pe. Audrin em seu livro *Entre Sertanejos e índios do Norte*<sup>202</sup>. São diferentes, nos detalhes. Porém se assemelham no essencial. As duas narrativas atendem ao objetivo desse trabalho que é mostrar que os dominicanos tiveram uma significativa participação nos movimentos que explodiram, no sertão goiano, no final do século passado e início deste. A violência desses conflitos, marcou a alma do sertanejo, criando inclusive novos fatos históricos, como por exemplo, a população sertaneja de Conceição do Araguaia, composta em sua grande maioria de camponeses que, fugindo desses conflitos, foram em busca de paz à margem do Araguaia sob a proteção dos frades dominicanos. Como os dominicanos estavam inseridos na vida do povo e encarnados na realidade, era natural o envolvimento nos dramas do povo.

Nas duas narrativas sobressai o prestígio do missionário. As duas facções beligerantes viam, no missionário, um homem leal. Sabiam que, mesmo nos momentos dramáticos, mesmo nos momentos de morte, poderiam confiar na palavra do missionário. pois ele era um homem reto, leal, confiável e íntegro.

De acordo com Pe. Audrin a iniciativa de mediação partiu de frei Gil e com insistência: “Frei Gil ...imaginou obter um encontro dos dois chefes inimigos em presença do missionário e de um grupo de testemunhas por ele escolhidas. Houve recusas naturalmente; mas o Padre tanto insistiu que, de bom ou mau grado seu

---

<sup>202</sup>Também padre Gallais no livro sobre frei Gil, **o apóstolo do Araguaia** descreve esses fatos ocorridos em Boa Vista em 1892. Em suas grandes linhas, com exceção da maneira como frei Gil saiu de Boa Vista após os conflitos, a versão do Pe. Gallais coincide com a do Pe. Audrin. Este com certeza conhecia a obra de Pe. Gallais escrita em 1906. Provavelmente Pe. Audrin a tenha tomado por base para descrever bem mais tarde, em 1946, estes acontecimentos.

pedido foi aceito.”<sup>203</sup>Conforme Pe. Palacin, o Capitão Alexandre, irmão de Leitão “ofereceu-se para ir até a casa do Tenente Coronel Perna, com tal proposta obteve as garantias de vida. Frei Gil levou a proposta e obteve as garantias solicitadas”.<sup>204</sup> Portanto, segundo esta versão, a iniciativa não foi de Frei Gil e tão pouco houve insistência por parte do dominicano. É bem provável que esta versão esteja com a verdade histórica, pois antes de iniciar o conflito, o missionário já havia ido ao local dos sitiados e oferecido seus préstimos, o que fora recusado pelos invasores.

De acordo com Pe. Audrin, o Coronel Leitão estava presente no momento em que seu irmão, o Capitão Alexandre, foi mortalmente ferido: “No dia e na hora marcados, Frei Gil acompanhado de partidários das duas facções levou o Coronel Leitão à residência do Coronel Perna e iniciou a conferência. Poucos instantes haviam decorrido e eis que, ao lado do missionário cai baleado mortalmente, Alexandre Leitão, irmão do Coronel.” Conforme Pe.Palacin, o Coronel Leitão não estava presente no local e horário do Crime, pois o Capitão Alexandre é que “ofereceu-se para ir até a casa do T.te. Coronel Perna...” Conforme Pe. Palacin “esta morte marcou o fim das hostilidades”. Pe. Audrin afirma o contrário: “Num instante a cidade esvazia-se, o povo foge em massa, ficando apenas os contentores em suas trincheiras mais reforçadas ainda.”

A diferença mais significativa entre as duas narrativas está na maneira como frei Gil e Capitão Leitão saem da cidade. Segundo o dominicano, frei Audrin, Pe. Vilanova acusado pelos amigos da vítima de ter planejado o assassinato” com mil dificuldades, usando de arriscadas estratagemas , protegido e guiado por amigos bem armados, conseguiu sair da infeliz cidade.”<sup>205</sup> Segundo o Jesuita , Pe. Palacin, a saída de frei Gil não foi tão dramática assim. Pelo contrário, frei Gil é que saiu protegendo o Coronel Leitão: “Sob a proteção de frei Gil, Leitão e seus homens desceram até o porto. Lá embarcaram em um bote, sempre acompanhados

---

<sup>203</sup>AUDRIN, **Entre Sertanejos...** op. cit., p. 62.

<sup>204</sup>PALACÍN, op. cit., p. 60.

<sup>205</sup>AURIN, **Entre sertanejos...** .op. cit, p.62

pelo missionário, que os levou até a barra do Mombuca, onde tinham deixado suas embarcações.”<sup>206</sup> Esta versão do Pe. Palacin está mais próxima da apresentada pelo Pe. Gallais: “Para evitar um novo atentado à palavra dada, o Padre Vilanova não deixa um momento o chefe liberal; acompanha-o durante todo o dia até o ver em lugar seguro junto à família. Carlos Leitão e os seus agradecem vivamente ao Padre, protestando que o consideram seu verdadeiro salvador.”<sup>207</sup>

O Coronel Leitão saía de Boa Vista disposto a abandonar a política. A experiência houvera sido muito amarga. Após inteirar-se da nova conjuntura política estadual e federal ele muda de idéia. Com a intervenção federal no Estado de Goiás, o poder volta para o partido dos Bulhões, abrindo assim novas possibilidades políticas para o Coronel Leitão. Com o intuito de se eximir de qualquer responsabilidade pelo ocorrido em Boa Vista e de conseguir uma intervenção estadual em Boa Vista, Leitão presta depoimento à Polícia Federal acusando frei Gil de ser o principal culpado pelo ocorrido no município de Boa Vista. Nesta nova versão, Padre Vilanova, de mediador da paz passava a ser o organizador, o autor principal de um crime premeditado. Frei Gil procurou se defender das acusações. Mesmo assim foi indiciado em um processo aberto. Dois anos mais tarde o missionário dominicano foi declarado inocente pelo juiz, encerrando assim sua participação e envolvimento neste conflito social de Boa Vista.

## 5.2 - A INVASÃO DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA (1909)

Em 1907 explode uma outra revolução em Boa Vista reduto de dois fortes líderes políticos: Leão Leda e Padre João. Duas lideranças que foram se fortalecendo ao ponto de ser quase impossível a convivência num espaço tão reduzido como o de Boa Vista. O grupo de Leão Leda foi derrotado nesta revolução pelo grupo de Padre João que, durante meio século(1897 a 1947),

---

<sup>206</sup> PALACIN, op. cit., p.60

<sup>207</sup> GALLAOS. **O Apóstolo...** op. cit., p. 167.

dominou a política em Boa Vista. Derrotado, Leão Leda foge de Boa Vista e começa a se organizar objetivando refazer a sua posição econômica-social antes de pensar em uma outra conquista maior. O lugar que oferecia mais possibilidades no momento era Conceição do Araguaia, que estava em pleno desenvolvimento, em virtude do comércio da borracha.

Em Janeiro de 1909, Leão Leda e seus homens fortemente armados entram triunfalmente em Conceição do Araguaia, com o objetivo de se tornar o senhor absoluto. A invasão é solene com descargas e tiros.<sup>208</sup> Uma vez tomada posse da cidade, os homens de Leão Leda efetuavam passeatas orgulhosas pelas ruas do povoado atirando sem trégua, comprando, comendo e bebendo sem pagar. Apesar de se sentir ofendido com essa afronta, o sertanejo de Conceição nada podia fazer contra o grupo do Coronel Leda. O destacamento policial nada podia fazer contra um grupo mais numeroso e bem armado. Pedir ajuda ao governo era impossível dada a falta de correio, telégrafo e às distancias. Por outro lado embora houvesse na cidade alguns inimigos de Leão Leda proveniente do Maranhão e Boa Vista, havia também um bom grupo de amigos e parentes de Leda que lhe dava cobertura.

A população começou a ficar indignada com a opressão e a presença ameaçadora de Leão Leda em Conceição. Os padres organizavam fervorosas súplicas para que a Nossa Senhora livrasse Conceição desse flagelo<sup>209</sup>

Leão Leda tinha gado. Entretanto não tinha dinheiro líquido suficiente para manter e organizar os seus homens para consolidar a sua presença em Conceição. Para angariar este dinheiro toma uma atitude que lhe foi fatal, dadas as repercussões negativas. Mandou apreender um carregamento de caucho de um comerciante estabelecido. Com essa atitude ele tocou no ponto nevrálgico da propriedade privada e da atividade mais importante para o desenvolvimento

---

<sup>208</sup>PALACÍN, op. cit., p. 144.

<sup>209</sup>AUDRIN, *Entre Sertanejos...* op. cit., p. 93.

econômico de Conceição: o comércio da borracha. A sociedade toda sentiu-se ameaçada, visto que, a partir do acontecido, compreendera que Leão Leda poderia vir a fazer o mesmo com qualquer outra pessoa. Leda não havia calculado suficientemente a dimensão das repercussões de sua atitude e assim selou o seu próprio destino. Todo o povo tinha claro que” para ele não poderia existir perdão”.<sup>210</sup>

As circunstâncias dramáticas da morte do coronel Leda marcou profundamente a sociedade. Por isso houve muitas narrativas de sua morte. Padre Palacin em seu livro já citado apresenta seis narrativas (versões) do mesmo fato. Para o objetivo deste trabalho, o mais importante é ver qual foi a participação dos frades dominicanos neste episódio, como também qual foi o pensamento deles a respeito da invasão do Coronel Leda a Conceição do Araguaia. Se para alguns Leda foi um político de destaque, um pai de família carinhoso e exemplar, leal, altivo ,democrático, amigo do povo.<sup>211</sup> para os frade dominicanos bem como para aqueles que estavam do lado de Conceição ele foi um ambicioso, invasor, desbaratado e injusto. <sup>212</sup> Dentro dessa ótica entende-se a posição de frei Audrin que considera um milagre de Nossa Senhora da Conceição o desfecho do caso, evitando que Conceição se tornasse um novo Canudos. Afirma ele: “só Deus sabe quantas vítimas e quantos gastos foram poupados ao Pará e mesmo ao Brasil pelo milagre de 9 de março, nas margens do Araguaia.”<sup>213</sup>

Os frades dominicanos tiveram uma participação significativa neste conflito. Se constituíram num forte ponto de apoio na organização para expulsar os invasores. Foram os primeiros a protestar contra as arbitrariedades praticadas por Leda e seus homens. Afirma frei Domingos Carrérot: “O povo ia fugindo por toda parte, era questão de vida ou morte para Conceição. Passamos por indizíveis

---

<sup>210</sup>PALACÍN, op. cit., p. 145

<sup>211</sup>Id. Ib., pp. 154-155.

<sup>212</sup>AUDRIN, **Entre Sertanejos...** op. cit., p. 93.

<sup>213</sup>Id. Ib. p. 94

tristezas. Se tornou cada vez mais evidente que, para não ser roubado, escravizado e insultado, precisava de uma ação enérgica e decisiva.”<sup>214</sup>Frei Domingos, que era o superior do convento começou, então, a se reunir com algumas pessoas influentes da cidade para ver o que fazer. Frei Domingo continua narrando:

Os senhores Diogo e Inácio chamavam então os homens de Barreiras e das Arraias, e no dia 7 de março, resolveram fazer uma manifestação pacífica. Logo depois da reza realizou-se um imponente préstito que percorreu as ruas sem armas, rompendo o silêncio da noite unicamente para gritar vivas nas portas dos amigos. Inútil dizer-lhe que a passeata começou e acabou na Igreja. Quando porém o cortejo chegou junto à casa do senhor Fortaleza, os homens de Leão quiseram, mas em vão, impedir-lhe a passagem. Na porta do senhor Sipaubá, aos gritos de ‘Viva Sipaubá’, um camarada de Leão respondeu ‘Morra Sipaubá’. foi o princípio das hostilidades. Cada um, nesta hora, tomou as posições. Leão com seus homens se entrincheirou na casa de Pedro Solino, e nas casas vizinhas, por sua parte, os defensores de Conceição, animados pela chegada de 150 homens de boa vontade distribuíram rifles e organizaram piquetes.<sup>215</sup>

O Coronel Leão Leda e seus homens tinham grande quantidade de armas. Porém, aos poucos foram sentindo o drama que se agravou ao longo do dia oito e nove. Acuados, sem espaço, sem comida, com pouca munição, e diante de um inimigo que ia se fortalecendo cada vez mais, se sentiram impotentes. Leda e seu filho pediram a mediação dos frades e das irmãs: “imploramos em nome de Deus vossa proteção para nossa vida. Esperamos que não nos desamparem.”<sup>216</sup>Frei Domingos foi até os sitiados para tratar da paz. O sentimento de revolta do povo já era muito grande e, portanto, não se podia fazer mais nada. Frei Domingos Carrérot narra o desfecho:

Leão Leda não queria sair de seu reduto a não ser acompanhado por mim. A isso o povo não quis consentir. Não podendo, então, prestar aos infelizes a única garantia que pediam, e não querendo vê-los mortos ao meu lado, deixei-os. Não tinham nada a fazer a não ser preparar-se para a morte. Mal pude sair e o assalto verificou-se ardente, irresistível. Arrombaram a porta, invadiram a casa.<sup>217</sup>

---

<sup>214</sup>PALACÍN, op. cit., p. 148.

<sup>215</sup>Id. Ibid., p. 149.

<sup>216</sup>AUDRIN, **Entre Índios....** op. cit., p. 93

<sup>217</sup> PALACÍN, op. cit., p. 151.

O desfecho foi violento. Mataram Leão Leda, seu filho e mais alguns dos sitiados. Outros foram presos. Nas ruas corpos estendidos testemunham o violento desfecho: “Os três corpos, durante o dia, ficaram estendidos na rua, quando veio uma chuva repentina e passageira, sendo que a enxurrada passou por cima deles, que ainda ficaram mais brancos e exangues, crivados de buracos de bala e faca, até que ao escurecer foram enterrados”.<sup>218</sup>

A mentalidade da época justifica o tom triunfal e exagerado nos números com que frei Domingos conclui a narração: “Apenas terminado o ataque e concluído o drama, nossos 1200 homens dirigiam-se para a Igreja, aos gritos de ‘Viva Nossa Senhora da Conceição’! enquanto centenas de rifles dão repetidas salvas de alegria...Diga a todos que a paz reina agora perfeita em nossa Conceição.”<sup>219</sup>

Com o devido distanciamento histórico e sem a emoção do momento e com uma nova mentalidade, pode-se fazer o seguinte questionamento: Como gritar vivas a Nossa Senhora diante de cadáveres estendidos pelo chão? Independente da verdade histórica, este aleluia cadavérico revela uma mentalidade com alguns resquícios do cristianismo guerreiro que dominou a Europa na Idade Média e foi implantada na América Latina pelos colonizadores. Na Europa, o cristianismo guerreiro atingiu o seu auge nas guerras de “Reconquista Espanhola” que tinha como animador principal, Santiago de Compostela, um santo guerreiro montado em um brioso cavalo, a frente da Guerra Santa dos cristãos. Na América Espanhola, era costume, nas guerras entre crioulos e espanhóis, levarem o estandarte da Virgem Maria. O exército espanhol marchava com o estandarte de Nossa Senhora da Vitória. O exército crioulo avançava sob a proteção de Nossa Senhora de Guadalupe. Era uma verdadeira luta das Virgens!

---

<sup>218</sup>Id. Ib., p. 154.

<sup>219</sup>Id. Ib., p. 207.



Pode-se dizer que, também no nosso sertão brasileiro, houve “luta das virgens”, pois “o Leão na casa, seu filho na rua, morreu gritando: ‘Valha-me Nossa Senhora’”<sup>220</sup> Uma outra pergunta vem a mente: porque será que Nossa Senhora atendeu às preces do povo de Conceição e não atendeu às de Leão Leda? Talvez Leão Leda tenha cometido um equívoco fatal: tenha esquecido de dizer a qual Nossa Senhora ele tenha dirigido as suas súplicas.

Entretanto não se pode criticar o missionário por, há cem anos atrás, ainda ter um resquício de cristianismo guerreiro, quando se sabe que, até há pouco tempo, durante as missas e outras celebrações litúrgicas, a assembléia cantava uníssona o canto **Levantai-vos soldados de Cristo...**

### 5.3 - OS CONFLITOS DE PEDRO AFONSO E SÃO JOSÉ DO DURO

Os dominicanos eram poucos para atender às imensas regiões a eles confiadas. Por isso, em muitos conflitos, não podendo agir diretamente durante o desenrolar das lutas, eles agiram apenas como consoladores das pessoas atingidas pela violência. Agiam como mensageiros que consolavam os corações aflitos. Às vezes também agiam como pacificadores orientando os mais exaltados a baixarem as armas. Esta foi, em síntese, a participação dos dominicanos nos conflitos de São José do Duro e Pedro Afonso.

O povoado de Pedro Afonso, antigo Rio do Sono, situado junto a confluência do rio do Sono e Tocantins, foi fundado pelos capuchinhos com o objetivo de ser um centro de catequese indígena. A descoberta do caucho no Araguaia trouxe desenvolvimento ao povoado. Sendo um lugar de passagem dos que iam em busca da riqueza proveniente da extração da borracha, se transforma em centro comercial. Esta riqueza naturalmente provocava a cobiça de outros

---

<sup>220</sup>Id. ib., p. 152.

povoados de sorte que também Pedro Afonso sofreu o drama das invasões com as suas conseqüências. As lutas duraram alguns anos(de 1910 a 1926).

Pedro Afonso passou diversas vezes de uma facção para outra; conheceu os horrores da guerra: incêndios ,saques de lojas e casas, fazendas e sítios arrasados, furtos de cavalos e gado etc...E quantas vítimas, mesmo entre os não combatentes, baleadas dentro de suas residências, afogadas nas travessias precipitadas do Rio do Sono!<sup>221</sup>

Os dominicanos presenciaram as conseqüências dessas lutas: viúvas, órfãos, aleijados miseráveis.

A atuação dos dominicanos, nesta realidade de Pedro Afonso, se dá em dois níveis: com os vencidos e com os vencedores. Aos vencidos injetava ânimo e confiança na justiça divina que tarda, talvez, mas não falha. Tentavam tirar da mente das pessoas a idéia de vingança. Aos vencedores pediam moderação e generosidade com os despejados aconselhavam o diálogo, o desarmamento. Procurava afastá-los e dispersá-los alertando-lhes sobre uma possível intervenção do estado que, caso acontecesse, puniria a todos.

São José do Duro era um vilarejo situado ao sudeste de Porto-Nacional, perto das fronteiras do Estado da Bahia. Neste lugarejo a causa da violência foram intrigas políticas. Conforme nos relata frei Audrin<sup>222</sup> o Coronel wolney foi assassinado em sua fazenda, às vésperas do início de um processo contra ele. O filho do Coronel Wolney, Abílio Wolney foge da polícia. A polícia, como reação, prende todos os seus familiares. Abílio reuniu um grupo de jagunços e sitiou a vila do Duro. A polícia em minoria se retira, mas antes de se retirar assassina todos os familiares de wolney que estavam na cadeia. Posteriormente a polícia envia um contingente maior à vila do Duro. Inicia-se ,então, o processo de 'limpeza' executando sumariamente qualquer suspeito de colaborar com os Wolney. Este conflito durou de1918 a1923.

---

<sup>221</sup>AUDRIN, **Entre Sertanejos...** op. cit. p. 241.

<sup>222</sup>Id. Ib. p. 244.

Neste contexto, a atuação do missionário se dá em três níveis: consolando e animando as vítimas; orientando os policiais para evitarem violências e injustiças; e condenando os abusos e reprovando em voz alta a continuação injustificada das medidas arbitrárias de repressão por parte das forças governamentais.

#### 5.4 - A COLUNA PRESTES EM PORTO NACIONAL

Filha dos levantes militares de 1924, no Rio Grande do Sul e São Paulo, a Coluna Prestes, partindo do Sudoeste do Rio Grande do Sul, percorreu 25 mil quilômetros no espaço de 27 meses (dezembro de 1924 a maio de 1927) passando por catorze dos vinte estados existentes na época.<sup>223</sup> Também conhecida por Grande Marcha, Coluna Invicta, tinha, na sua concepção e na sua forma de evoluir, a ‘marca registrada’ dos Tenentes, dos Jovens Oficiais rebeldes da década de vinte.<sup>224</sup> Foi um desdobramento de duas rebeliões frustradas comandadas por jovens oficiais do Exército Brasileiro e também combatidas por outros Oficiais do mesmo exército, repelidos pelas forças legais, retiraram-se para os estados do sul e, reunindo um forte contingente iniciam a “Grande Marcha” que, no primeiro momento, tinha como objetivo derrubar o Presidente da República, Arthur Bernardes. Contava em seus contingentes com a participação de militares bem preparados, tendo por isso uma auto-confiança muito grande. Em um segundo momento, passa a ter um objetivo mais político, sendo então concebida para fustigar e fazer propaganda da luta armada. Percorreu todo o trajeto praticamente a pé ou a cavalo. Durante a sua caminhada travaram aproximadamente 50 combates significativos contra a polícia militar, jagunços, cangaceiros e grupos patrióticos.

A Coluna Prestes era um grupo com um ideal renovador e libertário que, por onde passava, procurava, por exemplo, libertar as pessoas presas injustamente

---

<sup>223</sup>DRUMOND, José Augusto. **A coluna Prestes rebeldes errantes**. São Paulo : Brasiliense, 1985. p. 27.

<sup>224</sup>Id. *Ib.*, p. 37.

e acabar com o uso de palmatórias nas escolas públicas<sup>225</sup>. Os saques feitos por integrantes da coluna, quando descobertos, eram punidos com expulsão e até com pena de morte. Como princípio deveriam se apropriar apenas do necessário para sobreviver. Entretanto em alguns lugares os seus componentes tinham fama de bandoleiros ou cangaceiros, pois deles se esperavam saques, assassinatos e atrocidades. Na realidade esses saques aconteciam muitas vezes por bandidos comuns que seguiam a coluna. Com esta fama de bandidos saqueadores os componentes da Coluna Prestes entra em Porto Nacional aos 13 de outubro de 1925<sup>226</sup>

Quando, em agosto de 1925, Dom Domingos Carrérot, bispo de Porto Nacional, se preparava para uma viagem a Uberaba, já corriam, em Porto, os boatos da iminente invasão da cidade pela coluna. Dom Domingos achava improvável a invasão, visto que os conflitos se passavam longe de Porto. Por outro lado não havia nenhum interesse político na região que justificasse a presença da Coluna em Porto. Por isso no dia 15 de agosto, viajou tranqüilo para Uberaba em companhia de seu colega Dom Sebastião Tomás que seria Sagrado bispo nesta cidade mineira no dia 15 de novembro do mesmo ano.

A Coluna Prestes despertava medo e terror no sertanejo portuense. A imprensa, o governo, descreviam os homens de Prestes como bandidos, desordeiros e perigosos. Com o boato da possível invasão o pânico tomou conta da cidade, pois aqueles homens que incendiaram São Paulo no ano anterior “vêm

---

<sup>225</sup> Quando a Coluna Prestes passou por Porto Nacional libertou um preto velho que, acusado da prática de um homicídio, estava preso numa corrente na cadeia pública da cidade. Absolvido pelo júri, porém a sentença fora lavrada condenando-o a 30 anos de prisão celular, por se achar o Juiz, na ocasião, inteiramente embriagado. Como o advogado não apelou da injusta decisão, o preto velho chamado João Francisco, já estava preso há 11 anos (Cf. Boletim Memória dominicana. p. 26)

<sup>226</sup> Frei José Audrin narra os acontecimentos referentes a presença da Coluna Prestes nos dois textos já citados *Evôquant un long passé* (1892-1952), p.131 a 138 e **Entre Sertanejos e índios do Norte** p.245 a 261. Também encontram-se algumas informações no boletim pró memória n 21 e 22. As informações aqui dadas baseiam-se nestes textos.

agora nos atacar, desesperados, queimando casas, roubando, deshonrando, matando gado, carregando cavalo e burro etc.”<sup>227</sup>

Os boatos embora contivessem um pouco de exagero, tinham um fundo de verdade. Os componentes da Coluna não podiam carregar as provisões necessárias durante a marcha. Tinham ,portanto, que se abastecerem ao longo do caminho. E para isso tomavam á força, roubavam tudo o que precisavam: arroz, feijão, sal, açúcar, arreios, cavalos, reses. De tudo isso o que mais indignava era a matança de gado e a tomada dos cavalos. Havia entre os homens de Prestes um grupo especializado de providenciarem(roubarem) os animais necessários para a longa marcha, pois a maior parte da marcha era feita a cavalo. Dada a extensão do território percorrido e a percorrer, e a quantidade de pessoas, necessitavam de muitos cavalos.

A Coluna marchou 25 mil quilômetros. Há quem lhe atribua até 36 mil. Para se ter uma idéia relativa da extensão dessa marcha lembre-se que a circunferência da terra no Equador é de 42 mil quilômetros, e o litoral brasileiro tem 7.400 quilômetros de extensão. Quanto ao número, frei Audrin afirma que 1700 homens entraram em Porto Nacional.<sup>228</sup>Há autores que afirmam que eram menos: “o número caiu a cerca de 1200 quando retornou de Minas a Goiás(julho de 1925).”<sup>229</sup>Quando entraram em Porto, deveria ter mais de 1200 na medida em que, segundo o mesmo autor, em setembro, houve um aumento do contingente da Coluna. De qualquer maneira eram mais de mil pessoas para comer e andar a cavalo. O pavor dos sertanejos era, portanto, procedente, sobretudo sabendo-se que, no sertão, respeita-se muito o que é alheio. O sertanejo dá com alegria a quem pede, mas não admite e não compreende a ladroagem. Como reflexo dessa sua maneira de pensar, a casa do sertanejo normalmente não tem tranca, pois apenas o ladrão notório entra numa casa na ausência do dono. As maiores queixas contra a

---

<sup>227</sup>AUDRIN. Entre Sertanejos. op. cit., p. 249

<sup>228</sup>Id. Ib., op. cit., p. 253

<sup>229</sup>DRUMOND, op. cit., p. 56.

coluna era, portanto a presença entre eles de bandidos do sertão que se juntavam aos soldados roubando e saqueando a vontade.

Assim o medo crescia cada vez mais, diante das notícias desencontradas, fornecidas pelos viajantes que passavam por Porto Nacional. No começo de outubro de 1925, começaram a chegar a Porto vários fugitivos dos lugares por onde estava passando a coluna. Estes contavam aos portuenses as mais terríveis notícias. As pessoas começaram a abandonar a cidade e, atravessando o rio iam se ocultar do outro lado da mata. Os padres insistiam em acalmar o povo, pedindo que não abandonassem a cidade. Mas a fuga em massa, como era comum nos locais por onde a coluna passava, também acontecia em Porto.

Frei Audrin e fr. Bertrand Olléris, juntamente com o restante da população que permanecia em Porto organizaram um tríduo de oração. Como a invasão não acontecia, após o tríduo, o superior do Convento, frei Audrin, resolve ir ao encontro dos homens de Prestes. Julgava que estivessem acampados não muito longe. Após dois dias caminhando ao encalço da coluna e não encontrando nenhum sinal dos rebeldes, frei Audrin enfraquecido pela malária regressa ao convento de Porto. Quando voltava, encontra com um sertanejo e, escrevendo uma pequena carta, pede para o sertanejo ir ao encontro da Coluna e entregar a missiva para o comandante da tropa. No dia seguinte, o sertanejo chega a Porto acompanhado por um soldado da coluna que trazia uma mensagem tranquilizadora do comando da Coluna que entre, outras coisas, dizia:

Podeis crer, Sr., que não somos, como por aí se tem dito, uma horda de malfeitores, de cujo contato devem fugir as famílias. Defendemos um ideal por que, mercê de Deus, têm sabido morrer alguns moços cuja vida vale por um exemplo, e nos tem guiado, nesta longa luta de quinze meses, uma diretriz bem mais nobre do que propalam os nossos adversários...Se, portanto, tivermos de passar pela vossa cidade, aguardai tranqüilo a nossa chegada, certo de que os nossos corações de brasileiros e a nossa honra de oficiais zelarão com devotamento pela tranqüilidade daqueles que nenhuma culpa têm dos dissídios que ora convulsionam a nossa Pátria.<sup>230</sup>

---

<sup>230</sup>AUDRIN, *Entre Sertanejos...* op. cit., p. 252.

A mensagem tranqüilizou fr. Audrin e a cidade. No dia seguinte, dia 12 de outubro, por volta das 11 horas, entrava na cidade uma forte vanguarda comandada pelo Capitão Paulo Kruger que foi recebida pelas autoridades locais, na atual praça do centenário. Pelas duas da tarde chegou o primeiro batalhão sob o comando do Tenente Coronel João Alberto Lins com mais de quatrocentos soldados. Nos dias 13, 14 e 15 chegaram os três outros batalhões chefiados respectivamente pelos Tenentes Coronéis Cordeiro de Faria, Siqueira Campos e Djalma Dutra, perfazendo assim, segundo frei Audrin, 1.700 homens.<sup>231</sup>

O Estado Maior constituído pelo General Miguel Costa, Coronel Luis Carlos Prestes, Tenente Coronel Juarez Távora, juntamente com a sua guarda e os serviços de policiamento, por insistência dos dominicanos, ficaram alojados no Convento Santa Rosa de Lima e o restante da tropa foi distribuída pelas cercanias da cidade. A Bandeira Nacional foi hasteada bem acima da porta do Convento e sentinelas, revezando-se, na Guarda do QG, dia e noite.

A estadia da Coluna Prestes em Porto ocorreu sem incidentes. Afirma frei Audrin:

Entretanto uma rigorosa disciplina reinava na cidade e muito dos fugitivos voltavam dos seus esconderijos, atendendo aos nossos apelos. Nas rezas do mês do Rosário, à noite, a igreja via numerosos soldados unidos às nossas orações. No domingo, os gaúchos pediram licença para cantarem os “benditos” da sua terra longínqua, e toda a oficialidade assistiu, incorporada, à santa missa. Houve mesmo batizados de algumas criancinhas de mulheres, casadas ou não, que acompanhavam a Coluna.<sup>232</sup>

Após uma séria reflexão, fr. Audrin, em nome de todos os frades, redige um documento dando o parecer da comunidade sobre a Coluna e se colocando à disposição para uma possível entendimento entre a Coluna e o governo. O comando Maior responde deixando fr. Audrin livre para iniciar os passos que melhor lhe convier visando um entendimento entre o Governo e a Coluna Prestes. Foi escolhida

---

<sup>231</sup>Id. Ib., p. 253.

<sup>232</sup>Id. Ib. p. 253.

uma comissão de pessoas influentes a quem caberia o papel de intermediário. Frei Audrin escolheu Dom Sebastião Leme, bispo coadjutor da Arquidiocese do Rio de Janeiro, Dom Miguel Krune, abade beneditino de São Paulo e Dr. Francisco Aires da Silva, Deputado Federal por Goiás. Os nomes foram aceitos pelo Estado Maior.

Porém algumas dificuldades impediram a concretização desse projeto. Os Revolucionários não aceitaram que, na negociação, utilizassem o termo anistia. Queriam o termo entendimento, pois anistia se utiliza para culpados. Por outro lado nem todos os companheiros de Prestes realmente queriam este entendimento, preferiam continuar na luta até as últimas conseqüências. Pesaram muito também as dificuldades de comunicação com o Rio de Janeiro. De tal modo que, enquanto se pensava como encaminhar a problemática, a coluna prestes foi se retirando de Porto Nacional e, no dia 22 de outubro, o último batalhão se retirou.

A ação mediadora dos frades dominicanos foi fundamental para que a passagem da Coluna prestes por Porto Nacional não causasse tantos prejuízos ao povo como acontecera em outros lugares por onde já havia passado. Não houve saques, banditismo, exageros e tão pouco confrontos com jagunços ou outros grupos organizados. Neste episódio, destaca-se a figura do superior do convento, frei Audrin, pela sua coragem de, mesmo adoentado pela malária, ir ao encontro dos revoltosos; pela sua diplomacia acolhendo atenciosamente o Estado Maior no próprio convento dos dominicanos; pela sua sabedoria orientando o povo; pela sua firmeza e coragem na crítica feita ao Estado Maior da Coluna<sup>233</sup> na carta em que apresenta oficialmente uma proposta de entendimento entre o Governo e a Coluna; e, sobretudo, a sua atuação como mediador. Sobre frei Audrin o próprio secretário da Coluna Prestes afirmou: “Frei Audrin é um homem inteligente e ilustrado”.<sup>234</sup>

## 6 - A PRESENÇA DOMINICANA NAS ESCOLAS

---

<sup>233</sup>Em carta dirigida aos comandantes da Coluna frei Audrin afirma: “A passagem da Coluna Revolucionária através de nossos sertões e por esta cidade tem sido um lamentável desastre, que ficará por alguns anos irreparável. Em pouco dias, nosso povo, na sua maioria pobre, viu-se reduzido a quase completa miséria” ( Cf. página 254 da obra *Entre Sertanejos e Índios do Norte*). Vide a íntegra desta carta no anexo 4.



A família Dominicana é composta de frades, freiras e leigos que assumem a espiritualidade dominicana como modo de vida. Segundo os dados mais recentes a família dominicana é composta aproximadamente de sete mil frades, cinco mil monjas, quarenta e um mil irmãos de vida ativa e setenta mil leigos. São pessoas que Buscam, em São Domingos de Gusmão, um modelo e uma inspiração para anunciar o Evangelho.

Ao fundar os seus conventos, os frades procuram, na medida do possível, criar condições para que os outros dois ramos também se estabeleçam. Ao realizarem isso, os frades estão colocando em prática uma das mais antigas tradições da Ordem Dominicana. Seguindo essa tradição os frades dominicanos fundaram aqui, no Brasil, várias fraternidades leigas de São Domingos. Do mesmo modo, desde o início da fundação da Missão Dominicana no Brasil, os frades sonhavam com a fundação de conventos de irmãs dominicanas para colaborarem com eles na obra evangelizadora. Sendo franceses, pensaram em irmãs francesas, do mesmo modo que, os dominicanos italianos da Lombardia, ao chegarem no Brasil em, 1936, logo começaram a pensar na fundação de convento de irmãs dominicanas italianas, o que aconteceu 10 anos mais tarde com a vinda das irmãs imeldinas.

O Bispo de Goiás, Dom Cláudio Ponce de Leon, também desejava que a missão dominicana masculina no Brasil fosse enriquecida com a presença de irmãs dominicanas, pois deseja fundar dois organismos fundamentais para o projeto de evangelização: escola e hospital. Em 1885, por intermédio dos padres dominicanos Dom Cláudio dirigiu um pedido à Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Monteilss, congregação de irmãs dominicanas com sede na cidade de Monteilss, França. As congregações religiosas são fundadas dentro de uma determinada finalidade. A finalidade do trabalho apostólico das irmãs dominicanas de Monteilss se enquadrava perfeitamente dentro dos objetivos do bispo de Goiás.

---

<sup>234</sup>PRÓ MEMÓRIA, Boletim...op. cit. p.23.

A Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Rosário de Monteils tem sua origem em 1850 com o fim específico de ensinar nas escolas rurais. A fundação do instituto religioso sob a liderança da jovem camponesa Alexandrina Conduché(futura Madre Anastasie), apoiada pelo seu tio padre, foi uma resposta para sanar o grave problema do analfabetismo existente no departamento de Aveyron(França) onde 40% dos meninos e 50% das meninas eram analfabetas.<sup>235</sup>

Ao receber o pedido do Brasil em 1885 a superiora geral da congregação, após os procedimentos normais deferiu o pedido e, aos 29 de Janeiro de 1885, as irmãs Maria José,(superiora) Maria Otávia, Maria Leonora, Maria Rosa e Maria Juliana partem da França rumo ao Brasil. Passam por Tolosa para receber a benção do Provincial, Pe. Colchen, visitam Lourdes e permanecem três meses em Portugal para aprender um pouco da língua. Aos 5 de maio, partem da Europa e, após 23 dias de viagem, chegam ao Rio de Janeiro. Se hospedam, por alguns dias, na casa das Irmãs Vicentinas para, em seguida, embarcar para Uberaba. Após uma viagem dura (dois dias de trem , e oito de carro de bois)<sup>236</sup>, cheias de solavancos, poeira, falta de conforto, as seis irmãs chegam a Uberaba, no dia 15 de junho de 1885, trazendo consigo esperanças, sonhos, bagagens ,livros de teologia e dois pianos. Foram recebidas com alegria pela população, tendo a frente o bispo diocesano, Dom Cláudio, que viera de Goiás exclusivamente para recebê-las. Após os cumprimentos de praxe ,acompanhadas pelo povo, se dirigiram solenemente a “Igreja Matriz, onde foi entoado diante do Santíssimo Sacramento, o solene Te Deum de ação de graças.”<sup>237</sup>Se hospedaram inicialmente em uma residência provisória que lhes havia sido destinada. Aí deveriam permanecer até que fossem concluídas as reformas indispensáveis no prédio da Santa Casa de Misericórdia onde seria instalado provisoriamente o colégio.

---

<sup>235</sup>FUNDAÇÃO CULTURAL DE UBERABA. op. cit., p.11

<sup>236</sup> Vide Anexo 5, fig 6.

<sup>237</sup>SANTOS, Pe. Joaquim Thiago dos Santos. **As Irmãs Dominicanas do S. S. Rosário Brasil.** Uberaba : Dominicanos,1931. p. 55.

Seguindo os passos de sua fundadora, Madre Anastasie, as dominicanas de Monteilss, sempre apoiadas e incentivadas pelos padres dominicanos, desenvolveram um importante trabalho no Brasil, no campo da educação. Encontraram, no Brasil, um terreno favorável para exercer o Carisma do ensino, uma vez que o sistema educacional no Brasil era muito deficiente. O trabalho educacional das irmãs se encaixará perfeitamente dentro do projeto reformador da diocese, uma vez que o ensino religioso, no século XIX, foi aos poucos sendo relegado a uma situação secundária em relação ao ensino público. Esse processo culminaria com a laicização do ensino no Brasil, após a proclamação da República. Portanto o pedido de Dom Cláudio e dos dominicanos solicitando a vinda das irmãs para trabalharem na educação no Brasil se justificava plenamente. Além das deficiências da escola pública e da legislação que cada vez mais restringia o ensino religioso nas escolas, havia ainda uma situação agravante: muitas famílias não gostavam de colocar suas filhas nas escolas mistas existentes:

Em Uberaba, a primeira Escola Normal fora criada em 1881, com curso de três anos para jovens de ambos os sexos que pretendiam a carreira do magistério. Embora houvesse muitos partidários da liberalização do ensino da mulher, ainda havia muitas restrições à sua saída de casa para freqüentar escolas mistas. As famílias que não tinham à sua disposição educadoras especiais, preferiam conservar as mulheres na ignorância, confiadas a seus sobrados e não enviá-las para estudar na promiscuidade de uma Escola Normal pública. Daí o dizer do Padre Lacoste às Dominicanas de Bor: “Há na cidade escola para rapazes, mas não há escolas convenientes para moças.”<sup>238</sup> E a prioridade da Congregação de Monteils era exatamente o trabalho educacional com as moças.

Apoiadas pelo bispo e incentivadas pelos frades dominicanos, as irmãs fundaram colégios em todas as cidades onde os filhos de São Domingos já haviam fundado seus conventos.

---

<sup>238</sup> Id. Ib., p. 29.

**O Colégio Nossa Senhora das Dores**, em Uberaba, fundado pelas Irmãs Dominicanas, começou a funcionar em um local provisório, aos 16 de outubro de 1885, com dez alunas internas e um pouco mais de cem alunas externas. Primeiramente este Colégio funcionou num prédio construído para ser hospital. Diante da necessidade de desocupar o prédio para que aí funcionasse um hospital, iniciou-se uma intensa campanha para a Construção de um prédio próprio. O superior do Convento, Frei Raimundo Anfossi, compra um terreno e se coloca á frente da campanha para arrecadar o dinheiro necessário para construir o novo prédio, que seria o primeiro sobrado de Uberaba. Frei Anfossi se fez de Arquiteto e orientou com segurança os pedreiros que estavam um pouco embaraçados pois em Uberaba ninguém ainda tinha visto casa de dois andares. No dia 30 de dezembro, o novo prédio foi inaugurado solenemente. O jornal Gazeta de Uberaba do dia 26/12/ 1895 assim se refere ao Colégio Novo, como passou a ser chamado: “No largo da Misericórdia, na mais alta de todas as colinas, em que se assenta a cidadezinha em que nasci, ostenta-se, garboso, elegante, todo pintado de branco, lindo, dois andares...,o melhor, o mais belo e o mais custoso palacete desta terra.”<sup>239</sup>

No Colégio Nossa Senhora das Dores, as irmãs se dedicavam inteiramente ao ensino primário, secundário e religioso, como também realizaram cursos de pintura, canto, música e piano. Com a supressão da Escola Normal existente em Uberaba, o Colégio Nossa Senhora das Dores foi equiparado às Escolas Normais do Estado.

O trabalho educacional das Irmãs dominicanas, em Uberaba, era bem aceito pela população. O aumento progressivo de alunos confirma a aceitação e a importância do Colégio, que rapidamente começou a atender também às alunas das cidades vizinhas. Os dados colhidos no primeiro livro de matrícula mostra essa ascensão: 1888, 58 alunas; 1890,95 alunas; 1892,166 alunas; 1896, 233 alunas; 1898, 254 alunas.<sup>240</sup>No Colégio, as irmãs dominicanas iniciaram a “mais

---

<sup>239</sup>Id. Ib., p. 41.

<sup>240</sup>Id. Ib., p. 79

importante e fecunda obra de educação feminina e cristã que, por longos anos, não teria rival no interior do país.”<sup>241</sup>

Ainda em Uberaba, as irmãs dominicanas fundaram o Externato Imaculada Conceição para atender à grande quantidade de crianças sem instrução ou que moravam longe e não podiam freqüentar o Colégio. Fundado em 1905, em um bairro mais distante da cidade, com o objetivo sobretudo de atender às crianças pobres e carente, e em pouco tempo chegou a ter 130 crianças pobres freqüentando-o.

Dom Cláudio desejava ter as irmãs dominicanas também em sua sede episcopal. convidou-as ,então, para fundar um colégio, na capital Goiana. Aceito o convite, chegaram a Goiás no dia 5 de setembro de 1889. Para as irmãs dominicanas a viagem de Uberaba foi uma verdadeira aventura. Partiram de Uberaba a 8 de agosto em uma comitiva composta de trinta mulas, dois empregados, um cozinheiro, um guia e um sacerdote. O sacerdote que as acompanhava como mestre e orientador era o experiente Pe. Gallais, francês que, na ocasião estava em Visita Canônica, no Brasil. Durante esta viagem de 29 dias, as irmãs foram entrando em contato com a alma do sertanejo, sobretudo nos “pousos”, geralmente uma casa, escolhida pelo padre. Conhecem a carne seca, a farinha, o feijão preto. Conhecem também a hospitalidade e a religiosidade do sertanejo: quando chegam na casa (pouso), todos os membros da família e os vizinhos, quando existem vêm beijar-lhes as mãos e cumprimenta-lás. O camponês as chamam de ‘Santas Mulheres’. Os camponeses já viram padre. Irmãs eles nunca viram. A primeira vez que eles vêem se espantam e não cansam de olhá-las e observá-las. Fazem as perguntas mais estranhas possíveis. Pensando que o véu das irmãs sejam chapéus pedem para elas tirá-los para melhor refrescar a cabeça. Alguns chegam a levantar-lhes o véu para verem o que há debaixo. Alguns pensam que elas são irmãs

---

<sup>241</sup>Id. Ib. p. 41.

de sangue ou que uma delas é mãe de outra, ou mesmo imaginam que todas são filhas do padre que as acompanha.<sup>242</sup>

Chegando em Goiás, foram recebidas festivamente com bandas de música, chuvas de fogos de artifícios e Celebração Eucarística presidida pelo bispo com o canto solene do Te Deum. Após a acolhida festiva as irmãs começaram a montar sua residência. Em seguida, começavam os preparativos para abrir a escola. No princípio, para o funcionamento das aulas, adaptaram-se duas casas residenciais, no Largo do Chafariz. No dia primeiro de Janeiro de 1890, deu-se a instalação definitiva do **Colégio Sant’Ana de Goiás**. Num primeiro momento, funcionou apenas o curso primário. Em 1907, o Colégio foi equiparado a Escola Normal Oficial do Estado.

As irmãs dominicanas trabalhavam em estreita ligação com os frades<sup>243</sup>. A colaboração destes foi essencial para que elas pudessem levar a frente seu trabalho educacional, particularmente nas primeiras fundações. Logicamente que, posteriormente, elas vão adquirindo luz própria. Por isso o itinerário das primeiras fundações das irmãs dominicanas no Brasil é o mesmo dos frades. “Assim onde ia o escapulário do Padre dominicano, logo em seguida, em se completando, lá vinha o hábito da irmã religiosa dominicana.”<sup>244</sup>

As fundações realizadas pelas irmãs dominicanas em Uberaba e Goiás estavam obtendo pleno êxito pela seriedade e empenho das irmãs apoiadas ,

---

<sup>242</sup>Id. Ib. p. 48.

<sup>243</sup>Na época a colaboração entre religiosos e religiosas na Evangelização era uma característica, não apenas da Ordem dominicana, mas da Vida Religiosa em geral, como afirma o especialista em História da Vida Religiosa, Riolando Azzi: “Um dos aspectos característicos da época imperial é que os institutos religiosos masculinos contam sempre com a colaboração de congregações femininas. Assim ao trabalho dos Padres da Missão uniram-se as Filhas da Caridade; aos capuchinhos de São Paulo, as Irmãs de São José de Chamberry; aos Jesuítas alemães do Rio Grande do sul, as Franciscanas da Caridade e da Penitência; aos Salesianos, as Filhas de Maria Auxiliadora, estas no início da era republicana. **Também os padres dominicanos abrem caminho para a vinda das Irmãs Dominicanas do SS. Rosário**, cuja atividade principal foi a educação da juventude”. CF. ( Os dominicanos no Brasil durante a época Imperial. op. Cit. p. 24)

<sup>244</sup>SILVA, op. cit. p. 420.

fortalecidas e sempre encorajadas pelos seus irmãos dominicanos. O desejo de criar novos centros foi aumentando e novos horizontes se abriam. Seguindo as pegadas dos frades dominicanos, em 1904, lançam mais uma fundação no Norte do Estado em Porto Nacional, situado às margens do Tocantins, a quase mil quilômetros da então capital goiana.

No dia 8 de agosto de 1904, as primeiras irmãs dominicanas chegam a Porto Nacional, concretizando assim o sonho da Congregação, do bispo, dos portuenses e dos frades dominicanos. Todas as queriam como colaboradoras na obra evangelizadora realizada nesta cidade do norte goiano. Os portuenses sonhavam em ter um estabelecimento de ensino para a educação de suas filhas. Chegando a Porto, as irmãs abriram o Colégio, que começou a funcionar, em 1905, em um local provisório cedido por famílias portuenses. Porto Nacional já contava com quatro escolas, duas para cada sexo. “Mesmo assim, pela qualidade de ensino ministrada, a **fundação do Colégio Sagrado Coração de Jesus**, com a escola feminina sendo confiada às irmãs, constituiu um novo marco para o ensino portuense”.<sup>245</sup>

Com a cooperação do povo e a decidida colaboração dos frades dominicanos, em menos de dois anos, construiu-se prédio definitivo do Colégio. Em 1907, a Escola Normal Sagrado Coração de Jesus foi oficialmente reconhecida e, durante trinta anos, foi o único educandário no norte goiano que conferia diploma de normalista.

A aprimorada formação intelectual e cristã do Colégio Sagrado Coração de Jesus, bem como a presença de vários padres dominicanos como professores ou diretores em outras escolas da cidade constituíram-se em fatores fundamentais que fizeram com que Porto Nacional fosse chamada de capital intelectual do norte goiano.

---

<sup>245</sup>GODINHO, Durval C.. **História de Porto Nacional**. (sl.: sl), 1988. p. 71

Seguindo a rota da Missão Dominicana no Brasil, em 1910, as irmãs dominicanas fundam mais um Colégio. Desta vez em Formosa onde os frades dominicanos já estavam estabelecidos regularmente desde 1905. Os missionários dominicanos empenhados na formação intelectual e religiosa da sociedade de Formosa entraram em contato com o Bispo Diocesano, Dom Prudêncio Gomes da Silva e fizeram um pedido à Superiora Geral da Congregação, Madre Maria Boaventura, solicitando a fundação de uma comunidade de irmãs dominicanas em Formosa. Em Janeiro de 1910, Dom Emanuel foi até Uberaba para tratar do assunto. Em seu regresso, trouxe consigo quatro irmãs dominicanas. Chegaram em Formosa no dia 5 de março de 1910 e, aos 5 de abril, fundaram a escola para meninas. No dia primeiro de Julho do mesmo ano, atendendo aos constantes pedidos do povo, instalaram uma escola anexa para meninos de cinco a onze anos, o que constituiu uma inovação para a época.

O governo municipal confiou às irmãs também a direção da Escola Pública. **O Colégio São José** proporcionou formação intelectual não apenas à população de Formosa como também às jovens e adolescentes de Planaltina, Luziânia, Vianópolis, Bela Vista, Sítio D'Abadia, Posse, São Domingos, Silvânia, Arraias, etc.. A partir de 1922, começou a funcionar oficialmente como Escola Normal. As normalistas formadas pelo Colégio São José difundiram o ensino primário por todas as regiões vizinhas.

Os Colégios Nossa Senhora das Dores em Uberaba, Sant' Ana em Goiás, Sagrado coração de Jesus em Porto Nacional, São José de Formosa e Santa Rosa em Conceição do Araguaia, todos dirigidos pelas irmãs dominicanas foram de vital importância para a formação do povo goiano. Neles o goianense recebia uma formação superior a dada nas escolas públicas existentes.





## CONCLUSÃO

No trabalho desenvolvido junto às populações sertanejas os frades dominicanos deram uma valiosa contribuição a esta população bem como à toda sociedade goiana. Quanto a isso não restam dúvidas. Os edifícios, as escolas, as igrejas, os livros escritos, as homenagens e condecorações recebidas<sup>246</sup>, os jornais que iniciaram, as fraternidades leigas fundadas por eles, os conventos, as ruas de cidades com seus nomes, a cidade de Conceição do Araguaia fundada por eles,...continuam testemunhando a significativa passagem dos frades dominicanos pelo sertão goiano.

Riolando Azzi destaca também alguns pontos da ação dos dominicanos no Brasil: o estabelecimento em pleno centro do Brasil em uma região inóspita tornando-se verdadeiros missionários do sertão goiano; as missões populares desenvolvidas de maneira regular e ordenada; a colaboração no projeto reformador de Dom Cláudio; a colaboração com as irmãs dominicanas nas atividades educacionais, o incentivo à devoção a Nossa Senhora do Rosário.<sup>247</sup>

Entretanto, houve pontos negativos, como aponta o mesmo autor:

---

<sup>246</sup>Pró Memória, Boletim Informativo da Província São Tomás de Aquino do Brasil publicou todas as condecorações, distinções, homenagens, premiações e promoções prestadas aos frades dominicanos no Brasil desde 1912 ( Cf. ano III, número 25, novembro de 1991)

<sup>247</sup>AZZI, Riolando. Os Dominicanos no Brasil durante a época imperial. In: \_\_\_\_\_; BEOZZO, José Oscar. Os **religiosos no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo : Paulinas 1986. p.24.

Ao lado dos aspectos positivos, o trabalho pastoral dos dominicanos teve também suas limitações, decorrentes aliás do próprio espírito da reforma católica. Houve certa desvalorização da iniciativa e participação leiga na vida cristã, em decorrência de maior centralização do poder clerical; na ênfase do aspecto sacramental da vida cristã, nem sempre houve o devido apreço para com as antigas formas de devoção popular, como procissões e romarias. Além disso, ao ressaltar o aspecto íntimo e pessoal da conversão cristã, se perdeu, às vezes, a dimensão comunitária e social da fé. Enfim o dominicanos, como os demais religiosos europeus, já possuíam um idéia preconcebida do catolicismo popular tradicional, imbuídos como estavam de uma visão tridentina da Igreja e da religião. Desse modo, nem sempre souberam descobrir as riquezas espirituais subjacentes na fé tradicional mantida pelo povo brasileiros.<sup>248</sup>

Ao longo dessa exposição, ficou claro que os dominicanos não apenas estiveram inseridos no macro projeto de Romanização da Igreja Católica no Brasil, mas também prestaram significativa contribuição para o desenvolvimento do mesmo. Inclusive, como afirma Riolando Azzi na citação acima, esta visão ultramontana, com a sua conseqüente ação pastoral, constituiu-se em um dos limites da própria ação missionária dominicana no Brasil, especialmente no que tange ao relacionamento com as culturas e tradições populares.

Quanto ao trabalho desenvolvido junto às populações indígenas, as interrogações são bem maiores. O próprio Padre Gallais faz as sua interrogações a respeito do trabalho de frei Gil, em Conceição do Araguaia: “Ensinou-lhes o português, orações, catecismo. Fez com que aprendessem a trabalhar,...tornaram-se tão laboriosos como o povo de Conceição e fazem trabalho igual. Sabem cultivar a terra, usar o machado, atrelar bois e cavalos, fazer carretos, etc.”<sup>249</sup>Pe. Gallais continua dizendo que, no entanto, continuam selvagens. Após se perguntar sobre os benefícios que os índios tiveram e sobre o que restou da ação do missionário, ele conclui: “é o que se torna impossível precisar, por que, em tal matéria há muitas coisas que escapam à análise... graças ao zelo perseverante dos que a

---

<sup>248</sup>Id. Ib., p. 24.

<sup>249</sup>GALLAIS, **O Apóstolo** ... op. cit. p. 275.

evangelizaram, houve como que um acúmulo de seiva cristã , que acabou por passar, por assim dizer , ao sangue da raça.”<sup>250</sup>

Outros analistas já pensam diferente do Pe. Gallais e são severos no julgamento. Para alguns o trabalho dos missionários junto aos indígenas foi prejudicial para estes, na medida em que os missionários agiram em proveito das elites econômicas e do Estado.

Para o professor Leandro Rocha a atuação dos missionários foi um fracasso. Cooptados pelas elites cumpriram o papel de afastar os indígenas que representavam um obstáculo aos interesses das mesmas. Afirma o professor em seu trabalho sobre os missionários em Goiás:

Os missionários foram, na maioria das vezes, incapazes de tomar consciência de que a sua intolerância era o elemento explicativo para os conflitos e mesmo para o fracasso de sua atuação. Os missionários cumpriram um papel muito importante como elemento integrador em todo o processo de formulação da Política Indigenista em Goiás, cujo objetivo era a desarticulação da cultura indígena tradicional em nome da introdução dos valores da nossa civilização. Os aldeamentos (estabelecidos pelos capuchinhos, dominicanos e salesianos), deviam-se menos a questões humanitárias do que às reais imposições do momento histórico, marcado pela necessidade de abrir novos campos e pastagens aos elementos das frentes de expansão pecuária, afastar os indígenas, que representavam um obstáculo ao livre estabelecimento das frentes de expansão pecuária, afastar os indígenas que representavam um obstáculo ao livre estabelecimento da navegação, e, desenvolver pontos de apoio, para o fornecimento de mão de obra e víveres, aos navegantes e viajantes das rotas de comércio com o Pará.<sup>251</sup>

Para Darcy Ribeiro, do trabalho dos dominicanos junto aos indígenas restaram apenas alguns índios trabalhando como peões em suas fazendas ou como empregadas domésticas em grandes cidades. Afirma ele:

...Conceição do Araguaia, misto de missão, de catequese e povoação sertaneja, representada respectivamente pela aldeia e o arraial, ambos sob a autoridade temporal e espiritual dos dominicanos. Sucederam-se três gerações de que falava o Pe. Gallais. O arraial cresceu e é hoje a cidade de Conceição do Araguaia, orgulhosa do templo de pedra e cal, das instalações do convento e dos edifícios

---

<sup>250</sup>Id. Ib.,

<sup>251</sup>ROCHA,Leandro. Os Missionário em Goiás. **Coleção Cocar** Fundação Nacional do Índio,1988. p .80.

escolares construídos pelos dominicanos de frei Gil. Mas a aldeia, onde está? Fundiu-se ao acaso na população sertaneja integrada através da instrução ministrada às crianças para isto separadas dos pais? Não. Simplesmente extinguiu-se. Morreu. Dois mil e quinhentos Kayapó do fim do século, resta talvez uma dezena. São peões nas fazendas dos dominicanos que hoje ocupam campos onde caçavam seus antepassados, intérpretes das turmas dedicadas à atração de bandos Kayapó que permaneceram ainda hostis, e empregadas domésticas em Belém e no Rio de Janeiro.<sup>252</sup>

Para a antropóloga Berta Ribeiro, a experiência de frei Gil em Conceição foi um desastre: “Em 1867(sic), um missionário dominicano, Frei Gil de Vilanova, repetiu a desastrosa experiência de Frei Antônio de Ganges, criando um arraial onde reuniu os moradores locais e os índios...Dos 1.500 kaiapó de Pau d’Arco não restou nenhum”.<sup>253</sup>

Para o médico Durval Rosa, o trabalho fruto de desespero e da insanidade de frei Gil foi um fracasso: “O desempenho de Frei Gil, Vilanova atingiu o limiar da insanidade em todas as suas viagens, penetrações pioneiras e trabalho desesperado de catequese, mas ao fim, restou o que julgava ‘secundário’: a colonização por cristãos de extensa área do Rio Araguaia, ainda ostentando a Cruz, mas privada do gentio que não chegou.”<sup>254</sup>

O que restou dos índios? Particularizando um pouco mais a questão: especificamente, o que restou dos índios da Obra catequética de Conceição do Araguaia? Eis a questão. Numericamente de fato nada restou. A aldeia extinguiu-se. Dos 2.000 ou 2.500 <sup>255</sup>Kaiapó moradores nas tres aldeia existentes na região, não restou nenhum. Restou o que era secundário para a missão indígena: a cidade de conceição. A partir dessa constatação, surge uma outra interrogação pertinente: Até que ponto pode-se dizer que o trabalho dos frades dominicanos junto às

---

<sup>252</sup>Apud ROCHA, Leandro. op. cit. p. 68.

<sup>253</sup>BERTA, Ribeiro. **O índio na História do Brasil**. São Paulo : Global, 1983. p. 74.

<sup>254</sup>DURVAL, Rosa Borges. **Rio Araguaia corpo e alma**. São Paulo : USP, 1987. p. 66.

<sup>255</sup> Vide Anexo 3.

populações indígenas foi um fracasso, um desastre e que para nada serviu, a não ser para acelerar o genocídio dos próprios índios na medida em que o trabalho missionário foi cooptado pelas elites dominantes?

Analisado apenas a partir da realidade perceptível pelos sentidos, pode-se concluir que realmente foi um fracasso. Esta análise, a partir apenas da “objetividade” dos números, do palpável, do mensurável é perigosa porque, se aplicada a outros fatos históricos, com certeza pouca coisa restará de significativo e a história da humanidade passará a ser vista como a história do fracasso dos homens. Por exemplo: O que restou da Aldeia Sagrada de Canudos? Apenas a morte e as cinzas da destruição? O que restou da guerra popular do Contestado desenvolvida no sul do Brasil no início deste século? Apenas os destroços causados pela violenta repressão de 6 mil soldados do Estado sobre a Vila Santa? O que restou do Quilombo dos Palmares? Apenas a cabeça do Rei negro Zumbi espetada em um poste da praça principal de Recife? Poder-se-ia continuar perguntando: o que restou do Cangaço, da Coluna Prestes,...

Com certeza restou alguma coisa. As sementes de liberdade desses e de tantos outros movimentos libertários que explodiram no Brasil de ontem continuam brotando aqui e acolá no chão duro do Brasil de hoje.

A análise do fenômeno religioso que utiliza também a mediação da teologia não fecha a questão e se abre para a dimensão transcendental do fato histórico, percebendo também os valores espirituais nele presente. Assim se pode resgatar para a história os valores humanitários e espirituais presentes na Evangelização indígena feita pelos frades dominicanos no Brasil. Essa Dimensão humanitária está presente sobretudo na práxis pacífica do missionário. Práxis esta que é a expressão fundamental da formação teológica, antropológica e espiritual do missionário. Esta práxis com certeza contribuiu para o aumento da consciência do valor do índio como pessoa humana. Saber qual foi a real contribuição da Missão Dominicana no Brasil para o crescimento da consciência sobre o valor do índio constitui, pois, um vasto campo para ulteriores pesquisas.

## ANEXOS

### ANEXO 1- CARTA DE FREI VICENTE DE MELO AO BISPO DO RIO DE JANEIRO D. LACERDA

De Frei Vicente de Melo ao bispo do RJ, dom Pedro Maria de Lacerda.  
São Maximino, 5 de novembro de 1877.

*Recebi seu telegrama, mas era muito tarde para respondê-lo; por isso escrevo a presente (carta). Comuniquei aos superiores a sua carta de Paris. Eles muito agradecem e ficam penhorados por tanta bondade que V. Excia. se digna mostrar conosco. Os mesmos superiores me pediram que respondessem em nome deles, o que segue. Primeiro: Eles aceitam a Missão dos Índios conforme o senhor apresentou com todas as suas dificuldades (inerentes); Pode-se trabalhar na conversão dos índios, é o quanto basta. De minha parte fiz um relatório que o apresentei ao Conselho da Província. Já tinha explicado tudo o que me disse à respeito da dita Missão. Segundo: quanto à fundação no Rio os padres daqui prevêem as dificuldades mas com a graça de Deus e com muita prudência, esperamos poder superá-las. Por isso eles não desistem da empresa. Eis o plano que submetem à aprovação de V. Excia. :um padre partirá daqui de São Maximino o quanto antes. Ele irá ver se é possível, etc. Ele irá vestido como padre secular, para não dar na vista. Para que ninguém fique desconfiado, ele*

*evitará de ir freqüentemente com o senhor, pois assim ninguém pensará que ele está tratando de negócios eclesiásticos. Quando tivermos comprado uma casa um pouco distante da cidade do Rio de Janeiro, para não dar na vista(não levantar suspeitas), começarão a ir os missionários. A fundação será feita como coisa toda nossa, sem que pareça que foi o senhor que nos chamou. Entretanto, os missionários seguirão e trabalharão de acordo com os conselhos a direção de V. Excia. No princípio contentar-nos-emos em confessar e trabalhar na roça, evitando de tratar de questões melindrosas. Mais tarde quando estivermos firmes no terreno, faremos o resto. Entretanto, se surgirem dificuldades(por exemplo) artigos nos jornais,etc., calar-nos-emos, deixando correr o mundo, sem comprometer nossos amigos. Creio que assim o povo se acostumará a nos ver pregar, e pouco a pouco ganharemos os ânimos. Os Superiores tomarão para si todas as responsabilidades e esperam que, uma vez que V. Excia. nos permita estabelecermos no Rio tudo se fará aos poucos e sem atropelos.*

*Em resumo eis o que os Superios desejam que o sr. ficasse sabendo como resposta à sua carta de Paris. Eles muito desejam que V. Excia. nos escreva ou diga de viva voz ao padre portador desta, se aprova o plano, pois, os Superiores querem fazer tudo segundo os conselhos do sr. Os padres superiores ficam muitíssimos agradecidos pela bondade e condescendência de v. Excia. e pedem deitar-lhes sua benção.*

*Li muito atentamente sua carta e quanta consolação tive. Já previa as dificuldades que o sr. me expõe sem exageração. Na verdade(imagina só) se V. Excia chegasse no rio acompanhado com um dominicano vestido com hábito, cabeça pelada (rasura)...Adeus minhas encomendas!... Puvlicarão artigos nos jornais, caricaturas, etc. Por isso aconselhei ao padre Damião a não usar o hábito durante a viagem marítima e na estrada do Brasil.E ele assim quer fazer. Indo, pois, ele (assim) disfarçado, ninguém saberá qual será a finalida de sua viagem. Assim, parece-nos que o projeto poderá realizar-se. Mas enquanto o sr. não (nos)*



*responder(afirmativamente), ninguém partirá(daqui).Creio que agora as dificuldades devem diminuir(com as precauções a serem adotadas).*

*Ah! senhor Bispo,quanto desejei ver no Brasil(os) novos defensores da Religião,da Igreja, do Santo Padre e dos senhores bispos! Tal é o nosso fim principal. Parece que Nosso Senhor quer agora abrir à nosso Pai São Domingos a porta do Brasil e do Brasil iremos fundar casas em Portugal,onde tenho intenções de restaurar tão belas províncias.*

*Os Superiores desejam muito que o sr. (nos) responda (esta carta) anates de partir, pois senão o negócio (contrato) será dificilmente tratado no Brasil: é tão longe e as cartas custam muito a chegar! Se V. Excia. não tiver tempo para (nos) escrever(a resposta), basta dizer ao portador desta se o Padre Prior (fr, Damião Signerin) pode paratir ou não: deite-me a benção. Fr. Vicente.*

Fonte: PRÓ MEMÓRIA Boletim Informativo da Província São Tomás de Aquino do Brasil. Ano III , n. 30, Junho de 1992, p. 123-124

Observação: As palavras entre parênteses são obervações do tradutor.

**ANEXO 2 - CRONOLOGIA DA CHEGADA DOS PRIMEIROS  
DOMINICANOS AO BRASIL, DE 1881 A 1914.**

- 1881 : padres : frs. Raimundo Madré e Lázaro Mélizan (voltaram)  
irmão: fr. Gabriel Mole
- 1882: padres: frs. José Maria Artigue, Miguel Berthet(voltou),Vicente  
Lacoste, Gabriel Desvoisins e José Maria Lucas  
irmão: fr. Alfonso Valseschini
- 1883: padres: frs. Raimundo Anfossi  
irmãos: frs. Antonio Chaillouox e Antonino Rocca
- 1884 : padres : frs. Emanuel Wolstniak e Rosário Mélizan
- 1885 : padre : frei Ângelo Dargaignaratz
- 1886 : padres : frs. André Blatgé, Joaquim Mestelan(voltou) e Germano  
Llech  
irmão: frs. Paulo gonzalez e João Gourlin
- 1887 padres : frs. Vilanova e Domingos Carrérot  
irmão: fr. Louis Casemayou
- 1889: padre: fr. Leão Darié(voltou)
- 1892 irmão : fr. Bartolomeu Merino ou Merinho
- 1893 : padre : fr. Guilherme Vigneau
- 1895 : padres : frs. José Grenier e Jacinto Lacomme (voltaram)
- 1898 : padres : frs. Benevuto Cazabant, Romeu Ondedieu e Sebastião  
Thomás  
irmãos: fr. Jacinto Garcia e Antonino Barret (voltou)
- 1901: padre : fr. Salvador Bras (voltou)
- 1902: padres : frs. Francisco Bigorre e Reginaldo Tournier  
irmãos: frs. Jacinto Garcia e Antonino Barret (voltou)
- 1903: irmão: fr. Guilherme Pires

1904: padres: frs. Domingos Harmois (voltou), Constâncio Cassé, José Audrin Gregório Aleix

1905 : padres : frs. Antonio Sala ( faleceu na França), Bertrando Olléris e Henrique Abbadie (voltou)

1906: padre: fr.Martinho Bennett

1908: padre: fr. Nicolau Dausse (voltou)  
irmão: fr. Domingos Saygnac (voltou)

1909: irmão: fr. Bernardo Preto

1911: irmão: frs. Álvaro e Tiago Guerlinger

1914 : irmão : fr. Martinho de Parra (voltou )

Fonte: PRÓ MEMÓRIA Boletim Informativo da Província São Tomás de Aquino do Brasil. Ano III , n. 26, Junho de 1992.

**ANEXO 3 - PARTE DO RELATÓRIO APRESENTADO POR FREI  
GIL VILANOVA AO CAPÍTULO PROVINCIAL REALIZADO EM  
TOLOSA- 1902**

“Existe em Conceição duas obras que se desenvolveram paralelamente: a primeira consiste em evangelizar os índios da tribo Caiapó; a segunda consiste em prestar todos os socorros da religião a numerosos cristãos que vieram estabelecer-se em volta de nós.

OBRA DOS CRISTÃOS - Estes últimos são cerca de dois mil e seu número aumenta de dia para dia. Formou-se desde a nossa chegada ao Araguaia uma verdadeira corrente imigratória, que parte do interior das províncias vizinhas. A Piedade de nossos cristãos é muito grande. Todos sem exceção(sic), se confessam e comungam várias vezes por ano; muitos o fazem semanalmente, e as comunhões nos primeiros domingos de cada mes atingem muitas vezes 150 e mais. Os missionários construíram escolas, cujos professores foram pagos até o ano passado. A situação nesse ponto modificou-se; a escola dos rapazes é de agora em diante subvencionada pelo estado do Pará, e a escola das meninas deve ser substituída por um colégio das nossas Irmãs Dominicanas. Uma delas já foi aceita como professora do governo do Pará, e é possível que o mesmo se possa fazer, no mês de outubro, com duas outras. Todas tres terão direito a vencimentos.

É de lamentar que não tenhamos capela, mesmo modesta(pois o rancho em que celebramos missa não merece tal nome). É pena não termos à nossa disposição esse poderoso meio de favorecer a piedade admirável dos nosso cristãos.

OBRA DOS ÍNDIOS- A nação que evangelizamos é a do Caiapós, que se divide em grande número de grupos. Os grupos que se acham em nossas imediações e cuja existência já se verificou chamam-se Chikris, Purucaruts, Gorotirés, Nhangagakris. Um último grupo, aquele com o qual nos estamos ocupando agora,

conservou o nome de Caiapó. Pode-se avaliar o número do índios desta tribo em oito para nove mil.

O grupo dos Caiapós (entre 2.000 e 2.500 índios) compreende tres aldeias. estamos em relações de amizade com as tres aldeias. Vamos livremente a casa deles, como muito à vontade veem eles a nossa casa, receber presentes. Os índios dessas aldeias, em número aproximado de quinhentos, vieram estabelecer-se perto de nós e confiaram-nos seus filhos.[...].

NOSSOS PEDIDOS-Para assegurar estes resultados e expressá-los mais ainda, pedimos com toda a humildade aos revmos. Padres Definidores:

a) Que nos dêem dois ou tres missionários mais. Somos realmente muito poucos para desempenharmos nossa missão. [...].

b) Temos necessidade ,em segundo lugar, de bons irmãos Conversos. Parece-nos que o seu papel tem uma grande importância em nossa missão, não só por causa dos trabalhos a executar e do considerável movimento de nossa casa, ocasionando pela presença das crianças e de um grande número de índios adultos, como também porque os Irmãos Conversos devem ser, sob esse ponto de vista, professores de ofícios. Um ensino profissional prático, bem entendido e elementar, que fizesse das nossas crianças agricultores, marceneiros,etc. deve completar a educação recebida na escola.[...]

c) Deveria ainda insistir muito na fundação do colégio de nossas Irmãs, se já não fosse o caso resolvido. Agradeço sinceramente aos revmos. Padres que se empenharam nisso. Para o futuro trabalharemos com mais coragem ainda, uma vez que nossas Irmãs ali estarão para completar a nossa obra. O externato para as meninas cristãs, o internato para as mocinhas selvagens, as salas de trabalho para as índias adultas farão avançar rapidamente a conversão dos Caiapós.

DESENVOLVIMENTO ULTERIORES- Desejaria ainda dizer uma palavra a respeito do desenvolvimento que a nossa Catequese é capaz de receber mais tarde. [...]

Sem ter a pretensão de querer só para nós toda a região cujos limites já tracei mais acima, desejaria para a nossa Ordem tomássemos algumas posições que nos assegurassem um território compacto e nos conservassem as vantagens de primeiro ocupantes.

Para isso seria necessário:

1. Procurar atingir os grupos de nação Caiapó que nos pertencem ainda[...]
- 2 Preparar uma fundação junto aos Carajáss da Ilha do Bananal.
3. Procurar assegurar-nos a evangelização dos Chavantes que habitam o Rio das Mortes e Cristalino.

[...] Estes tres postos darão à nossa Ordem o curso do Araguaia, ligarão nossa missão indígena aos conventos de Porto Nacional e de Goiás; são,além disso, bastante próximos para que se possa ir facilmente de um a outro por via fluvial. Temos, além disso, para a evangelização dessas tribos, vantagens adquiridas que seri lamentável não utilizar.[...]

Resumo dos nossos pedidos:

1. Dois ou tres missionários.
2. Dois ou tres Irmão Conversos.
3. Um auxílio pecuniário a título extraordinário e por uma só vez.

4. Permissão para fazer as primeiras tentativas de atingir os grupos Caiapós, Carajás e Chavantes.

F. Gil Vilanova”

**FONTE: GALLAIS, O apóstolo do Araguaia: Frei Gil Vilanova missionário domincano. op. cit. pp. 240-248.**

**ANEXO 4 - CARTA DE FREI JOSÉ MARIA AUDRIN DIRIGIDA  
AO ESTADO MAIOR DA COLUNA PRESTES.**

Ilmo. Senhor General Miguel Costa.

Os poucos dias decorridos depois que V. Excia. e seus distintos auxiliares do Estado Maior se dignaram aceitar uma humilde hospedagem em nosso convento de Porto Nacional, foram suficientes para patentear-nos além de seu fino cavalheirismo, a bondade de seu coração e a sinceridade de suas aspirações patriótica.

Somos e permanecemos depois deste rápido contato seus admiradores sinceros, ao mesmo tempo, amigos compadecidos e dedicados.

Primeiro porque acreditamos em homens que o vil interesse não guia, e que sabem imolar tudo pela defesa e obtenção dum ideal. Segundo, porque além dos sofrimentos físicos e privações que verificamos em sua dura jornada, advinhamos um sem número de sacrifícios íntimos, que há quinze meses suportam estoicamente par alcançar um fim almejado.

Nada mais precisamos acrescentar, Sr. General, para obter de V. Excia. a licença de apresentar algumas observações e formular alguns desejos.

Antes de tudo, seja nos lícito cumprirmos um dever.

A passagem da Coluna Revolucionária através de nossos sertões e por esta cidade tem sido um lamentável desastre, que ficará por alguns anos irreparável. Em poucos dias, nosso povo, na sua maioria pobre, viu-se reduzido a quase completa miséria.



Isto é, sobretudo, deplorável porque este humilde povo nenhuma culpa teve nos acontecimentos passados, ignorando até, em sua quase totalidade, os distúrbios de 1924 em São Paulo e Rio Grande do Sul.

Portanto, Sr. General, se é grato dever para nós reconhecermos a elevada disciplina que tem reinado na Coluna, quanto ao respeito aos lares e ao cuidado extremo do Estado Maior e Comandos de Batalhões em prevenirem e castigarem severamente qualquer ofensa à moralidade e ao sossego do povo se acreditamos que os danos materiais sofridos pela população em gado e animais, longe de serem motivados pelo instinto do roubo, são apenas uma imposição vexatória mas fatal das duras necessidades da guerra, -sentimo-nos, não obstante, forçados a deplorar tais prejuízos e a erguer contra eles, perante V. Excia., nosso protesto.

A generosidade de seu coração, Sr. General, facilmente lhe fará compreender que nosso silêncio seria falta grave às obrigações do nosso sagrado mistério apostólico. Não poderá V. Excia. ofender-se ao ouvir-nos repetir a palavra dos Apóstolos: “Não podemos não falar”

Cumprindo este dever, Sr. General, volveremos novamente os olhos para V. Excia. e seus dignos companheiros. Mais uma vez o afirmamos: parte-se de dor o nosso coração ao ver essa pleiade de jovens e distintos brasileiros metidos nessa luta insana, entranhados em nossos remotos e bravios sertões, separados há tantos meses de seus pais, mães, esposas talvez e filhos, perseguidos pelo Governo, e ignorando quando raiará para todos a aurora da paz.

E o mesmo sentimento que nos tem obrigado a lamentar as misérias do nosso povo, excita-nos a procurar um meio de contribuirmos para a conclusão de tantas angústias.

Por isso, Sr. General, perguntamos a V. Excia., senão haveria um meio de tentarmos perante as autoridades da República, em entendimento entre o Governo e os Revolucionários. Embora desconhecidos no Brasil, embora privados de meios de

comunicações, não nos seria possível procurar alguns intermediários capazes de iniciarem ao menos uma troca de idéias?

Se V. Excia, achar que este nosso propósito não é inoportuno nem exagerado, peço-lhe o obséquo de indicar-me qual deveria ser nossa atitude, quais nossas palavras, quais condições enfim que julgar convenientes, para iniciar alguma tentativa junto ao Governo da República.

Dirigindo-lhe estas linhas, Sr. General, ditadas não só por sentimento de caridade cristã, mas também pelo amor que tributo sincero à sua Pátria, espero que V. Excia, como cristão e bom brasileiro, as receberá com agrado e reconhecerá a lealdade do seu criado att. dedicado.

fr. José-M-A. Audrin.

Porto Nacional, 21 de Outubro de 1925.

Fonte: AUDRIN, **Os sertanejos e Índios do Norte**, Rio Agir, 1946. p. 254ss.

## ANEXO 5 - FIGURAS

*Fig. 1 - Os missionários partindo para a desobriga.*

*Fig. 2 - O missionário catequizando o Índios.*

*Fig. 3 - O trabalho indígena.*

*Fig. 4 - O burro, principal meio de transporte do missionário.*

*Fig. 5 - A celebração da missa na praia do Rio Araguaia.*

*Fig. 6 - O carro de boi: utilizado para o transporte de cargas pesadas.*

*Fig. 7 - A catedral de Porto Nacional.*

*Fig. 8 - Grupo de missionários dominicanos. Sentado, ao centro,  
Domingos Carrérot.*

*Fig. 9 - O missionário atravessando o rio durante uma desobriga.*

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### LIVROS

ALCE, p. Venturino . **Storia di una Missione**. Bologna : Imartedi, 1987.

ARRUDA, J. Jobson. **História Moderna e Contemporânea**. São Paulo : Ática, 1980.

AUDRIN, J.M., **Entre Sertanejos e Índios do Norte**. Rio : Agir, 1946.

\_\_\_\_\_, **Os Sertanejos que eu conheci**. Rio de Janeiro : Agir, 1963.

\_\_\_\_\_, **Êvoquant un Long Passé. ( 1892-1952)**. Brochura, 1965

AZZI, Riolando. Os dominicanos durante a época imperial. In: \_\_\_\_\_ ;BEOZZO, Oscar. **Os religiosos no Brasil - enfoques teóricos**. São Paulo : Paulinas, 1986.

CARONE, Edgar. **República Velha : Instituições e Classes Sociais**. São Paulo, 1970.

BEDOUELLE, GUY. **Domenico la grazia de a parola**. Roma : Borla, 1984.

\_\_\_\_\_.O movimento Brasileiro de Reforma Católica durante o Século XIX. REVISTA ECLELSIÁSTICA BRASILEIRA. Petrópolis : Vozes, v. 34, fasc. 135, setembro 1974

\_\_\_\_\_. Dom Antonio de Melo, Bispo de São Paulo (1851-1861), e o Movimento de Reforma Católica no Século XIX. REVISTA ECLESIÁSTICA BRASILEIRA. Petrópolis : Vozes, v. 35, fasc. 140, dezembro 1975.

BERNADOT, frei Vicente(org). **São Domingos e Sua Ordem**. Rio de Janeiro : Olilmpia, 1957.

- BERTA , Ribeiro. **O índio na História do Brasil**. São Paulo : Global, 1983.
- BERTEN, Fr. Ignace; CHENU, Fr. Dominique; ROCHA, Fr. Mateus et al. **Os Dominicanos**. São Paulo : Província dominicana, 1981.
- BERTHET, Frei Michel. Uma viagem de missão pelo interior do Brasil. Tradução de Laura Chaer. MEMÓRIAS GOIANAS I. Goiânia : UCG, 1982, p. 156.
- BIBLIA. Português. **BIBLIA SAGRADA**. Trad. Centro Bíblico Católico. 34. ed. rev. São Paulo: Ave Maria, 1982
- BORGES, Rosa Durval. **Rio Araguaia corpo e alma**. São paulo : USP, 1987.
- CADERNOS DE HISTÓRIA DA IGREJA..Dom antonio de Macedo Costa. São Paulo: Loyola, 1982.
- CHOCARNE, P. **Lacordaire**. Buenos aires : Difusion, 1942.
- CORALINA, Cora.. **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais**. Goiânia: UFG, 1977.
- DIAZ, Felicíssimo Martinez. **Domingos de Gusmão o Evangelho Vivo**. Tradução de frei Alano Porto de Menezes. Uberaba : Vitória,1993.
- DRUMOND , José Augusto. **A Coluna Prestes rebeldes errantes**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LACORDAIRE, Henrique. **Vida de São Domingos**. Lisboa: Tipografia Inglesa.
- FRANCHET, Gerardo de. **As vidas dos Irmãos**. Fátima(Portugal) : Secretariado Provincial, 1990.
- FUNDAÇÃO CULTURAL DE UBERABA. **Dominicanas: Cem anos de Missão no Brasil**. Uberaba : Vitória,1985.
- GALLAIS, Estevão. **O Apóstolo do Araguaia: Frei Gil missionário dominicano**. São Paulo : Revista dos Tribunais, 1942.
- \_\_\_\_\_. **Cartas do Brasil**. Juiz de Fora : Dominicanos, 1995. (Coleção Memória Dominicana).
- \_\_\_\_\_. **Une Mission Dominicaine au Brasil**. Marseille : Marseillase, 1893.
- GODINHO, Durval C. **História de Porto Nacional**. Porto Nacional, 1988



- HINNEBUSCH, W. A. **Breve História da Ordem dos Pregadores**. Porto: Família dominicana. 1985.
- LLECH, Frei Germano. Dominicanos em Goiás. REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS.. [s.l : s. n.).
- NEVES, Frei Lucas Moreira; CINTRA, Frei Raimundo; MENDONÇA, Frei José de Azevedo et al. **Dominicanos DCCL**. São Paulo : Duas Cidades, 1966.
- MARIA, Julio. **O Catolicismo no Brasil**. Rio de Janeiro : Agir, 1950
- OLIVEIRA, Pedre A. Ribeiro. **Religião e dominação de Classe**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- PALACÍN, Luis G. **Coronelismo no extremo Norte de Goiás o Padre João e as três Revoluções de Boa Vista**. São Paulo : Loyola, 1990.
- PALHA, D. Luiz. **Índios do Araguaia costumes e lendas coisas vistas e vivida**. Goiânia : Líder [s. d.].
- ROCHA, Leandro. Os Missionários em Goiás. Coleção COCAR FUNAI, 1988.
- ROGIER, L. J; AUBERT, R.; KNOWLES, M. D. (orgs.). **Nova história da Igreja**. Vozes : Petrópolis, 1971.
- SILVA, Cônego J. Trindade da Fonseca. **Lugares e Pessoas**. São Paulo : Salesianos, 1948.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. **Em busca dos pobres de Jesus Cristo : o pensamento de Bartolomeu de Las Casas**. São Paulo: Paulus, 1995.
- TAPIE, Pére Marue H., **Chez les peaux-rouges**. Paris : Plon,1926,
- \_\_\_\_\_, **Feuilles de Route d'un missionnaire**. Montpellier : Manufacture, 1921.
- TOURNIER, Reginaldo. **Lá Longe no Araguaia**. Trad. de Soares de Azevedo São Paulo : Revista dos Tribunais, 1942.
- SHUMANN, Breno; JERKOVIC, Jerônimo. **Lutero 450 anos depois**. Petrópolis : Vozes, 1971.
- VICAIRE, Humbert. **Storia di San Domenico**. Roma : Paoline, 1983

## **FONTES DE NATUREZA PRIMÁRIA (PUBLICADAS)**

Relatório Une Mission Dominicains au Brésil (enviado ao Mestre Geral da Ordem pelo Provincial Pe. Gallais, por ocasião de sua Visita Canônica ao Brasil realizada de Junho de 1892 a Janeiro de 1893).

PRÓ MEMORIA Boletim Informativo do Arquivo da Província São Tomás de Aquino do Brasil ( Do número 1 ao n. 44 : 174 páginas).

Revista Mission dominicain.

Revista “O Mensageiro do Santo Rosário.

Crônicas do Convento de Uberaba.

Crônicas do Convento de Formosa.

Cadernos da Coleção Memória Dominicana (publicado em Juiz de fora pelos dominicanos):

1. Frei Gil Vilanova
2. Frei Vicente de Melo
3. Frei Guilherme Vigneau
4. Frei Estevão Gallai
5. Frei Ângelo Dargaignaratz
6. Frei Raimundo Anfossi
7. Frades Dominicanos no Brasil
8. Frei Gil Vilanova e suas excursões em busca de índios
9. Frei Antônio Sala
10. Radio Educadora do Araguaia
11. D. Domingo Carrerot
12. Cartas do Brasil- Frei Estevão Gallais

Polyanthéa comemorativa do quinquagésimo aniversário da fundação dominicana. no Brasil.

## **FONTES DE NATUREZA PRIMÁRIA ( NÃO PUBLICADAS)**

(Correspondências do AGOP - Arquivo Geral da Ordem do Pregadores em Roma, Santa Sabina-. Correspondências referentes aos dominicanos da Província de Tolosa de 1879 a 1901 que tem alguma relação com a Missão Dominicana no Brasil.)

Carta do Pe. Cormier, Provincial de Tolosa, a frei Melizan, Itália, datada de 15 fevereiro de 1879

Carta do bispo de Goiás, Dom Eduardo ao Pe. Provincial de Tolosa datada de 06 de fevereiro de 1897.

Carta assinada por vários frades enviada do Convento São Maximino para o Mestre Geral, datada de 1 de março de 1880.

Carta enviada ao Mestre da Ordem, de Mazéres, assinada por vários frades , datada de 22 de novembro de 1880.

Cartas assinada por vários frades enviadas de Salamanca ao Mestre Geral nas seguintes datas: 1880; 26 de fevereiro de 1881; 2 de março de 1881 e 15 de Junho de 1881.

Carta assinada por vários frades, enviada de Salamanca aos missionários que estão no Brasil, datada de 14 de mar

Carta do Pe. Tapie(Tolosa) ao Mestre da Ordem datada de 1880(Não foi possível identificar o dia e o mês).

Carta de frei Vicente Tomás de Melo (França ) ao Mestre da Ordem datada de 24 de fevereiro de 1881.

Cartas enviadas por Pe. Colchen ao Mestre Geral com as seguintes datas: 22 de Junho de 1882; 22 de Dezembro de 1882; 31 de Janeiro de 1884; 1 de Junho de 1885; 13 de Junho de 1885; 31 de Janeiro de 1886; 11 de Dezembro de 1886; 30 de Janeiro de 1887; 21 de Abril de 1887; 1 de Maio de 1887; 17 de Dezembro de 1887; 8 de Dezembro de 1888; 23 de Novembro de 1881; 25 de Maio de 1896; 25 de Maio de 1898.

Cartas enviadas por Pe. Gallais ao Mestre Geral com as seguintes datas: 3 de Novembro de 1881; 12 de Setembro de 1890; 19 de Dezembro de 1881; 25 de Março de 1892; 3 de Maio de 1892; 17 de Maio de 1892; 2 de Março de 1895; 24 de Julho de 1887 de de Dezembro de 1887; 22 de Julho de 1885; 29 de Setembro de 1895; 22 de Dezembro de 1895; 22 de Março de 1898; 26 de Junho de 1898 e 27 de Julho de 1898.

Cartas Enviadas por frei Darié ao Mestre da Ordem com as seguintes datas: 21 de Janeiro de 1897; 13 de Abril de 1897; 14 de Setembro de 1897 e 25 de Setembro de 1897.

Cartas enviadas por Frei Lacomme ao Mestre da Ordem com as seguintes datas: 12 de Dezembro de 1898; 17 de Abril de 1900 e 17 de Junho de 1900.

Cartas enviadas por frei Gil Vilanova ao Mestre da Ordem com as seguintes datas: 22 de Novembro de 1880; 20 de Setembro de 1883; 14 de Novembro de 1886; 18 de Dezembro de 1886 e 27 de Janeiro de 1891. Carta do Padre Lacoste, datada de 27 de Fevereiro de 1885.

Carta do Padre Dargaignaratz ao Mestre da ordem, datada de 10 de Abril de 1885.

Carta de Vários Frades do Convento São Maximino ao Mestre da Ordem, datada de 23 de Maio de 1886.

Carta de frei Gil Vilanova ao Mestre da Ordem com as seguintes datas: 24 de Novembro de 1886; 18 de Dezembro de 1886;.27 de Janeiro de 1887.

Carta enviada de Goiás, pelo Padre Madré, ao Mestre da Ordem, datada de 6 de fevereiro de 1887

Carta enviada por frei Emanuel ao Mestre da Ordem, datada de 15 de fevereiro de de 1887.

Carta da comunidade de Porto Nacional ao Provincial e ao Capítulo Provincial, datada de 11 e Março de 1887.

Relatório da Missão no Brasil (12 página) enviado de Uberaba, por frei Jacinto M. Lacomme ao Padre Provincial na França, datata de 17 de abril de 1900.